

REVISTA DA SEMANA



NA CAPITAL CR\$ 1,50 — NOS ESTADOS CR\$ 2,00

— 4-5-46





As fotografias que aqui estampamos foram colhidas domingo último no Hipódromo da Gávea, e por elas podemos constatar como estiveram animadas as corridas ali realizadas. Como sempre, as tribunas estavam repletas de elementos representativos da nossa sociedade.

JOCKEY CLUB MUNDANO



O SOLITARIO DA AVENIDA BEIRA-MAR

NUM APARTAMENTO DO CASTELO VIVE
E SONHA UM POETA — MAÇOS DE CI-
GARRO E LIVROS, AMIGOS DE TODAS AS
HORAS — SOBRE O OLHAR MAGOADO
DA TRISTEZA, A CORTINA DE FUMAÇA
DA IRONIA — MANUEL BANDEIRA FAZ
VERSOS E COA CAFE'

Escreveu CELIUS AULICUS

Fotografou ARNALDO VIEIRA

Manuel Bandeira estende-nos um papel. Duas laudas datilografadas, que não chegam ao fim. Algumas notas biográficas, um resumo mais que sintético de sua vida. Mesmo porque, a vida de um poeta não cabe num pedaço de papel. A vida de um poeta não é como a dos outros homens, não pode ser escrita nem descrita, não há palavras para contá-la, não há letras para escrevê-la. A vida de um poeta é dor, é sofrimento oculto, é máguia recalcada, são lágrimas que não puderam ser choradas. E nem o próprio poeta, por mais que a inspiração lhe venha ao peito, pode nunca escrever a sua própria vida. A mão emperra, a caneta se prende ao papel branco. O verso último e supremo, fica sempre no próprio coração do poeta. E morre com ele, comparsa de sua desventura, confidente de seu segredo. Se o poeta tentar escrever ou falar o seu verso supremo, ele se nega a sair, e se prende às cordas da laringe, ou se deixa estar, "atro e subterrâneo, no fundo do encéfalo cansado". Grande foi Augusto dos Anjos por ter descoberto esta verdade. Para que um poeta escrevesse a sua própria vida, vivida e sonhada, seria necessário que ele rasgasse o próprio coração e lançasse o seu sangue sobre as pautas do papel. Mas assim mesmo, a linguagem daqueles vocábulos vermelhos não seria para os homens mais que palavras desconexas de hieroglifos desconhecidos.

CINZA DAS HORAS

Hoje, no seu apartamento solitário da avenida Beira Mar, Manuel Bandeira recorda os velhos tempos de sua estréia na literatura. Deitado na cama, com uma velha mesa de sanatório sustentando a máquina portátil, escreve para o reporter uma ligeira notícia biográfica em torno dele mesmo.

Ao ruído dos tipos que batem descompasadamente sobre o papel, as cinzas das horas vão caindo sobre o quarto do poeta. O ar fica

SENTADO SOZINHO — Com Casimiro de Abreu, solitário num recanto da sala de seu apartamento, o poeta olha para o vazio. Solitário? — Não. A presença confortadora de seus velhos amigos os livros o anima e encoraja na luta que, apesar de seus 90 anos ainda não foi terminada.



baço, as cinzas sobrem todas as coisas. O passado invadiu o quarto. O quarto desfez-se no passado.

Estamos no dia 19 de abril de 1886. Nas-

ceu em Recife, no solar de uma das mais tradicionais famílias da tradicional cidade, um garoto, igual a todos os garotos do mundo.

Estava em festa o lar do dr. Manuel Car-

neiro de Souza Bandeira, engenheiro civil especializado em hidráulica e futuro Inspetor de Portos, Rios e Canais, com o nascimento de um menino que na pia batismal receberia o nome de ?

Que nome afinal seria dado ao menino ?

— Vamos botar o nome do pai ?

— Vamos.

Ebotaram. O rapaz ficou sendo Manuel. Não chegamos a saber se houve um apelido familiar para diferenciar pai de filho. Mas o nome haveria de se tornar inconfundível, alguns anos depois, quando o Brasil inteiro consagrasse o poeta Manuel Bandeira, ex-futuro arquiteto.

Em verdade, nada mais natural que a escolha dessa carreira para o garoto: O pai se fizera conhecido como engenheiro hidráulico; o filho o admirava e, conseqüentemente, ligava ao seu amor filial o interesse pelas coisas da arte de construir e da ciência dos cálculos.

Quando completou dez anos, já taludinho, foi o menino Manuel embarcado para o Rio, a fim de brilhar nos preparatórios.

Em 1903 matriculava-se na Escola Politécnica de São Paulo. Começou com entusiasmo o seu curso de arquiteto. O seu primeiro ano de aluno da Politécnica foi um sucesso.

Aqui, há um período confuso na pequena auto-biografia datilografada por Manuel Bandeira. Diz ele que ficou doente nas férias, e se viu obrigado a procurar um sanatório na Suíça. A seguir, declara, em letras vermelhas, que lançou o seu primeiro livro, "Cinzas das Horas", em 1917, já de regresso da Europa. Ficamos portanto sem saber se a poesia foi a causa ou efeito da moléstia. Pode ser até que tudo não tenha passado de mera coincidência.

O fato é que, o poeta inato que vivia latente em Manuel Bandeira, apareceu um dia, com "Cinzas das Horas". Muita personalidade, muita inspiração. Mas havia em tudo, como que uma herança de Antonio Nobre. De uma maneira nova, ele sentia as mesmas dores e as mesmas angústias, embora as expressasse sempre com uma linguagem toda própria e mais quente, que a da lira do triste poeta português. Para isto, talvez haja concorrido o fato de ter Manuel Bandeira passado vários anos no mesmo sanatório que abrigara o vate luso. Mas, aquela sensibilidade análoga à de Antonio Nobre, que o havia de acompanhar por toda a vida, não era desconhecida ao poeta. E em seu soneto dedicado à memória do antecessor, ele o tratava como a um mestre, embora o primeiro outra afinidade não tivesse consigo a não ser o sofrimento e a angústia comum a ambos.

RITMO DISSOLUTO

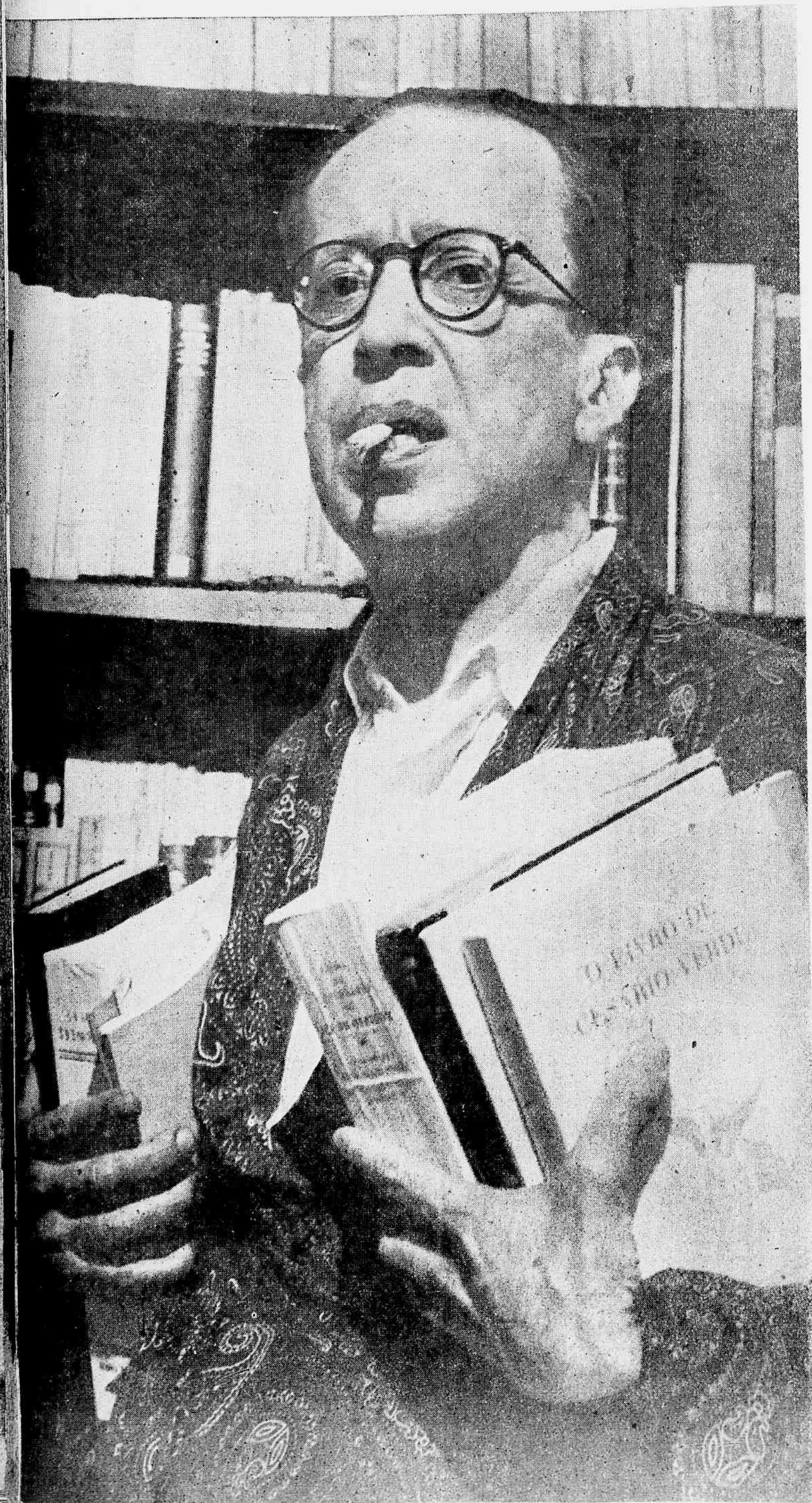
Aquela amargura que transparecia à flor da pele, aqueles versos lacrimosos, porém, perderam-se pouco depois, sob a cinza das horas.

Não sabemos nada a respeito das mudanças da vida vivida do poeta. A vida sonhada de quase todos os poetas, prende-se porém, estreitamente à existência real, mudou bastante. Isto pode acontecer a Manuel Bandeira. Que o seu futuro biógrafo, não nós, diga a verdade sobre o caso. Ela caberia num volume pesado, não no espaço racionado de uma reportagem. O fato entretanto é que a lira do poeta muito evoluiu, no sentido da sensualidade, de "Cinza das Horas" para "Carnaval".

Vejamos, para prová-lo, a distância que vai de seu primeiro soneto, que ele nos ofereceu datilografado com dois dedos, ao seu poema bacanal, abertura do segundo livro.

E eis o soneto:

LIVROS, LIVROS AS MANCHEIAS — Manuel Bandeira foi à sala e, após uma escolha rigorosa, trouxe para o quarto o material para um domingo inteiro de boa leitura. São dois os melhores e mais constantes amigos do poeta: o cigarro e o livro. Os livros e os cigarros se espalham por todo o pequeno apartamento do solitário da Avenida Beira Mar. Maços e maços de Hollywood estão jogados sobre mesas e estantes, de mistura com Cervantes, Dante e Milton...



COM QUE
gráfica. Fo
panhando-o
este espanto
Bandeira.

Minha janel
Vi a janel
O luar é o
Ao vê-lo, un

Dentro da m
Velhas reco
Ela vinha ch
Sentindo um

Tempo pass
Desabrecha
E em todo o

Ele veio bus
E eu não p
Hoje não te

Vejam
creve a s
pagodeira
so mesm
o filho d



COM QUE MAGOADO OLHAR, MAGOADO ESPANTO o poeta mira a objetiva fotográfica. Foram-se os arrebatos pessimistas de sua mocidade, mas ficou sempre, acompanhando-o por todos os seus longos sessenta anos de existência este olhar magoado e este espanto ingênuo, que era um pouco de Antonio Nobre e muito dele mesmo, Manuel Bandeira. Mesmo sorrindo, o solitário poeta deixa transparecer em seu olhar, todo o espanto magoado de mais de meio século de lutas e trabalhos.

OH! PRIMAVERA, GIUVENTU DIL ANNO, GIUVENTU, PRIMAVERA DELLA VITA — Nos anos de sua juventude, colhido por grave enfermidade, o poeta Manuel Bandeira foi obrigado a passar uma longa temporada num sanatório da Suíça. Talvez tenha sido essa reclusão demorada na casa de saúde que o levou a se aproximar tanto da lira magoada de Antonio Nobre. A sua conversação e o seu sorriso porém, que ainda se conservam os mesmos dos velhos tempos. Mas, em tudo, a mesma máguia transparece.

Minha janela dorme aberta. Ora, o luar
Viu a janela aberta e entrou discretamente.
O luar é o mistério e o sonho: quem não sente
Ao vê-lo, uma saudade apagada acordar?

Dentro da noite, triste e só, fico a lembrar
Velhas recordações. Como hoje, antigamente
Ele vinha chamar-me, e eu saía contente,
Sentindo uma ternura imensa me inundar.

Tempo passado! E porque é maio, agora, e em flor
Desabrocham rosais, e toda a várzea é linda,
E em todo coração nasce cantando o amor:

Ele veio buscar-me, o velho e bom luar.
E eu não posso segui-lo! E que o pudesse ainda.
Hoje não tenho mais amor com que sonhar.

Vejamos agora o poema em que ele descreve a sua sede monumental de orgia e de pagodeira. Pelo princípio, pelo primeiro verso mesmo, já se vê como tinha ficado sabido o filho do dr. Manuel:

BACANAL

Quero beber! cantar asneiras
No esto brutal das bebedeiras
Que tudo emborça e faz em caso...
Evoé Baco!

Lá se me parte a alma levada
No torvelim da mascarada,
A gargalhar em doido assomo...
Evoé Momo!

Lacem-na toda, multicores,
As serpentinas dos amores,
— Cobras de lividos venenos...
Evoé Venus!

Se perguntarem: que mais queres,
Além de versos e mulheres?...
— Vinhos!... o vinho que é meu fraco!...
Evoé Baco!



O alfange rútilo da lua,
Por degolar a nuca nua
Que me alucina e que não domo!...
Evoé Momo!

A lira etérea, a grande lira!...
Porque eu estático deslira
Em seu louvor versos obscenos,
Evoé Venus!

Os ritmos de Manuel Bandeira passam, então a ser dissolutos. Ele próprio reconhece isto no título de seu terceiro livro. A máquina de escrever continua o seu trabalho ao compasso da máquina do tempo. Ele vai escrevendo o nome dos livros que compôs, recordando-se dos poemas de outros tempos: "Libertinagem", "Estrela da Manhã", foram volumes de versos que se seguiram a "Ritmo Dissoluto". Veio por fim "Lira dos Cinquenta Anos". Hoje já se encontram todos os seus

versos metidos numa só encadernação, sob a epígrafe "Poesias Completas de Manuel Bandeira".

O ÚLTIMO CAPÍTULO DA AUTO-BIOGRAFIA

Depois de ler a primeira lauda da pequena auto-biografia datilografada de Manuel Bandeira, não pudemos deixar de perguntar ao poeta:

— E nunca escreveu em prosa? Pergunta de "foca" esta, ou melhor, pergunta de quem não tivesse assunto, pois nós mesmos já tivemos ocasião de ler ensaios e crônicas do poeta. Ele, sem estranhar a nossa aparente ignorância, manda que viremos a página para ler a outra lauda de sua auto-biografia.

E lá estavam as notícias sobre os seus livros em prosa, as "Crônicas da Província do

Brasil", o "Guia de Ouro Preto", as "Noções da História das Literaturas" e a "Apresentação da Poesia Brasileira".

Tomando a palavra, Manuel Bandeira diz ainda, desta vez de voz própria, que tem a publicar outro livro de estudos literários, cujos originais já foram entregues à editora da Casa do Estudante.

UM HOMEM SO'

— E está trabalhando presentemente em alguma obra? — perguntamos ao poeta, encerrando uma entrevista.

— Trabalho ainda, escrevo poesia, mas não tenho o propósito formado de lançar outro livro. Talvez lance. Não quero porendar entrevista. Poderia parecer cabotinismo.

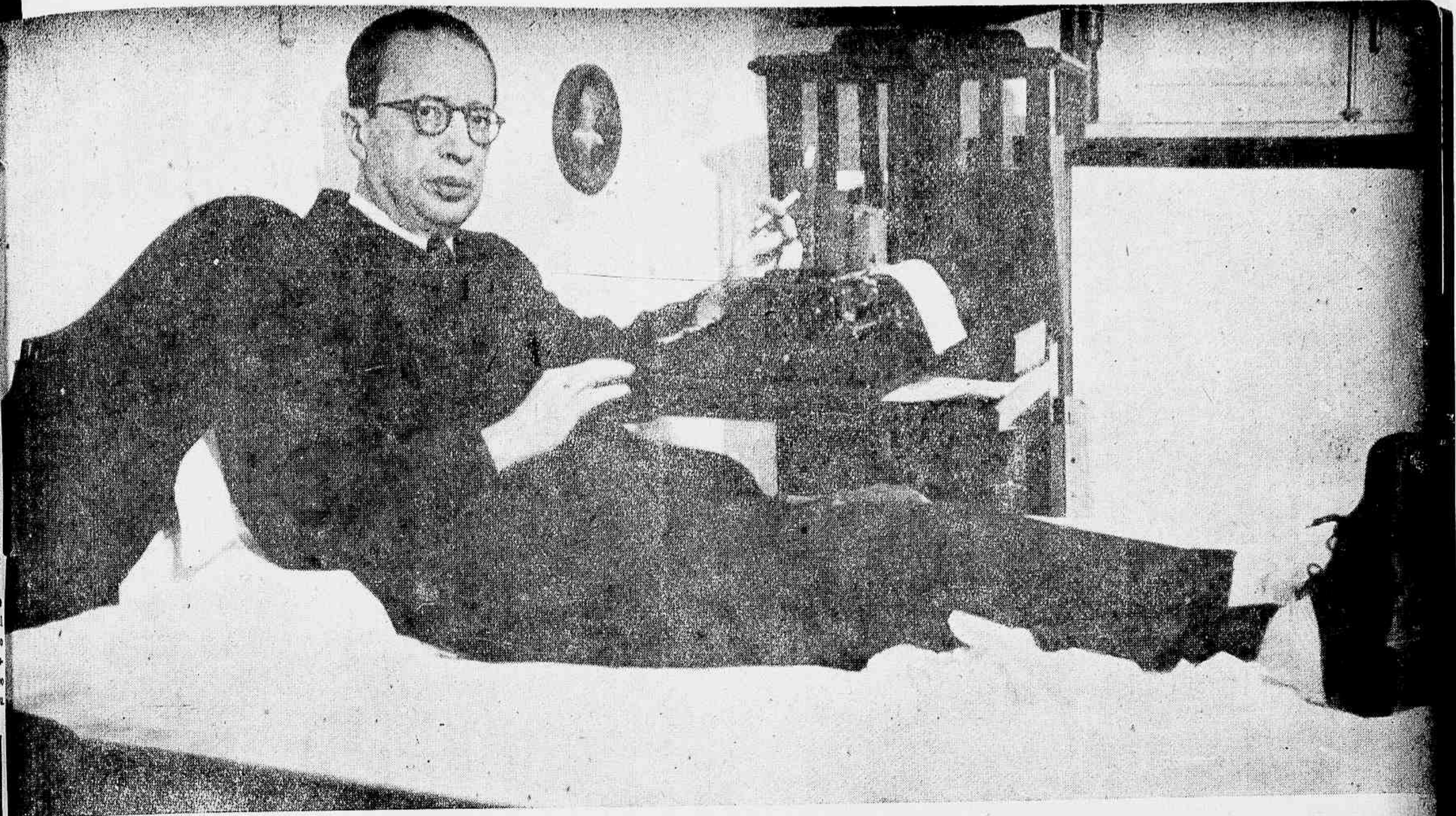
— Certo. Vamos fazer apenas uma reportagem biográfica. Falta entretanto o capítulo atual. Precisamos saber como você

E EM TODO O CORAÇÃO NASCE CANTANDO O AMOR — Tempos antigos, tempos perdidos. Na lembrança dos anos passados, há sempre uma música evocativa, cujos acordes fazem renascer velhas saudades guardadas no fundo do inconsciente. E em todo o coração nasce cantando o amor, se a música chega aos ouvidos de quem uma vez amou, de quem alguma vez foi "conde assim", como o foi Antonio Nobre. Manuel Bandeira, o solitário da Av. Beira Mar tem em sua radiola um arsenal de poesia perdida no passado longínquo.

E EU VIVI TÃO SOZINHO — Tão solitário vive o poeta de "Cinza das Horas", que se vê obrigado a fazer ele próprio o seu cafezinho da manhã. Por força do hábito, Manuel Bandeira acorda todos os dias mal o sol aponta no céu carioca. Apanha o pão, acende o gaz, e mete-se na tarefa prosaica de coar o seu café. Mas, pouco a pouco, o cheiro de prendido do bule vem lhe trazer lembranças poéticas da infância e da adolescência, tempos dos sonhos impossíveis e do pessimismo injustificável. Os anos passaram, mas o hábito ficou.



ções
senta-
ra diz
tem a
rários,
ditora
te em
ta, en-
a, mas
car ou-
porem
inismo.
ma re-
o o ca-
o você
ras", que
o, Manuel
acende o
eiro des-
ia, tempo
bito ficou



VOA, MEU CANTO! E' A HORA DA PARTIDA — E' daqui, de sua cama rústica, que Manuel Bandeira, puxando para junto de si a máquina portátil posta sobre a mesinha de sanatório, produz as suas poesias irônicas, por traz das quais se escondem ainda quele "magoado olhar, magoado espanto" de seus primeiros versos. Há, nesta vida solitária, a sublimação de uma máguia intensa, que evolva hoje da poesia de Bandeira sob o manto pesado da coluna de fumaça da ironia. E atrás de tudo, os ideais inatingidos: As três mulheres do sabonete Araxá e a distante Passagarda...

vive, como mora, como dorme, o que faz além de escrever versos...

— Para isto, não preciso falar. Entrem e varejem o meu apartamento. Como diz o velho rifão, "traste que não parece com o dono é iurtado". Os meus trastes falarão por mim.

Varejamos o apartamento do poeta. Um apartamento comum. Uma entradinha, dessas entradinhas que deram lugar ao trocadinho íntimo e expressivo: "apartamento". Uma geladeira. Agora, porém, sobre um movei que tanto pode ser estante como camiseiro, mas que aqui, ao que parece, faz papel de cristaleira, estão dispostos objetos muito raros nos apartamentos do Rio: Um retrato autêntico em fotografia, de Santa Terezinha do Menino Jesus, com os cabelos corridos e uma expressão mística no olhar. Um oratório pequeno, destes velhos e saudosos oratórios que só se encontram nos fundões de Minas e da Bahia, está colocado ao pé da Santa, mostrando ao fundo um Cristo horrível de madeira pálida. E, coroando todo esse recanto pitoresco, num grito de revolta contra o anacronismo devoto daquelas coisas santas, preso à parede por um prego hereje, o galo de Portinari, sem São Pedro.

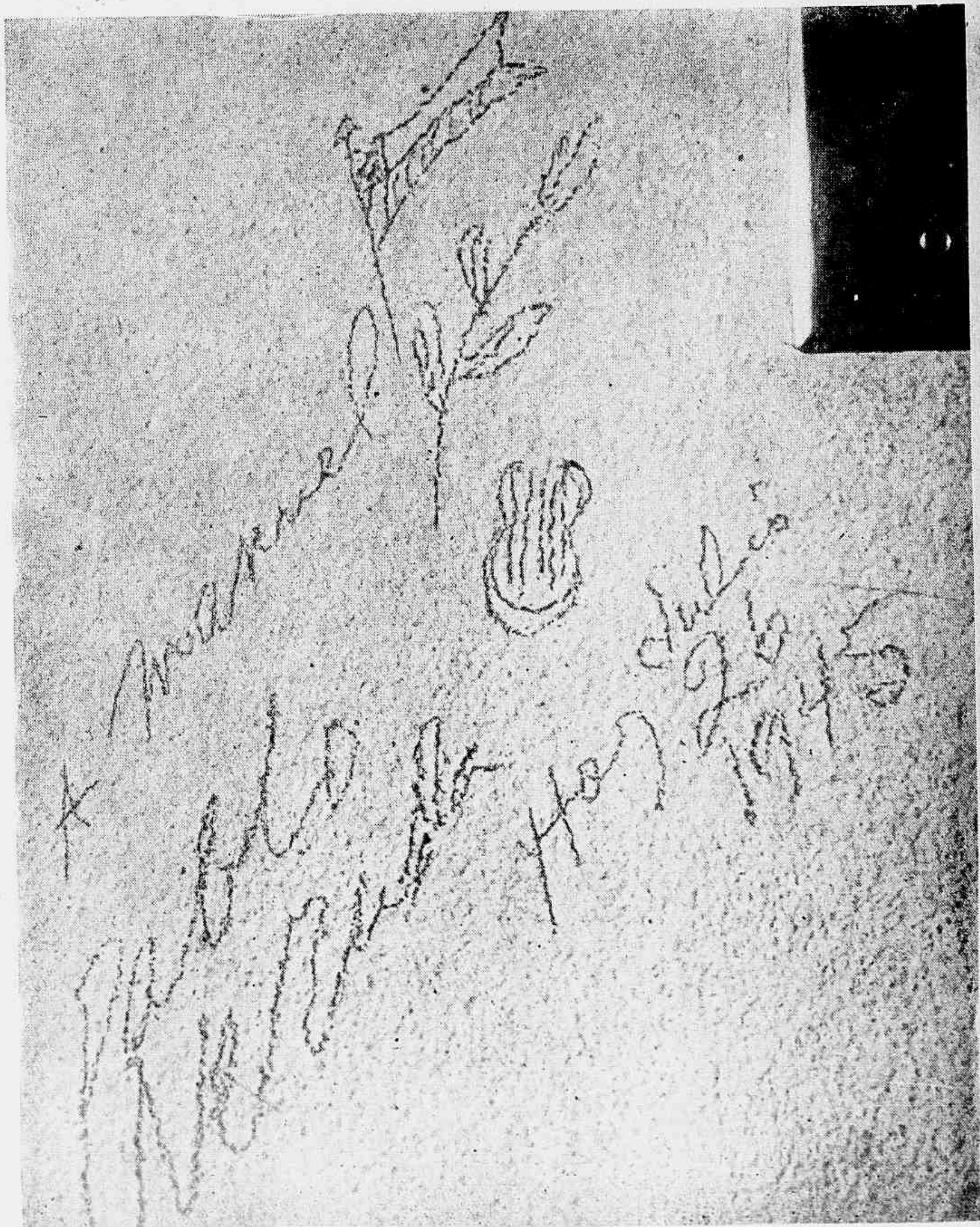
LIVROS, LIVROS AS MANCHEIAS

Como princípio, nada melhor. Passamos à sala contígua, onde está instalada a biblioteca do poeta. Mentimos. A sua biblioteca está espalhada por toda a casa, invade a salinha de entrada, toma de assalto a cozinha, trepa pelas paredes do banheiro.

Numa estante ampla e larga, posta ao fundo da sala, eles se enfileiram nas prateleiras superlotadas, num apartamento de bonde Cascadura. O problema do espaço foi resolvido em parte, pois o poeta fez colocar nesta estante prateleiras duplas, que pudessem acomodar duas filas de volumes cada uma. Mas a madeira amarelada do móvel parece gemer o peso de tanta ciência e de tanta erudição.

Do outro lado da sala, outra estante. E outras e outras. Elas estão postas no quarto de dormir, na cozinha, em toda a parte. E

HEREDAMOS TU SANGRE, QUE NO TUVE REPOSO — Aqui está o único mural de Pablo Neruda. Na parede da sala do apartamento de Manuel Bandeira, o grande poeta chileno deixou esta inscrição: "A Manuel Bandeira, Pablo Neruda. Hoy, Julio, 26, 1945". E uma lira completou a lembrança. Ai está, em lacônicas palavras, a mensagem de fraternidade do poeta chileno ao poeta brasileiro. Ambos têm a correr nas veias o mesmo sangue heróico e nobre, o sangue bárbaro de Castro Alves e Santos Chocano.





EU F
que co
de qu
ironia
olhar
e pass



onde
dos s
mesa
litári
ça ca

dos c
fia d
que

deira
livro
tisfe

velh
tro
Man

que
crev
das
ges.
cob
rou
mu

sob

F
nu
me
de

via
ser

gra
tan
lav
ma
me

so
ap
de

tr
si
no
x:
P
a
B

p
n
à
t
d

F
s
c
3

Sobre as cadeiras, livros. Sobre a geladeira, livros. Livros por toda a parte, livros, livros às mancheias. Castro Alves ficaria satisfeito se entrasse aqui.

ENTREGUE A SUGESTÃO EVOCADORA DO ERMO — Aqui está o poeta Manuel Bandeira aproveitando, na manhã de domingo, a sugestão evocadora do ermo, que o ferido fez nascer entre as paredes dos arranha-céus. Estão longe os empregados dos escritórios, as máquinas de escrever não metralham em ritmos desencontrados. Tudo é silêncio. A solidão convida a pensar. E o poeta pensa, no silêncio da varandinha do seu apartamento. Sessenta anos de vida, milhares de versos escritos. No entanto, ainda é necessário aproveitar a sugestão do ermo.



EMBORA A FIGURA CHORASSE Augusto Rodrigues conseguiu dar-lhe um quê dessa ironia alegre, que não se encontra nos olhos e sim na poesia de Manuel Bandeira.

BUSQUE A ALMA SEMPRE A GLORIA QUE NÃO PASSA — O poeta, num canto de sua biblioteca, em frente ao seu próprio busto, relê ainda com as canções dos primeiros dias de sua carreira, "Os Luziadas".

ele mesmo, acendendo o gás e lavando o vasilhame.

Manuel Bandeira nos oferece as suas duas últimas produções. O cafézinho, tomamo-lo nós, mas o seu epitáfio de Mario de Andrade, último e pequeno poema, última e suprema homenagem que ele presta ao amigo, não pudemos deixar de oferecê-lo aos nossos leitores:

RUA DEZESSETE, N.º ZERO

Fui procurar-te à última morada,
Não te encontrei: apenas encontrei
Lousas brancas e pássaros cantando...
Teu espírito, longe, onde não sei,
Da obra na eternidade assegurada,
Sorri aos amigos que te estão chorando.

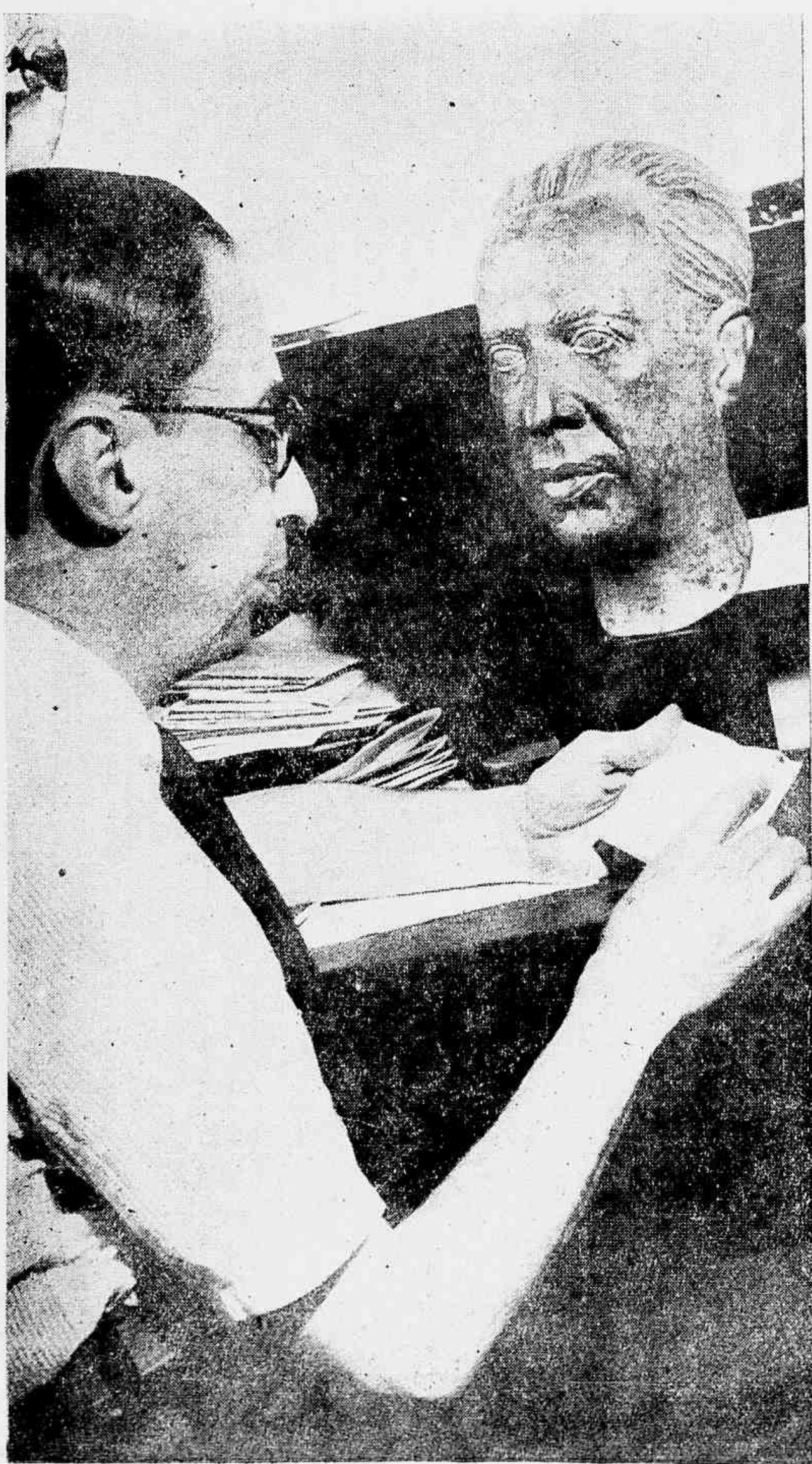
Este é o último poema de Manuel Bandeira. Com ele no bolso, achamos que não tínhamos mais o que fazer e nos despedimos:

Adeus, Manuel Bandeira. Vamos embora levando o seu poema. Este será o último.

Você fez sessenta anos, mas os seus cabelos pretos estão a dizer que ainda muitos anos te esperam encontrar em cima da terra, no seu apartamento solitário da avenida Beira Mar. Muitos versos você ainda terá que escrever, antes que escreva o último. Mas este, Manuel Bandeira, o "último número", você não conseguirá escrevê-lo nunca. Procuro inspiração nos livros que o cercam, nos amores que se foram, nas bacanais que cantaste, nas flores, nas mulheres, nos quadros de Portinari, nas palavras de amizade de Pablo Neruda. E tudo se mostrará seco e árido. E tu has de guardar sempre o teu "último número" dentro do cérebro e dentro do coração, como o guardaram até hoje todos os poetas. Pois não há mãos ou bocas que possam exprimir o que sentem os cérebros e os corações dos poetas.

Agora Manuel Bandeira, já vimos tudo o que podias mostrar. Vamos embora. Parabéns pelos seus gloriosos sessenta anos. Obrigado pelo cafézinho. Vamos embora, Manuel Bandeira. Vamos embora pra Pasárgada.

CHORA POR MIM, VIOLÃO — Do Recife, de onde veio ainda bem criança, Manuel Bandeira trouxe o amor ao violão. Não é nenhum Canhoto, mas sabe "tirar" com graça e sentimento, canções e valsinhas.



REPORT

O solitário

Figuras

Uma vis

Nos Bas

LITERA

Préce

O miste

Despre

Retros

Livros

Centen

CURIO

Os mell

Perfum

Hello

SECCO

A Sem

Aconte

A REV

FEMIN

Nos Ba

Sugest

Creação

Manhã

Seu Tr

Femin

use

LOC

CABE

VOLV

N

REV

Lana

de Ho

center

cuja

reinic

R

EME

A

D

★

NESTE NUMERO

N.º 18
4-5-46

CYMA

RELOGIO SEM IGUAL



CHRONOGRAPHO DE ALTA PRECISÃO

REPORTAGENS

O solitário da Avenida Beira Mar 3/10
Figuras e Fatos 13
Uma visita aos estúdios de Walt Disney (Celestino Silveira) 22/26
Nos Bastidores do "Martir do Calvário" 39/41

LITERARIAS

Préce (Sagrador) 15
O mistério de Hilda (John P. Oppenheim) 17
Desprendimento (Henrique Oscar) 30/31
Retrospecto (Andrés Maurois) 34
Livros Novos (João Luso) 35
Centenário de Saldanha da Gama (Escragnolle Doria) 38

CURIOSIDADES

Os melhores amigos dos cegos 16
Perfume, rastro de sonho e de civilização 20/21
Hello 36/37

SECCOES

A Semana em Revista 12
Aconteceu no Rio 19
A REVISTA em Hollywood 32/33
Artes Plasticas 42

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Kitty) 27
Sugestões de Eleanor Powell 28/29
Creações britânicas 44
Manhãs frias 45
Seu Tricot 50
Femininas 51



Numeros atrasados desta
revista no Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

RAVESA CAMP S SA ES 85 - BE FM

HUMORISMO

De bom humor 18
"Charge" de Raul 52

NOVELA

"A vidente" (Amaral Gurgel) 57/58

Nossa Capa



Lana Turner, a "estrela"
de Hollywood que mais re-
centemente nos visitou, e
cujas atividades vem de ser
reiniciadas nos estúdios da
Metro.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Harmonioso



como a Musica no seu Lar

LUSTRES
CANDELABROS
CANTICAIS
APLIQUES

Os lustres de cristal, criação
altamente artistica, consti-
tuem o complemento das
mais modernas e luxuosas
residencias. Escolha os lus-
tres de cristal fabricados pela
Cristaleria Lusitana que lhe
oferece uma variedade de
lindos modelos dignos de um
ambiente de bom gosto.

CRISTALERIA
LUSITANA
LTDA

AV. CELSO GARCIA, 1501 - TELEFONE 9-3710 - SÃO PAULO
RUA BUENO AIRES, 52, 1º ANDAR - TELEFONE 43-152 - RIO DE JANEIRO

O PINCE-NEZ DE OURO

ORIGINA DE 1.º ORDEN
AVIAM-SE RECEITAS ME-
DICAS COM EXATIDAO

ÓCULOS, PINCE-NEZ, LORNGHONS
R. CARIOCA N.º 28

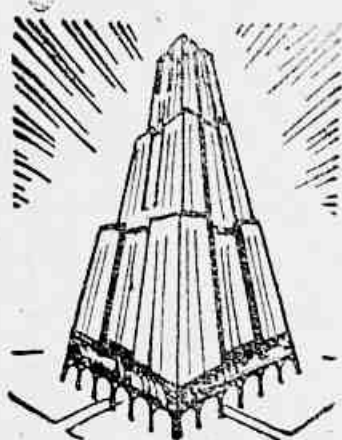
Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 - RIO

JOIAS, RELOGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES

A SEMANA EM REVISTA

RUIU UM CASTELO DE CARTAS



Todos sabem que o gabarito fixado para as construções no Distrito Federal é de 22 pavimentos. Apesar disto, os jornais da semana passada estamparam repetidas vezes um maravilhoso "croquis" da idealização do desenho de um plano de ante-projeto de um magnífico edifício de 55 andares, que uma companhia se propunha a incorporar mediante vasta subscrição pública. Farta matéria paga foi distribuída aos jornais. Nestas publicações, explicava-se que o "Palacio Portugal", para cuja construção contribuíram os membros da colônia lusá, com os seus vastos cabedais, seria um pedaço da terra portuguesa plantado no próprio coração do Rio. As frases bombásticas dos artigos encomendados nos órgãos luso-brasileiros, tocavam bem fundo o coração dos emigrantes ibéricos, para que eles, comovidos até às lágrimas pela grandiosidade da patriota idela, caíssem com os seus fartos pacotes para a construção do prédio. Um jornal, muito conhecido pelo seu pendor salazarista e anti-democrático, fez a apologia do grande empreendimento, em artigos, crônicas e notícias. Faltou apenas que um de seus redatores erguesse ao incorporador do edifício uma epopéia no feitiço dos Lusíadas. Entre outras novidades, o jornal afirma que já se havia telegrafado aos consu-

les de cidades dos mais longínquos territórios portugueses, daqueles e dalem mar, solicitando-lhes a remessa de pequenos sacos de terra dessas províncias imperiais, para servir de berço ao alicerce do "Palacio Portugal". Entre as colônias citadas estavam Moçambique, Macáu e o Brasil. Sim senhores! O Brasil! Mas, passemos adiante. O incorporador do prédio, Antonio Magalhães de Macedo, é um sujeito humanitário. Não visava lucros. Queria apenas juntar dentro do seu palácio de 55 andares todas as associações portuguesas existentes no Rio. Ali estariam instalados o consulado e a chancelaria da embaixada, o oratório, a banda, e mais sociedades recreativas e beneficentes. Talvez, até as cervejarias da praça Onze encontrassem um lugar no sub-solo. E o palácio tomava paginas de jornais, de alto a baixo e, só Deus sabe porque, o projeto não era publicado seriamente com o "continua no próximo número" posto ao pé. Rui, porém, o castelo de cartas. A estrutura do "Palacio Portugal", que seria construído ninguém sabe onde nem quando, não resistiu ao peso do arlete que lhe arremessou o reporter Edmar Morel, descobrindo que o seu incorporador era fichado como estelionatário na Polícia de Minas. Os bandos a que seriam recolhidos os fundos públicos, um era um tamborete de propriedade do próprio Macedo e, ao outro, este devia muito dinheiro em títulos protestados e apontados. Morreu antes de nascer, o "Palacio Portugal". Mas quase consumou a chantagem. Tudo isto aconteceu sem que ainda haja equiparação de direitos. E se houvesse?

NA INDIA MISTERIOSA



LONDRES, 28 — O Conselho Privado da Grã-Bretanha deverá determinar o que há de verdadeiro na anunciada ressurreição do Rajá de Buhopal, cremado na Índia em 1909.

No entanto, a viúva do Rajá nega que o atual "presidente" seja seu marido.

O conselho iniciará o estudo do caso sendo que a viúva Srimati Bibabti deverá depor a fim de provar que seu marido foi realmente cremado em Darjoling, na Índia, depois de ter falecido à meia noite no dia 8 de abril de 1909.

Diz-se que o "monzor" apagou a pira funerária onde estava sendo cremado o Rajá, ressuscitando-o. Segundo a crença, o Rajá vagou depois como um mendigo durante 12 anos pela Índia até que um dia em

Calcutá recobrou a memória regressando imediatamente a Buhopal, a fim de reconquistar a esposa e o palácio. No entanto, sua viúva não o reconheceu, bem como muitos de seus parentes.

E assim, o conspicuo, conservador e tradicional Conselho Privado da Grã-Bretanha se vê envolvido, por força das circunstâncias, num ruído caso de fetiche, muito próprio da velha Índia, onde os fakires encantam serpentes e onde os magicos fazem viver as caveiras nas noites de plenilúnio.

Por muitas vezes o famoso Conselho Privado deve ter intercedido em caso

similares, antes de Cromwell. Não sabemos se já existia então o Conselho. Mas naqueles tempos saudosos, existiam bruxas e bruxedos. Carlos I, por certo, mandou queimar vivo muito feiticeiro e plantar sobre as sepulturas carvalhos fortes, para que o espírito dos magos não voltassem a fazer das suas na Inglaterra.

Depois, a Inglaterra incrementou a colonização da Índia. Tropas Imperiais foram mandadas para o país dos Marajás. Passou-se a época das columbrinas e das espingardas de estopim, veio a era da metralhadora e da bomba atômica. Junto ao palácio branco do Rajá, cujos serralhos e harenas dormiam a sesta tranquilos e silenciosos entre os lagos de borda de mármore, ergue-se edifício da Universidade de Delhi.

A Índia ia perdendo o encanto. Os tratores sulcavam os campos alagados, os tecelões se sindicalizavam. Os heleantes brancos dos rajás vieram sendo aos poucos substituídos pelos modernos "Rolles" que eles importavam diretamente de Londres.

Já nem se ouvia falar da Índia, as únicas notícias que lá nos chegavam contavam apenas que Gandhi iniciara uma nova greve de fome, ou que Nerhu se dispunha a enfrentar a força do Imperialismo Inglês.

Agora, porém, com o rumoroso e misterioso caso do Rajá de Buhopal, ressuscitado por um Benzer em 1909, a Índia renasce em toda a sua misteriosa beleza, em todo o seu romântico mistério. Isto, senhores das agências telegráficas! Queremos passado! Estamos fartos de presente. Queremos coisas assim. Rajás ressuscitados e Conselhos Privados Ingleses.

O CRIME DA PANELA



Cotado de Antonio Soares Bento! Está desmoralizado. Antonio Soares Bento, talvez o leitor já se tenha esquecido dele, foi aquele que assassinou sua mulher e, com a ajuda da amante, esquartejando-a, meteu-a numa mala e mandou-a despachada para Niterói.

Há alguns meses, esse grande criminoso se encontra preso, esperando o julgamento. Era, até aqui, o grande criminoso. Mas agora, uma mulher conseguiu passar-lhe a perna. Uma mulher de Reggio Emilia, cidade do norte da Itália. Uma mulher que se chama Leonarda Cianciulli e está sendo julgada perante o tribunal de sua comunidade pelo crime de triplo assassinato. Vejamos o que fez ela.

Durante muito tempo, perdendo noite de sono e esgotando dias de locubrações, Leonarda pensava apavorada na crise que pesava sobre a Itália. Não tinha dinheiro para comprar alimentos, não tinha dinheiro para comprar roupas. E as roupas estavam ficando sujas. Leonarda pensou em lavar ela mesma as suas roupas. Mas cadê o dinheiro para comprar sabão? — Ora, a mulher havia aprendido na escola que o sabão é uma substância química que ata-

ca a sujeira, e aprendera também que, para se conseguir essa substância, bastaria que se fizesse reagir uma gordura contra uma base, em ambiente de alta temperatura. A base, ela conseguiu-a logo, comprando na venda da esquina uma lata de soda cáustica. Mas a gordura é que era... Onde conseguir o precioso corpo, justamente o mais racionado em toda a extensão da terra de Dante? Leonarda não teve dúvidas: Tinha ela três amigas que, apesar do racionamento duro, estavam sadias e gordinhas, rosadas e bem dispostas — uns mimos. Que fez a terrível mulherzinha? — Convidou as três amiguinhas para a sua casa, matou-as cada uma por sua vez com golpes certos de machado. Isto feito, cortou-as em pedacinhos e colocou-as dentro de um grande caldeirão, de mistura com a soda.

Tudo iria bem, se a polícia não descobrisse o crime prendendo a autora. As mocinhas, porém, coitadas, já andavam pelas perfumarias convertidas em sabonetes perfumados e leves.

Hoje, Leonarda responde pelo seu crime. Achemos porém que o seu único crime foi ter nascido na Itália. Sim, Leonarda Cianciulli, a mulher providencial devia ter nascido no Brasil. Devia morar no Rio de Janeiro. Nunca uma pessoa foi tão necessária aqui.

Ha tanta gente nesta cidade de São Sebastião fazendo falta a um bom caldeirão! E há tanta falta de sabão de cozinha no mercado!...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 18 :: 4-5-46

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS
A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS
Forte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00
ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO
Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Vice-rede de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels.: — Direção: 22-2022 — Gerência: 22-2550 — Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570 — Fotografia: 22-1012 — Portaria: 22-5092

Sucesso em S. Paulo: — Rua D. José de Barros, 323 — Tel. 4-7806
Corresp. na Bahia: — J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & O
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal
434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Te. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO
Trabalhos assinados são da responsabilidade dos autores
ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS
O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. 85 publicam
colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de
originais, mesmo quando não publicados

AGELICE B...
Bita. Agelice B...
Bitenfurt Gondin

FIG

ALICIO...
campanha da...
do Regiment...
cialidade, in...
grado expedi



AGELICE BITENCOURT — A 26 de abril último, transcorreu o aniversário natalício da srta. Agelice Bitencourt, filha do sr. Agenor de Anchieta Gondim e de sua exma. sra. d. Alice Bitencourt Gondim. Comemorando os seus 15 anos, a jovem Agelice ofereceu uma linda festa às suas inúmeras amiguinhas.



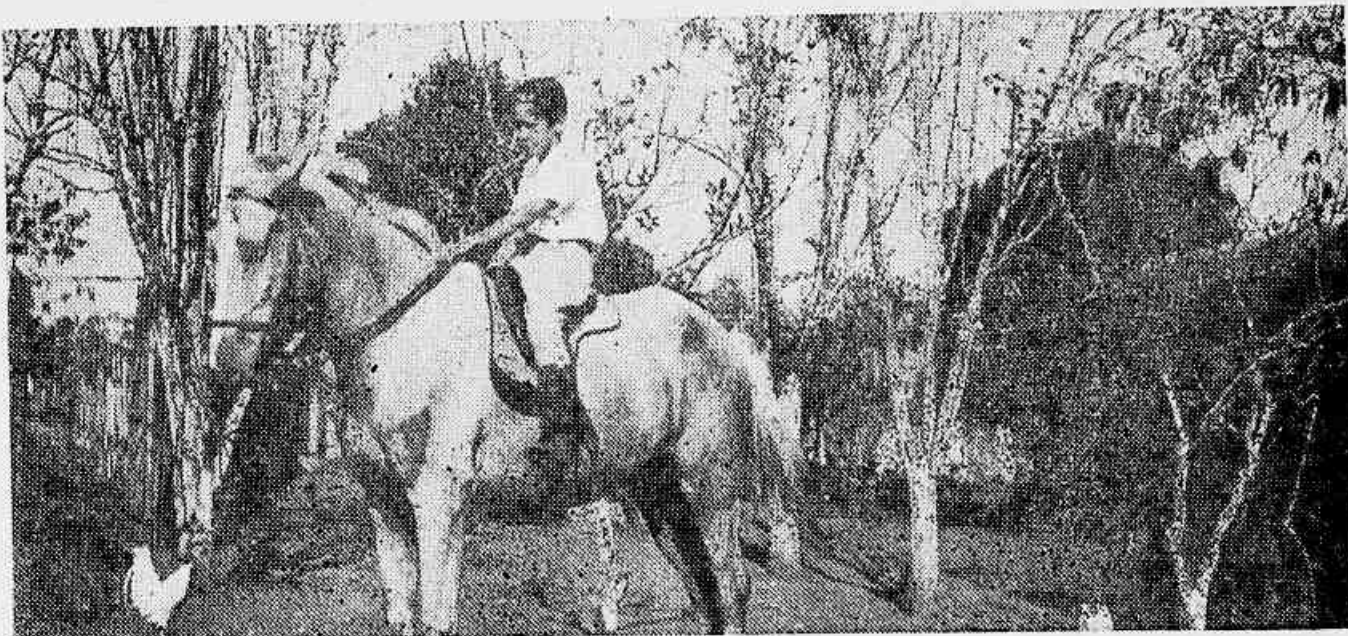
CASAMENTO — Flagrante obtido na Igreja do Sagrado Coração, no dia 30 de março último, por ocasião do enlace matrimonial da srta. Therezinha Sant'Anna, filha do Major Antonio Sant'Anna, com o Tenente Mario Corrêa de Souza Costa, filho do sr. Antonio Corrêa de Souza.



ARMANDO — Na foto abaixo, aparece o menino Armando, filho do dr. Sebastião da Silva Prado e de sua exma. sra. d. Odette Picossi Prado, e neto do jurisconsulto dr. Armando Prado.

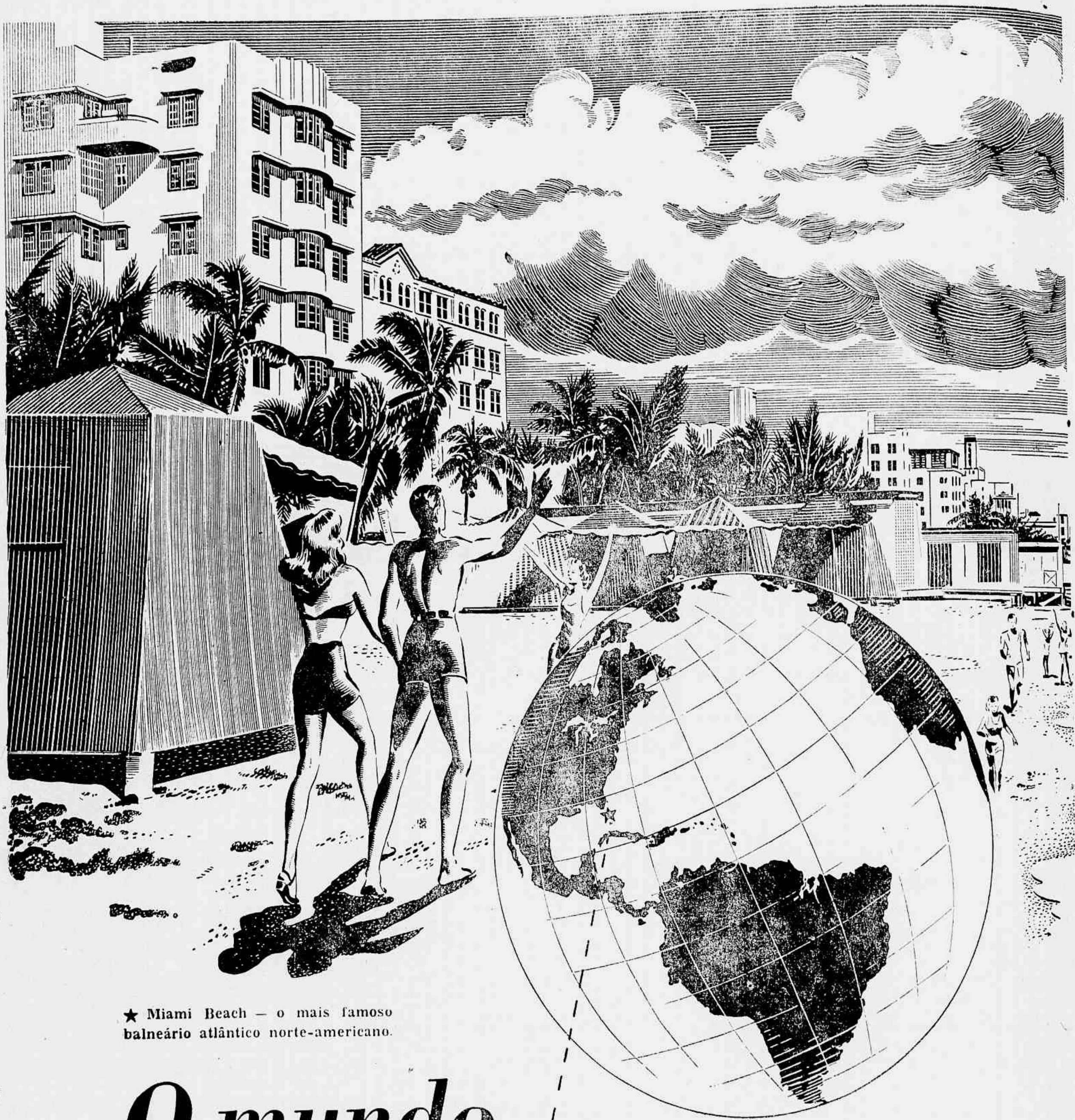
FIGURAS E FATOS

ALICIO RIBEIRO DE BRITO — Vítima de grave moléstia adquirida na campanha da Itália, onde lutou bravamente, faleceu o primeiro sargento do Regimento Sampaio, Alício Ribeiro de Brito. Muito estimado pela oficialidade, inferiores e praças do corpo onde servia, foi o esquife do malogrado expedicionário coberto de flores e corôas que lhe ofereceram os seus amigos civis e militares, parentes e admiradores.



JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO — Na foto abaixo estampamos um aspecto tomado no Iate Clube do Rio de Janeiro, durante a realização do jantar ali oferecido aos seus colegas da Escola Americana, pelos jovens Richard e Edward, filhos do sr. Richard Lapetra.





★ Miami Beach — o mais famoso balneário atlântico norte-americano.

O mundo é seu... pelo **CLIPPER**

V. S. pode ser um dos milhares de turistas que estão desfrutando a temporada na praia alegre e pitoresca de Miami. Pelo Clipper da Pan American é

simples questão de horas um vôo àquele paraíso dos que estão em férias! Hoje, o mundo inteiro está ao seu alcance — graças à vasta rede de rotas interna-

cionais da Pan American. Projete agora a viagem de férias que tanto sonhou. Consulte *hoje mesmo* o representante local da PAA ou agências de viagem.

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers

PASSAGEIROS ★ CLIPPER EXPRESS ★ CORRESPONDÊNCIA

10.051-RP-15-B

P R É C E

Palavras pronunciadas por SAGRADOR SQUIERO
no microfone da Rádio Globo, na última 6.^a feira Santa:

Senhor :

Perdoa-me o que sou. Lembra apenas, Senhor, que eu desejaria ser diferente... Permite-me, Senhor, entrar em teu templo sagrado. Olha-me !

Perdôa-me o apego à matéria inútil. Perdôa-me amar estas sedas e este ouro que me enfeita, perdôa-me conservá-lo quando as crianças na escuridão de uma fome não encontram a brancura de um copo de leite, e os homens morrem de fome pelas suas...

Perdôa-me, Senhor, este perfume caro que trago tão diferente do teu incenso puro e do cheiro forte de miséria que envolve o mundo.

Perdôa-me, Senhor, o sabor dos¹ mais finos manjares e dos mais caros vinhos que ainda trago na boca.

Perdôa-me estas mãos lisas que não se magoaram no trabalho árduo.

Perdôa-me estes pés leves que ao contrário dos Teus, não cruzaram todas as estradas aliviando dôres e curando máguas...

Senhor, perdôa-me o que sou... Lembra apenas o que eu desejaria ser...

Perdôa-me ter dado apenas aquilo que me sobrou — pão quando já tinha doces, lã, quando já possuía peles.

Perdôa-me, Senhor, a casa de onde venho — os tapetes macios em que piso, o leito confortável em que me deito bem ao lado daqueles que recebem no rosto e no corpo o castigo diário da chuva e do sol...

Perdôa-me, Senhor, por tudo que tenho.

Perdôa-me o orgulho de um nome e um sobrenome quando há uma legião de criaturas que se chamam miseráveis...

Perdôa-me a volúpia de ser alguém, quando em verdade nada sou além de um pouco de pó vivificado pelo teu hálito...

Perdôa-me os ódios e as paixões que trago no coração tão diferentes da tua serenidade no jardim das oliveiras...

Perdôa-me as pedras que tenho atirado julgando e repriminando, quando só a ti competia fazê-lo, quando gastaste toda uma vida ensinando o amor ao próximo e o perdão.

Perdôa-me os erros infinitos e as mentiras que criei para desculpá-los diante da minha própria consciência...

Perdôa-me se hoje nada tenho para oferecer-te além desta tristeza profunda e amarga, desta boca que ri do que devia lamentar, destes olhos que choram quando deviam brilhar...

Perdôa-me tudo, Senhor, e concede-me afinal a graça divina de sofrer para poder chegar-me a Ti.

Perdôa-me, Senhor, ao menos porque tenho a virtude de querer ser diferente



O MELHOR AMIGO DOS CEGOS

Por W. H. HOLTON

Copyright B.N.S. — Especial para a REV. DA SEMANA

Há cerca de cem anos passados, a introdução da escrita pelo método Braille — isto é, tipos de letras em alto relevo que podem ser sentidas pelo tato — trouxe novas esperanças e abriu largos horizontes para os cegos de todo o mundo. Eles agora já podem ler sózinhos!

Então, há doze anos atrás, os humanitaristas britânicos interessados no bem-estar dos cegos verificaram que o maior desejo destes era o de alcançar independência. Eles não desejavam simpatia nem piedade, eles desejavam algum meio prático de conseguir uma existência normal, e trabalhar, brincar e misturar-se com seus companheiros sem depender de qualquer outra pessoa.

O INICIO DE UM MOVIMENTO

O único meio de conseguir esta independência consistia no treinamento de cães que servissem de guias. Desta forma foi iniciado o movimento em prol da instrução de cães altamente treinados para servirem de companhia aos cegos, e serem seus olhos submissos para toda a vida. Animais capazes de estar com seus amos no trabalho e no lar, nos seus jogos e em suas viagens.

Um dos primeiros pacientes a serem equipados com um cão de guia declarou:

— Durante sete anos viajei ao redor de toda a Inglaterra acompanhado de meu cão. Cobrimos 40.000 milhas sem termos encontrado nenhum dissabor. Quando meu fiel companheiro morreu, novamente eu me senti cego, até que pude conseguir um outro cão de guia. Este me acompanhou ao trabalho durante toda a Segunda Guerra Mundial, e guiou-me pelo caminho das docas, onde os trens cruzam as estradas em tráfego ordinário. Ele guiou-me através das zonas bombardeadas, onde as ruas diariamente apareciam cheias de novos obstáculos provenientes de edifícios bombardeados na véspera. Quando não era possível tomar o caminho normal para casa, ele dava um jeito de conseguir outro caminho mais seguro.

Uma senhora dedicada à música, cega de nascença, declara que sua vida realmente começou quando ela conseguiu o seu primeiro cão de guia. "Antes de ter meu cão de guia, minha vida era sempre parte da vida de 'alguém', dependendo desta pessoa e de sua disposição para levar-me a determinados lugares. Agora minha vida me pertence, e posso escolher a maneira de dispor de mim mesmo."

O Capitão Nicholas Liakhoff é a energia portentosa que impulsiona este grande e humano movimento. Ele vê, no treinamento da harmonização dos cães com seus amos cegos, o seu trabalho mais importante, assim como uma missão que há de transformar e solucionar o problema de todos os cegos.

O trabalho no Centro de Treinamento consiste na seleção e na especialização do cão, e mais tarde de sua harmonização com o amo e seus desejos.

EXPERIMENTAÇÃO E SELEÇÃO

A seleção do animal é algo que se reveste da maior importância. Menos de um terço dos animais postos em experiência são aprovados. Eles são submetidos aos mais variados e rigorosos testes temperamentais. O caráter de cada animal é analisado e classificado e uma de suas características essenciais consiste na "disposição" — isto é, se o cão está realmente disposto a trabalhar.

É importante considerar no treinamento dos animais que eles apenas não devem estar em condições de acompanhar o seu amo mas também de amá-lo, — e isto agrada ao animal pois é seu instinto ter afeição pelo ser humano, o que é de suprema importância em sua vida.

O cachorro precisa aprender que ele e seu amo são uma só pessoa — isto em relação ao movimento. O treinador começa por ensinar o cão de guia a marchar exatamente no centro das calçadas, evitar obstáculos e parar nas esquinas. Mas como nenhum cão treinado pode ser comandado por uma pessoa que não sabe como dirigi-lo, o amo em perspectiva deve permanecer no centro por duas ou três semanas de treinamento. Os primeiros dias são dedicados ao ensinamento de como o cego deve comandar, seguir o seu cão, sentir os seus movimentos de maneira especialmente sensível e saber o que eles significam. Então começa a prática nas estradas. Ao chegar às esquinas, o cão de guia para por um momento identificando o local, e para verificar se a estrada pode ser cruzada sem cuidados. O amo dará a ordem para cruzar porém o cão não se moverá enquanto o caminho não esteja limpo.

Se houver alguma obstrução, o cão penetrará na estrada, indo até ela e retornando à calçada diversas vezes, de maneira que seu amo possa conhecer o obstáculo e transpor. O cão de guia aprende também a apanhar objetos caídos.

Entretanto, somente a simpatia mútua pode consolidar a união entre estes dois seres. E quanto maior for a amizade entre eles, mais o cego sentirá que o complemento daquele amigo diminui a sua angústia e aumenta a sua independência corajosa para com a vida.

Nas fotos, vemos: Ao alto, à esquerda, um soldado que ficou cego na batalha de Dunquerque, de volta do campo de concentração nazista, trabalha hoje como telefonista; ele e o seu cão são inseparáveis. Ainda à esquerda, em baixo: um cão guiando um cego pelas ruas movimentadas.



ERA uma mulher alta, magra, taciturna. Anne, que a tinha visto fumando certa noite, disse ao marido, rindo:

— Você sabe que Hilda fuma charutos?

— Hilda? Quem é Hilda?

— Você anda no mundo da lua, meu bem. Hilda, a nova criada...

Era meticulosa e trabalhadeira. Nesses tempos em que as donas de casa suspiravam, quando se fala em empregadas, Hilda era a preciosidade, a avis rara cobiçada pelas amigas de Anne. Mas, se bem que fosse discreta e respeitosa, nunca permitia à patroa uma maior intimidade. E' costume ir se acentuando a familiaridade dos criados com os anos, passando de simples empregados a outros membros da família. Entretanto, dez anos depois de ter contratado Hilda, Anne sabia a respeito da vida particular dela tanto quanto no primeiro dia. Ela lhe dera, de início, as informações que julgava necessárias. Era de descendência alemã, muito afastada porém, da colônia, já tinha trabalhado para outras famílias de alto tratamento: entregara a Anne um pacote de cartas de recomendação, que a moça, descuidada, colocara na gaveta de sua mesa, sem se dar ao trabalho de telefonar para as pessoas que assinavam os documentos.

Alguns dias depois, procurara as cartas e verificara que elas tinham desaparecido. Não se importara muito com aquilo. Afinal de contas, era comum ela perder as coisas, pois andava sempre distraída. Além disso já se habituara à nova empregada, cujos modos secos admirava, pois, antes de tudo, não queria uma pessoa faladora e barulhenta. Passaram-se os anos e Hilda foi ficando em casa de Anne. Poucos meses antes do roubo, porém, já a patroa notara certos sintomas de ansiedade nela.

Você anda meio exqu岸ita, Hilda.

A criada olhara-a com aquele seu olhar que, embora respeitoso, sabia colocar a patroa em seu lugar.

— A senhora acha?

Anne, um tanto constrangida com a reserva de Hilda, não dissera mais nada.

No próximo dia de saída, Anne encontrara Hilda já pronta, muito antes da hora do costume.

— Já deixei tudo pronto. Se a senhora não se importa, eu gostaria de sair logo.

Surpreendida com a mudança nos hábitos de uma pessoa tão aferrada a eles, Anne as-sentira:

— Pode ir quando quiser.

— Obrigada.

Com um agradecimento frio, Hilda se retirara. Estirando-se preguiçosamente na cama, Anne perguntava a si mesma: Será que atrás da solidez germanica dessas feições existe mais alguma coisa, algum mistério? Haverá um coração batendo escondido por essa máscara impassível e por esses músculos fortes que zombam das tarefas mais árduas? Hilda, silenciosa, continuava a trabalhar. Mas naqueles últimos tempos antes da crise, acentuavam-se os sinais de inquietação, prenúncios do que viria depois, mas que Anne não podia prever. De qualquer modo, desorientava-a a atitude de Hilda, sempre tão atenciosa e eficiente, que, de súbito, começava a relaxar o serviço, a cometer erros de novata, a ter esquecimentos imperdoáveis. Criada eficiente, ela sempre ouvira os elogios com ar caturra, sem manifestar seu agrado a não ser por um "obrigada" muito seco que era sua resposta para qualquer tentativa de cordialidade, qualquer ensaio de aproximação. Quando os seus esquecimentos se agravaram e Anne foi forçada a chamar-lhe a atenção sobre os seus esquecimentos, ela também ouviu tudo com a mesma paciência, no mesmo silêncio indecifrável. Só com uma diferença: não tendo que agradecer nada, ela eliminou até essa palavra de seu vocabulário limitado e não disse mais nada. Cada vez se tornava ela mais intratável e já não tinha, para compensar, a maravilhosa eficiência no serviço. Certa tarde, Anne resolveu ter uma conversa com o marido a respeito.

— Você sabe que eu estou pensando seriamente em despedir Hilda?

— Despedir Hilda? Por que?

Robert era comodista, e sobretudo gostava de caras conhecidas. Todas as vezes que mudava de criada, ele sofria até que ela se acostumas-se aos hábitos dele e — coisa curiosa — Hilda, apesar de seus esquecimentos, nunca esquecia as coisas de que ele gostava e continuava a cercá-lo das mesmas atenções: mesmo em detrimento de serviço mais necessário à casa. Os pratos que eles preferiam constavam sempre do menu, os chinelos estavam sempre prontos, perto da sua poltrona ao lado do fogo,



o fumo e o cachimbo limpo, preparados para que ele se instalasse ali para ler os jornais.

— Que é que há com Hilda?

— Ela não está mais a mesma.

— Deve ser alguma coisa. Tenha paciência. Pode ser que ela esteja doente.

— Se está doente, por que não o diz? Eu a ajudaria com a maior boa vontade, mas ela nem permite uma aproximação...

— Portanto é bem possível que esteja escondendo algum mal, talvez algum aborrecimento de família. Você sabe onde mora a família dela?

— Como é que hei de saber se ela nem me dá conversa, se é calada, mais calada do que uma pedra?

— Você também não pode se intrometer na vida dela, se ela não o quiser. Eu acho que você deveria ser mais condescendente. Mais compreensiva. Afinal, Hilda está conosco há mais de dez anos e...

— Mas não é a mesma coisa. Se Hilda fôsse como as outras empregadas, se ela se afeiçoasse à gente talvez eu nem notasse que o seu trabalho não é mais tão bem feito. Mas ela é sempre calada, sempre inatingível. O resultado é que é o mesmo tê-la aqui há dez anos ou há um dia...

— Eu acho que você está sendo injusta, Hilda sempre se mostrou solícita...

— Isso diz você que não passa

o dia olhando para sua cara amarrada. Só porque ela apronta seus chinelos...

Será que Hilda vai se tornar o pretexto de uma briga a respeito de meus chinelos?

— Não é isso. Mas me irrita essa sua mania de sem saber de nada colocar-se ao lado de Hilda. Ela está se mostrando desleixada, uma péssima criada. Mas simplesmente porque ela continua a adular você, você se coloca ao lado dela e contra mim...

— Você não estará fazendo um drama em torno de uma coisa insignificante? Já se acha com elementos para me acusar de estar me voltando contra você simplesmente por que não dou razão a tudo que você diz como se sua palavra fôsse a voz da Bíblia?

Naquele momento Hilda entrara na sala, com o seu ar impassível e perguntara:

Quer que tire o jantar?

Anne irritada respondeu:

— Agora, não. Quando eu quiser aviso.

Mas Robert disse:

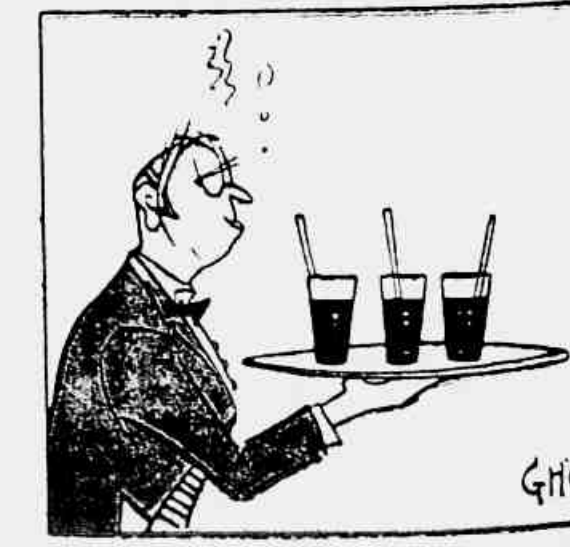
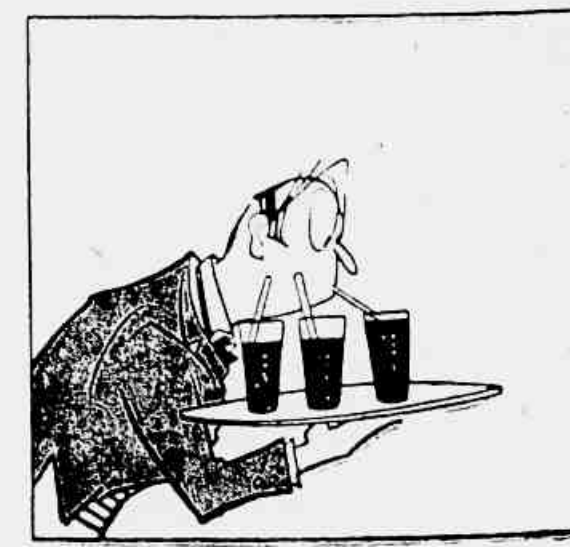
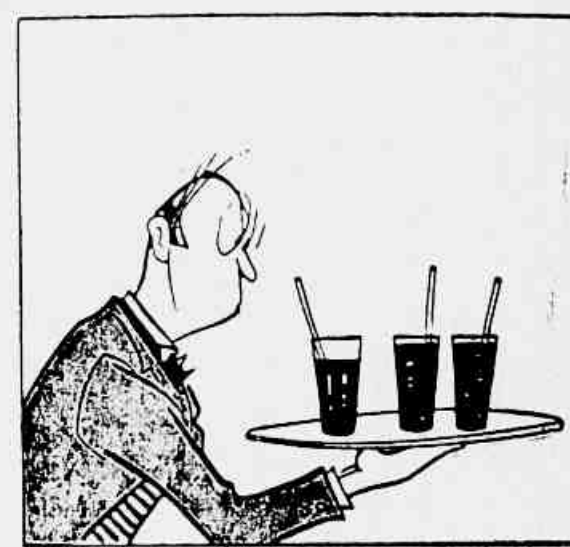
— Pode tirar, Hilda.

Zangada Anne levantou-se. Tinha a impressão de que fora diminuída diante da criada, em relação a qual vinha criando uma secreta animosidade. Por que? Talvez porque sentisse que ela estava jogando Robert contra Anne, adulando-o. Como os homens são tolos... Ciúmes?

(Continua na página 46)

O MISTÉRIO DE HILDA

(Conto de JOHN P. OPPENHEIM)

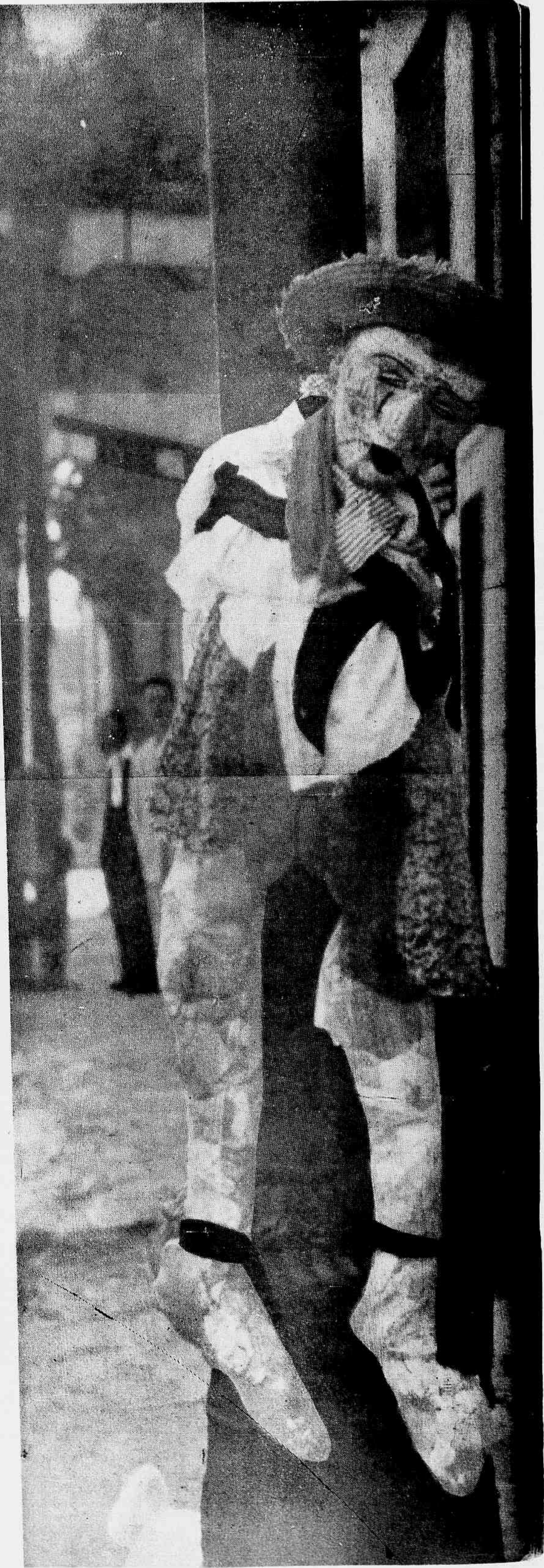


DE
BOM
HUMOR

ACONTECEU NO RIO

Vão desaparecendo aos poucos as tradições da cidade. O próprio Carnaval, outrora considerado "a festa popular por excelência", converteu-se naquela coisa triste e deplorável que todos assistimos este ano, exatamente quando mais se esperava a sua reabilitação, com o advento da Paz — mesmo racionada... Também o Sábado de Aleluia está perdendo as características aos velhos tempos. Os saudosistas, os mais velhos, os que vivem do "antigamente a escola era risonha e franca", "aquilo sim que era tempo", etc., hão de abanar a cabeça com cismadora tristeza. De fato, os tempos são outros, os costumes também. E o Judas, malhado em cada esquina, pendurado em cada lampeão de querosene — antes dos postes da Light — quasi não dá mais um ar da sua desgraça... Nosso fotógrafo enfrentou um trabalho insano para fixar esses dois aspectos, derradeiras expressões do Rio do tempo de nossos avós. Sim, ainda pareceu um Judas, "desmilinguido" e miserável, amarrado a um poste da iluminação pública, onde os garotos do bairro puderam malha-lo à vontade. Mas talvez porque os Judas andem hoje reproduzidos aos milhares, pelas avenidas asfaltadas, de roupas bem talhadas pelos alfaiates de mil e quinhentos cruzeiros, com os bolsos repletos — ninguém pensa em ajustar contas com eles. Isto que nos mostram as gravuras desta página, são tristes e melancólicas reminiscências do Rio do tempo do senhor Luiz Edmundo e de outros ilustres cavalheiros enfermos de bronquite, que o senhor pode ter agora mesmo a seu lado...

Dentro de mais alguns anos, nem essas derradeiras evocações serão encontradas pelo nosso fotógrafo. Ele terá de recorrer ao seu arquivo de chapas velhas.





Ponto final da elegância feminina, os perfumes requerem uma série de pesquisas especiais por parte dos químicos: combinações de flôres apropriadas, essências suscetíveis de se expandir por sua raridade, através do mundo, segredo na arte de melhor agradar. Aqui vemos a síntese e a dosagem das essências.

Um operário está verificando a congelação dos perfumes. Perfumes que em todas as grandes épocas da civilização enalteceram os dotes de beleza das mulheres e fascinaram os homens. Desde o Egito e a Grécia, até nossos turbulentos dias de após-guerra, desde a própria Bíblia, os perfumes são a tormenta deliciosa de Eva.



E agora, uma das etapas por que passa um perfume: a arte requintada da destilação. Perfumistas franceses procuram reconquistar o poderio perdido, porque as mulheres elegantes de todos os continentes são saudosas das combinações de fragrâncias parisienses. E Paris, por sua vez vai ao encontro das elegantes.

PERFUME

RASTO DE SONHO E CIVILIZAÇÃO

Por LUCIEN FRANÇOIS

(Especial para

REVISTA DA SEMANA)

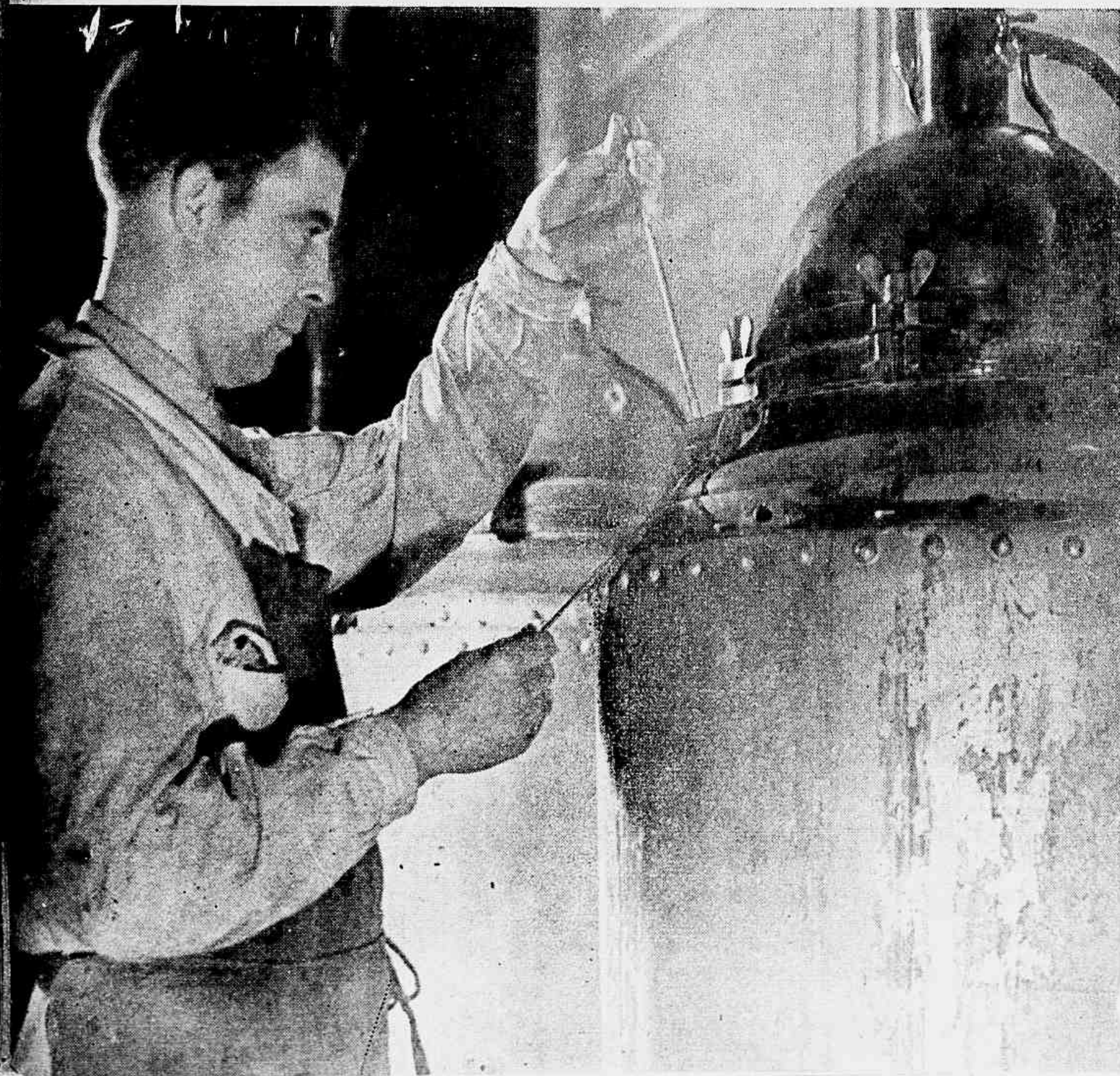
Os homens apreciaram os perfumes em todas as grandes épocas da civilização. Já em tempos remotos, os bálsamos passaram dos ritos sagrados para o campo do uso profano. Evocam os seus anais, a história das relações entre o Oriente e o Ocidente.

Da luxuriante vegetação do Levante até o "boudoir" da parisiense é o próprio rasto da civilização que flutua, assinalado pelos seus dias mais embalsamados.

Como todas as modas e crenças, a fabricação de perfumes foi introduzida no Egito, depois na Grécia, e, enfim, em Roma seguindo o caminho que conduz do Ganges ao Eufrates e daí através do Nilo.

A Bíblia evoca aromas de flôres como um perfumador, e a Sulamite banhava em mirra suas mãos carinhosas.

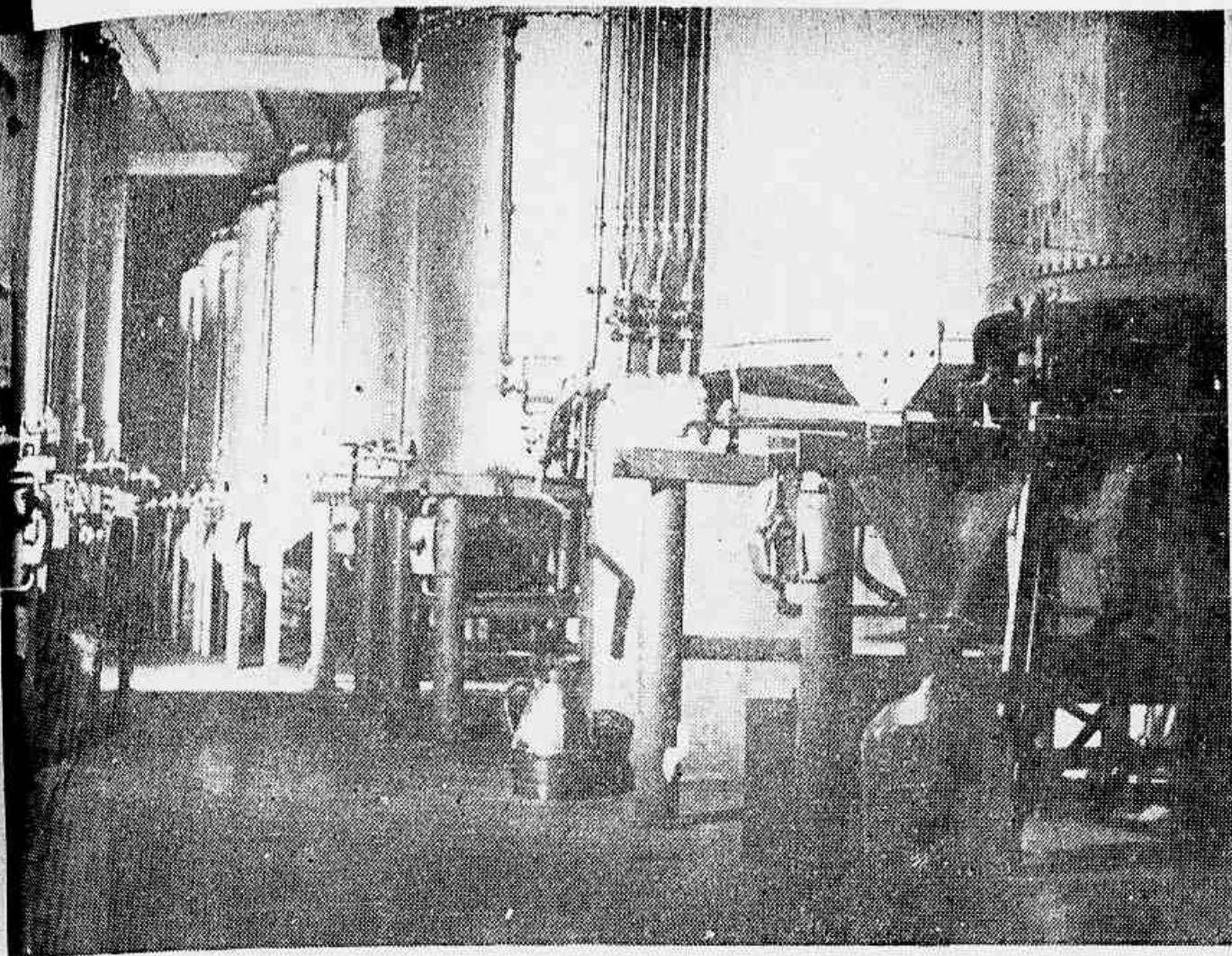
Conta-nos Galien, que Cleópatra embora jamais houvesse abandonado suas preocupações de soberana, mesmo no auge da paixão, estudara a alquimia dos aromas para não deixar a ninguém a tarefa de compôr-lhe os perfumes.



Uma re-
tarde, 1
beças 1

Os
Roma-
cias: 7
"Libe-
sagrou-
Os
parte
los, a

O en-
vidros
fumis-
parte



Uma reserva de água de colônia. Aqui se preparam essas delicadas essências que mais tarde, num ambiente de teatro ou de festa elegante, não de perturbar milhares de cabeças masculinas, inebriando-as com o perfume, que já foi chamado "o irmão silencioso da música", discreto nas suas mensagens emotivas...



Também os perfumes são filtrados, tarefa delicadíssima confiada a homens de requintada sensibilidade. Eles possuem o olfato apurado dos verdadeiros técnicos e precisam orientar o gosto dos aromas bem leves, menos açucarados e menos gordurosos, perfeitos aromas "mais solúveis no ar", como diria Verlaine ao tempo de nossos avós.

Os mais belos espíritos de Atenas e de Roma também se interessaram pelas essências: Théophraste, o psicólogo, escreveu o seu "Libelos de Odoribus", e Ovídio, o poeta, consagrou-lhe "Cosméticos".

Os gregos adotavam um aroma para cada parte do corpo: a mangerona para os cabelos, a maçã para as mãos e o serpão para os

joelhos. E os filósofos de Atenas, durante os banquetes dedicados às mais altas especulações do espírito, soltavam pombas banhadas em essências, de cujas asas caía um orvalho aromatizado.

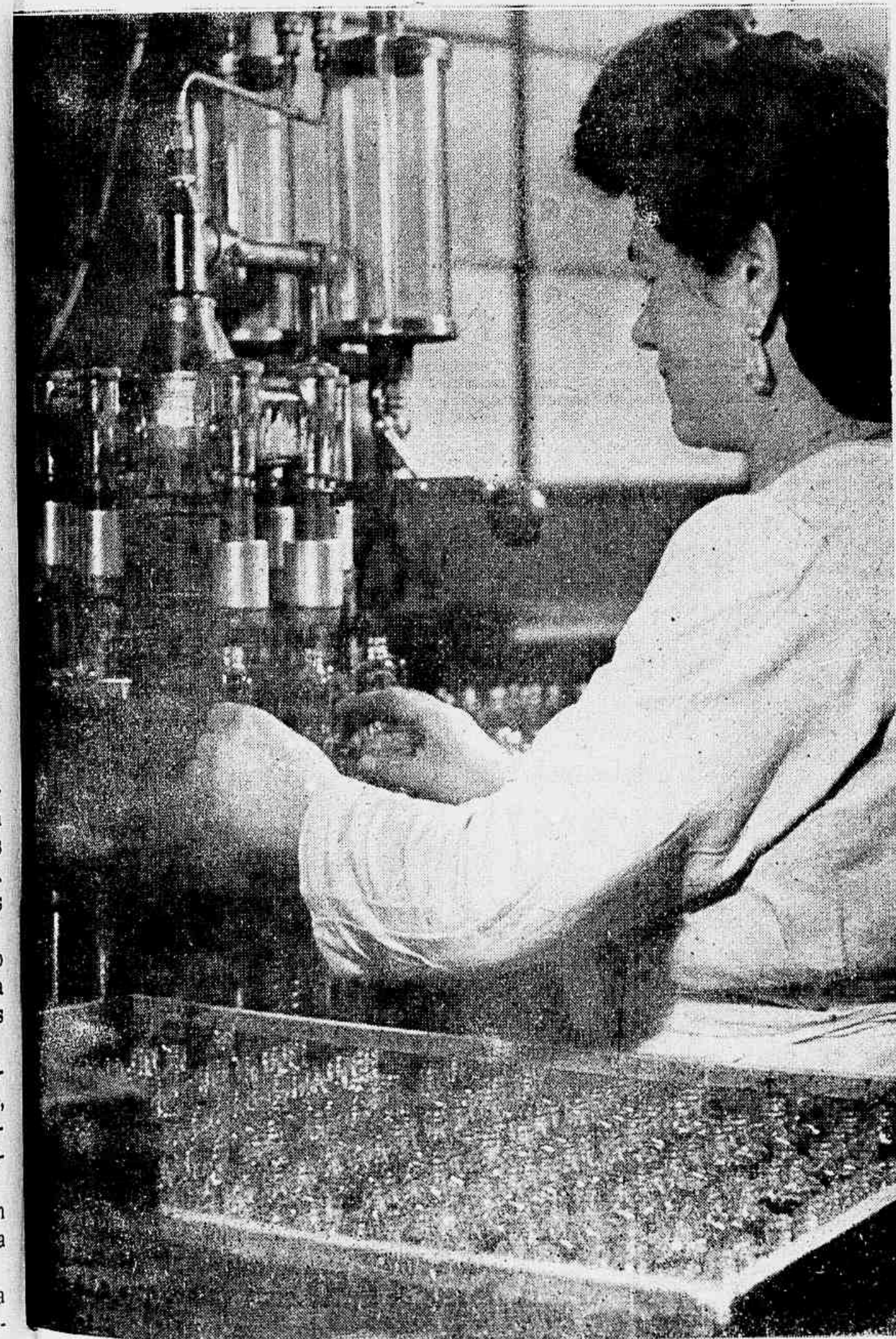
Ao contrário do que se pensa correntemente, foi nos primeiros tempos da sua decadência que Roma perdeu o costume de se

perfumar, costume que conhecera nos mais belos tempos do Império.

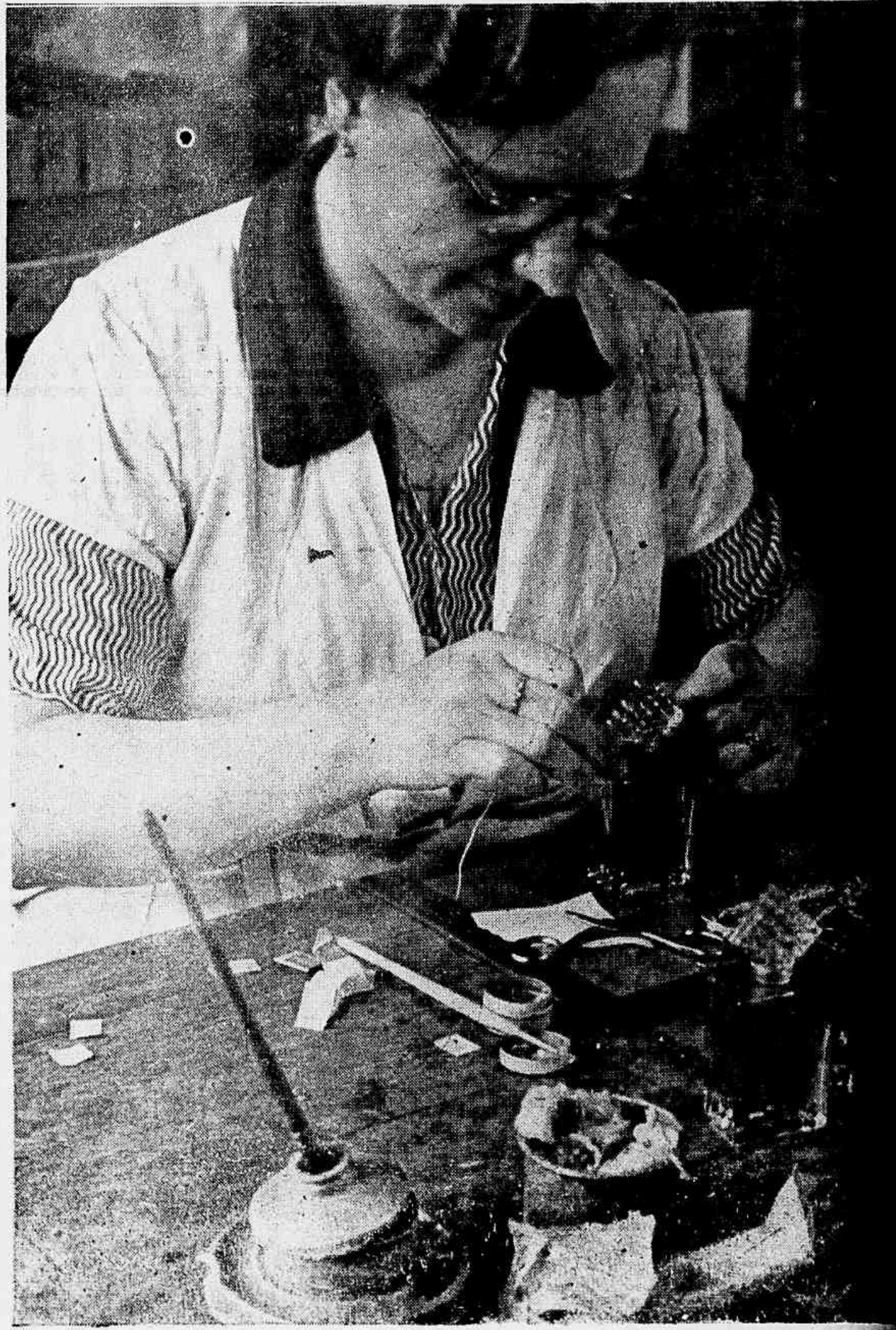
A orgia romana não é perfumada.

A depuração cristã faz surgir então, na história dos bálsamos, o mais ilustre entre todos: o nardo com que Marta ungiu os pés de Jesus.

Continua na pág. 55.



O enchimento dos frascos de perfumes faz-se automaticamente. Milhões de pequeninos vidros são cheios desses exquisitos aromas, depois vendidos a regiões remotas, nos perfumistas de todas as partes do mundo. Os gregos adotavam um aroma para cada parte do corpo: a mangerona para os cabelos, a maçã para as mãos, o serpão para os joelhos...



E afinal, o fechamento hermético dos vidros já cheios de aromas. Faz-se ainda então o trabalho da colocação das etiquetas, de modo a distinguir perfume de perfume, facilitando a escolha das mulheres que sabem conquistar as graças masculinas, em mercê dos seus cheiros prediletos. E' por isso, o perfume, um rasto de sonho e civilização...

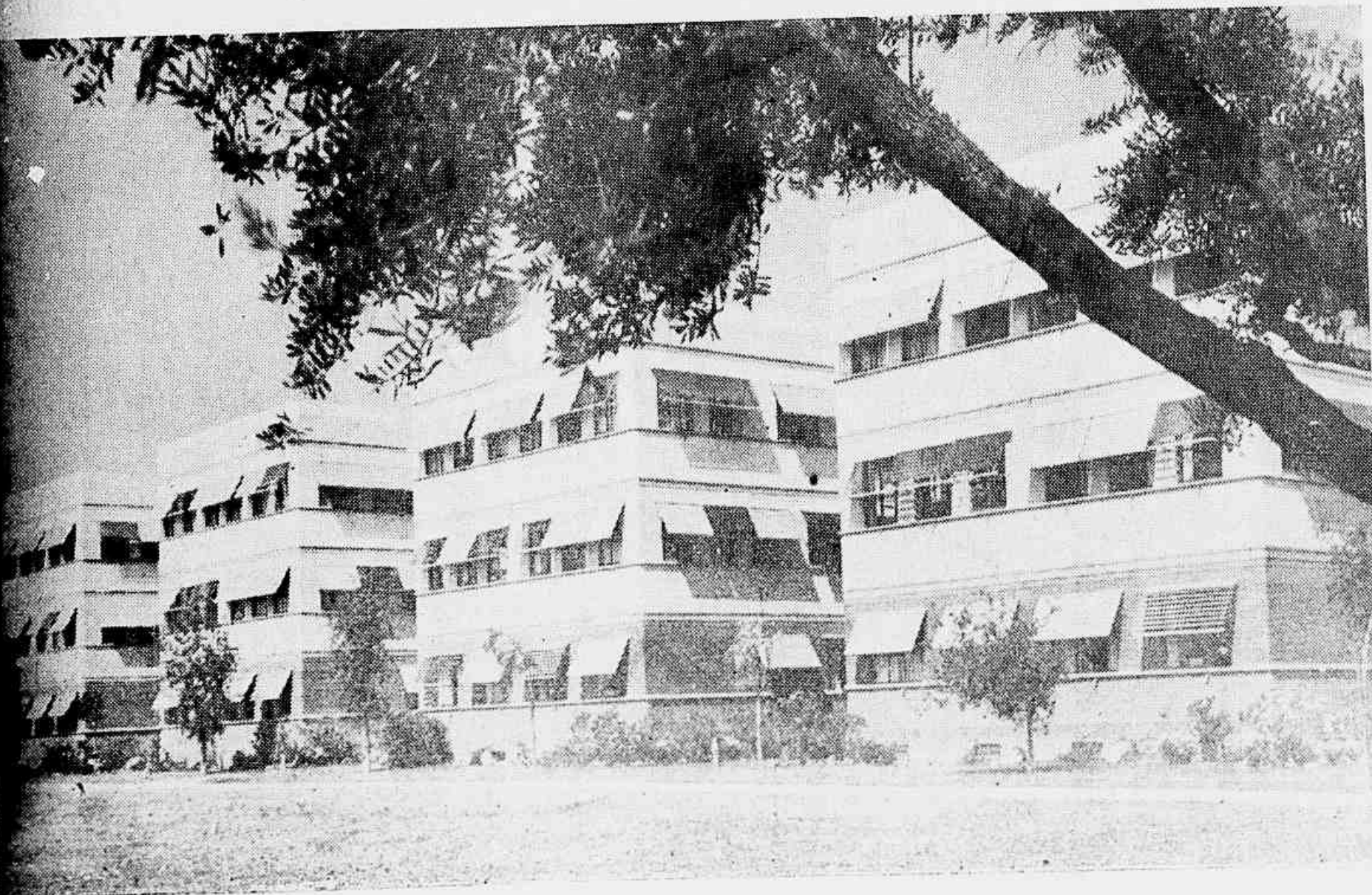


Quando os primeiros desenhos de Walt Disney começaram a ser mais amplamente divulgados no Brasil, um grupo de artistas e intelectuais patricios ofereceu-lhe artístico bronze executado por Alfredo Herculano, acompanhado de um pergaminho contendo inúmeras assinaturas de seus admiradores brasileiros. Na sala-museu, contigua ao gabinete particular de Walt Disney, encontra-se em lugar de honra o motivo-inspirador de "A lebre e a tartaruga", cuja origem prende-se à "Lenda do Jaboti", peça preciosa que o grande realizador cinematográfico tem em mãos, na gravura, ao lado de Celestino Silveira, que também participou da homenagem, naquela ocasião.

UMA VISITA AOS ESTUDIOS DE WALT DISNEY

Vista lateral exterior dos estúdios de Walt Disney, rodeados de jardins que agora, na primavera, ficam cobertos das mais perfumadas flôres. Nos beirais de cada prédio, existem ninhos adrede preparados, onde as andorinhas instalaram seus domínios. A' hora do "lunch" centenas de rapazes e moças, em trajes esportivos, passeiam pelas alamedas, jogam "tennis" ou repousam antes de reiniciar o serviço. Não raro, Walt Disney participa desses improvisadas provas de esporte.

Por CELESTINO SILVEIRA
(Enviado especial da REVISTA DA
SEMANA aos EE. UU)

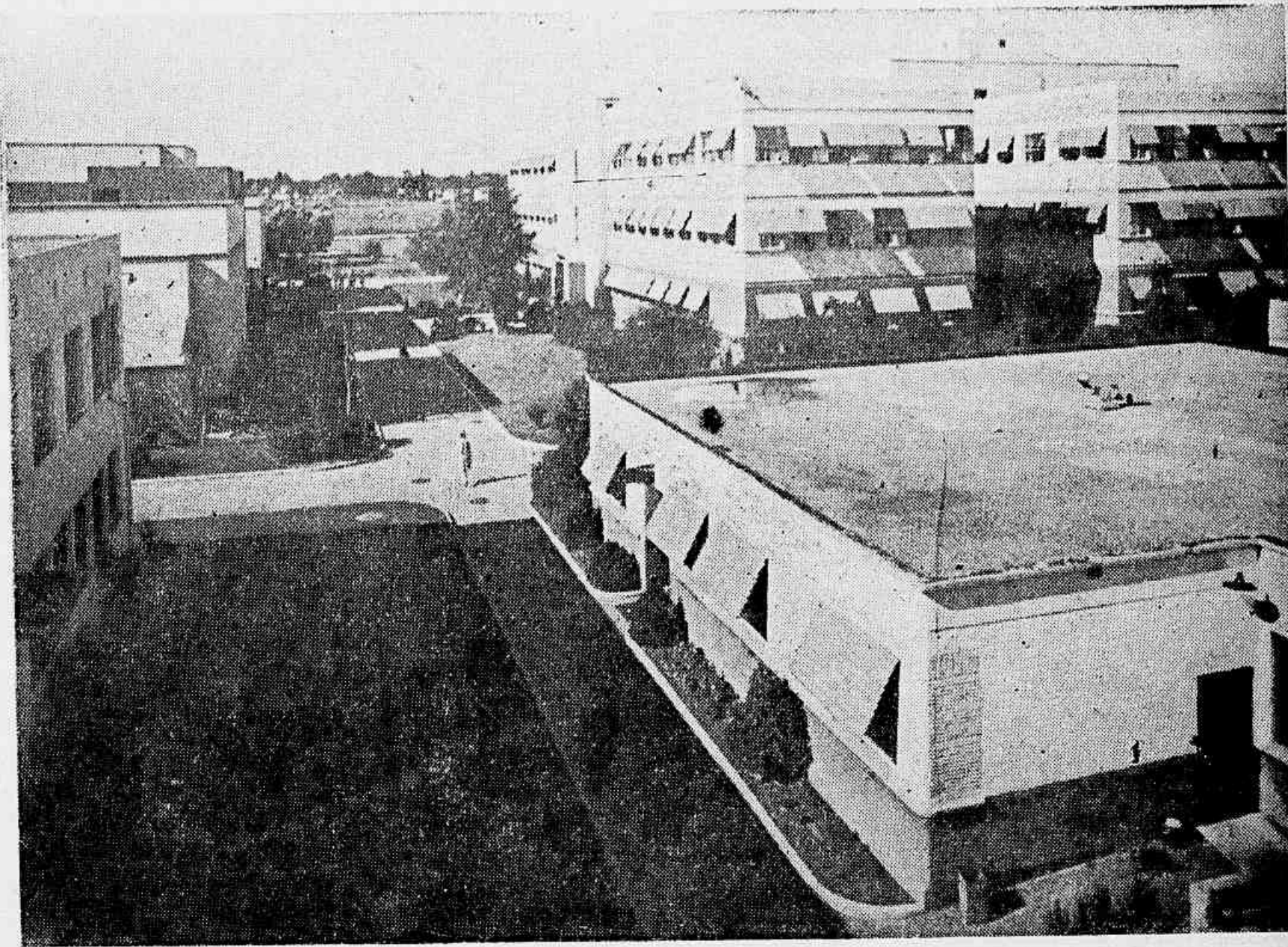


POSSUE cada estúdio cinematográfico, a sua personalidade inconfundível. Depois de visitá-los a todos, é fácil evocar as características de cada um sem receio de confusão. Se as instalações da 20th. Century-Fox são realmente as que nos proporcionam uma visão em conjunto, harmoniosa e bela, mais em obediência ao que a nossa imaginação concebeu em relação a um estúdio de filmes, as da Metro-Goldwyn-Mayer mais graves e senhoriais, permitem-nos um contacto frequente com a maior soma de famosos "astros" da tela, e já no reduto da Columbia é como se estivessemos quase em família ou fossemos penetrar, com toda a simplicidade, ali em São Januário, nas propriedades da Cinédia. Tem a Universal por sua vez um aspecto de irmão mais velho, que não se dá ao luxo de imponente ostentação material porque as tradições valem tudo, enquanto a Paramount e a RKO-Radio, paredes-meias, nas vizinhanças do celeberrimo ce-

mitério de Hollywood onde visitamos os tumulos de Valentino e do velho Douglas, tomam para si mesmas uma rua inteira, dentro da qual temos, por força, que pensar só e sempre em cinema. Porque ali não existe mais nada além do ambiente de estúdios.

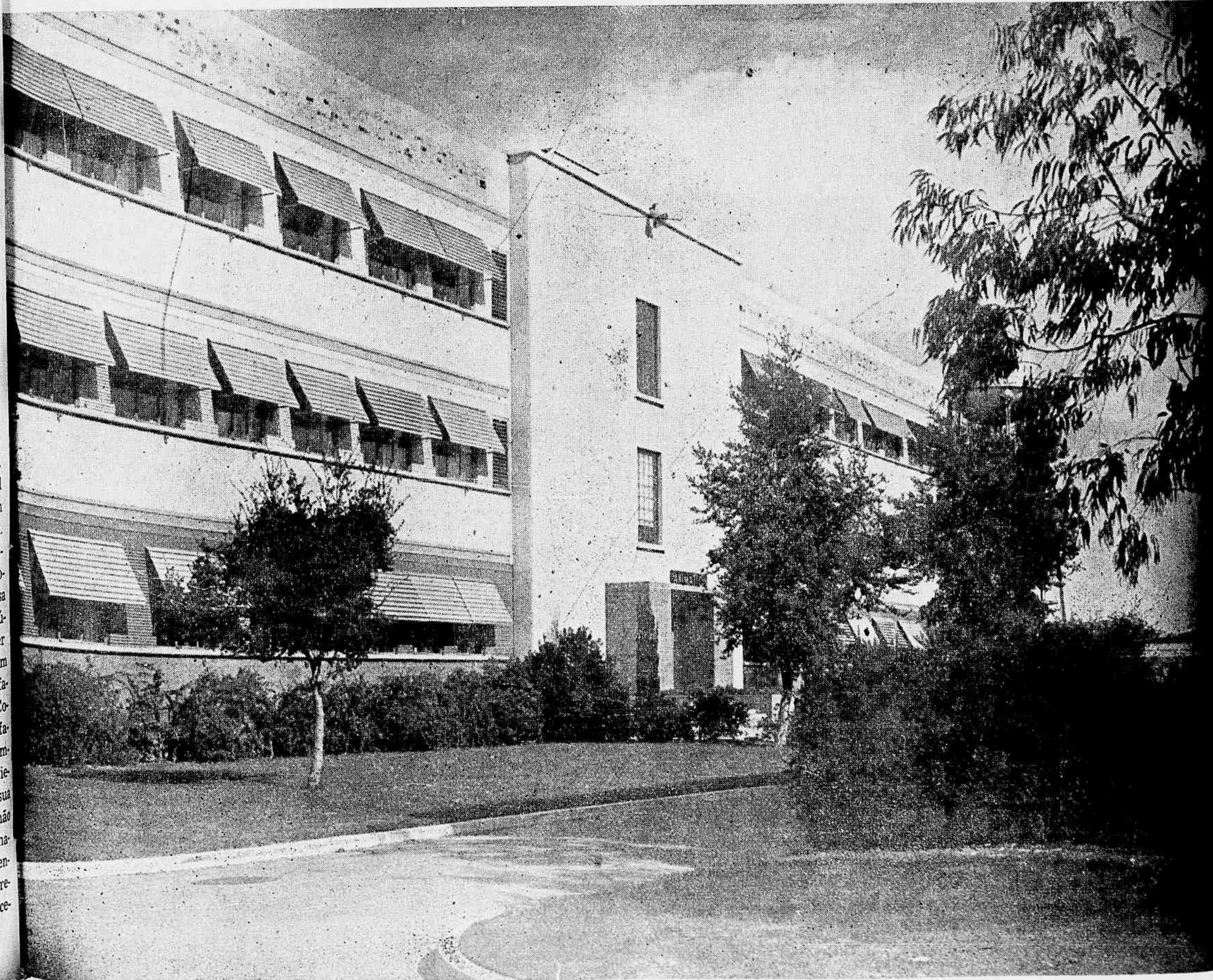
Mas em Burbank, nas imediações do aeroporto de Los Angeles, é onde vamos dar com os palácios encantados de Walt Disney, não muito distantes dos estúdios da Warner, também gradiosos. Grandiosos porem destituídos desse ar amavel, com qualquer coisa de fábrica de brinquedos, que nos oferecem os domínios de Walt Disney. Ali dentro, os jardins são perfumados e coloridos, as andorinhas fazem ninho no beiral dos "buildings" em cujo interior trabalham das nove às cinco os magos dos cartões animados, várias equipes de desenhistas, animadores, pintores, músicos, sincronizadores dos mais bizarros, ruídos, e toda a sorte de colaboradores técnicos.

Visitamos por três vezes os estúdios de Walt Disney e de cada uma delas saímos mais encantados. Penetrar aquele reduto de sonho, desvendar os mistérios da confecção de uma "Branca de Neve", acompanhar a preparação de "Música maestro" que será o próximo "grande-metragem" do qual nos foi dada a consideração de antever alguns maravilhosos "sketchs", tendo ao nosso lado dois amáveis cicerones na pessoa de Aloisio de Oliveira e Gilberto Souto, enquanto o anfitrião nos oferecia um "cocktail" tão colorido quanto os seus desenhos, é na verdade realizar uma parcela dos nossos mais acalentados sonhos de "fan".



Uma perspectiva dos novos estúdios Walt Disney, permitindo ao leitor uma impressão generalizada de suas excelentes instalações. A' esquerda, departamentos onde se trabalham os diálogos e sons dos desenhos animados. A' direita, em primeiro plano, edifício onde se processa ao "corte", e ao fundo, instalações destinadas à delicadíssima tarefa de dar animação a esses famosos trabalhos cinematográficos.

Dentro desse edifício é que se processa a animação dos desenhos do Pato Donald, Zé Carioca, Mickey Mouse e demais heróis imaginários de Disney. Ai está também localizado, na parte superior, o grande gabinete de Walt Disney. Todas as dependências são aparelhadas com instalações de ar-condicionado. A' hora do almoço, meio dia, os funcionários misturam-se com os "maiorais", no restaurant do estúdio.





Aloisio Oliveira e Gilberto Souto são os responsáveis pelos trabalhos de tradução e adaptação dos poemas dos desenhos animados, para o nosso idioma. A gravura superior mostra-nos o antigo componente do Bando da Lua e o atual jornalista patriota, hoje radicado em Hollywood, gravando com Celestino Silveira um "broadcasting" do qual também Walt Disney participou, e que a Radio Globo transmitiu agora no Rio. — Em baixo, um homem cuja voz é penularíssima em todos os países onde os desenhos de Disney são exibidos. Chama-se Clarence Nash e especializou-se falando pelo Pato Donald. Quando é preciso, também "arranha" o português. A gravura mostra-o reproduzindo um "estilo" do Pato para o Brasil.



Walt Disney pôs à nossa disposição todas as suas dependências do estúdio. Não houve porta secreta que não devassássemos nem detalhe até então incompreensível à distância, que deixássemos de ver esclarecido aos nossos olhos. E desde que se faz impossível reconstituir tudo quanto a nossa retina fixou e os nossos ouvidos guardaram, melhor será tentar a descrição desses estúdios sem maiores delongas, tentando evocar o que nos foi mostrado, em coordenação com os apontamentos de ordem técnica fornecidos pelo próprio Disney.

★

Com uma área de 21 hectares, o estúdio de Walt Disney está situado na cidadezinha de Burbank, a uma distância de apenas dez minutos de automovel do centro de Hollywood. Foram eles inaugurados em 1940, quando, Walt Disney transferiu a sua empresa para um local mais espaçoso e instalando os vários departamentos em edifícios modernos, confortáveis e construídos especialmente para o trabalho e criação de seus desenhos animados. O antigo estúdio ficava situado em plena Hollywood, mas com o correr do tempo e o progresso da empresa, sua mudança se tornou imperiosa. Decidindo construir as novas instalações, Walt Disney deu-se primeiro a um estudo prolongado, removendo problemas e dificuldades que havia sentido nas velhas instalações.

O Edifício da Animação é o coração do estúdio, abrigando em suas dependências os departamentos de Argumento, Diretores, Produtores, Desenhistas, Animadores, Assistentes e Intermediários. Estes três últimos formam o núcleo criador de um desenho animado propriamente dito.

O Edifício de Traço e Pintura está ligado ao de Animação por uma passagem subterrânea; e nele encontramos ainda o Laboratório das Tintas, departamento suplementar aos do Traço e Pintura. O estúdio foi construído de tal maneira que os vários departamentos se sucedem na ordem natural do trabalho o que resulta numa grande economia de tempo. Assim, são os filmes imaginados e desenhados pelos animadores no edifício central, passando, a seguir, para os departamentos de Traço e Pintura, e, finalmente, para os de Fotografia e Corte. Há também três espaçosas salas de gravação: para orquestra, diálogos e a última para efeitos sonoros.

Existe ainda um barracão destinado a filmagem de cenas com artistas, utilizado ultimamente para a tomada das sequências em que apareceram Aurora Miranda, Carmen Molina e Dora Luz, artistas de "Você já foi à Bahia?". Estão as salas de gravação situadas no mesmo edifício que comporta ainda o Departamento de Som e o Cinema. Este último edifício fica junto ao Departamento de Corte e da Animação. A disposição desses diversos edifícios, planejada previamente, permite maior economia do tempo e trabalho.

Existe ainda um restaurante espaçoso e lindamente decorado, onde os empregados fazem suas refeições ao meio-dia, na companhia de Walt Disney. Todos os edifícios tem ar condicionado, não só para conforto material dos funcionários mas também pela necessidade de manter o ar completamente limpo de qualquer partícula de poeira.

No velho estúdio, disse-nos Disney os departamentos que mais sofriam com essa di-

Os "animadores" trabalham frente ao espelho onde vão observando as próprias expressões para, em seguida, adaptá-las aos personagens famosos. Reparem a "sincronização" do jogo fisionômico do artista com a do bicho por ele desenhado. Assim as expressões saem mais exatas e os característicos de cada personagem reproduzido com maior acerto.





O "layout men" é um precioso colaborador nos estúdios de Walt Disney. Ele trabalha preliminarmente com o diretor da história em filmagem e maneja os "backgrounds" para os efeitos característicos. É preciso traçar "croquis" em quantidade, dentro da "synopse", para mais tarde selecionar os momentos mais cômicos e felizes. — Na gravura à direita, outros colaboradores em conferência, trocam impressões sobre os "gags" de maior efeito, selecionam os "sketchs" fornecidos por desenhistas subalternos e procuram dar continuidade à história. Ao fundo vêem-se "croquis", ainda simples ensaios, de alguns maravilhosos efeitos pictóricos os quais, mais tarde, vão deslumbrar a platéia.

ficuldade eram os de Traço, Pintura, Fotografia e Corte. Sendo os desenhos traçados e pintados em folhas de celuloide, a poeira podia acumular-se neles e, chegando à secção de fotografia, reclamavam nova limpeza e um exame demorado. Uma simples partícula de poeira no celuloide seria aumentada milhares de vezes pelas lentes da máquina cinematográfica.

As janelas dos edifícios são por isso hermeticamente fechadas, as portas são duplas. Ali não há cortinas ou tapetes onde o pó possa acumular-se. Entra o ar por meio de encaamentos; ar limpo de qualquer impureza e cuja temperatura é cientificamente controlada. O grau de humidade do ambiente onde as tintas são aplicadas ao celuloide tem que ser regulado.

A-pesar-de que as tintas usadas são à base de água, seu grau de secagem e o estado em que se mantém depois da tinta seca, variam consideravelmente de acordo com a humidade do ambiente. Se o ar é muito seco, a tinta se parte e salta do celuloide; se há humidade em demasia, a tinta torna-se pegajosa e borra o desenho. No velho estúdio, sem esse controle científico, muitas vezes o trabalho tinha que ser repetido, causando considerável perda de tempo e grande atraso na data de entrega dos filmes.

Outra razão porque os edifícios do novo estúdio tem ar condicionado, é a temperatura elevada durante os meses de verão. O Vale de San Fernando, onde o estúdio está localizado, é muito quente nos meses de junho a agosto. Quis a direção do estúdio cercar os seus empregados de conforto pessoal além de que um indivíduo pode produzir muito mais quando opera em ambiente agradável e ameno.

— Se o atelier pequeno de um artista requer boa iluminação — estas as palavras de

Disney — o lugar onde centenas de artistas trabalham requer um estudo especial do problema de luz. Os arquitetos devotaram muito tempo no exame ponderado desse problema, de modo que cada artista, desenhista ou animador, trabalha numa sala que recebe luz direta controlada por meio de venezianas moveáveis instaladas do lado exterior das janelas.

Walt Disney foi mais além querendo proporcionar todo conforto possível aos seus auxiliares. Existem no alto do edifício da animação para banhos de sol, chuveiros e mesas terraço para banhos de sol, chuveiros e mesas de massagem. Isso facilita ao empregado cansado pelo trabalho diário, uma recuperação das forças e um descanso para o espírito. O trabalho de um desenhista é sempre sedentário, não lhe dando muito tempo para exercícios. Uma sala dessa espécie num estúdio igual ao de Walt Disney não constitui luxo, mas absoluta necessidade.

No estúdio primitivo, cujas dependências, dia a dia, se tornavam mais apertadas, não existia um cinema onde as provas cinematográficas pudessem ser passadas e estudadas com calma pelos animadores e diretores. A sala de gravação do velho estúdio servia para tudo: de cinema, onde se exibiam os filmes completos para os críticos, de provas, trabalhos de gravação da música e diálogos. Assim, quando o novo estúdio foi construído, essas dificuldades viram-se eliminadas. Foi decidida a construção de um amplo cinema confortável e moderno, separado das salas de gravação, onde Walt Disney nos ofereceu exhibições particulares dos seus filmes em preparativos.

É também nesse cinema que o trabalho de regravação se faz. Esse trabalho consiste em gravar numa só trilha de som, as várias trilhas onde estão o diálogo, a música e os

efeitos sonoros, com a vantagem de que o resultado obtido é exatamente o mesmo quando o filme seja exibido num cinema público. Os engenheiros de som podem, ali, calcular com facilidade maior, os resultados desejados de todos os efeitos.

Foi também o estúdio construído de tal maneira que, no futuro, qualquer novo edifício a ser levantado, se harmonizará de modo perfeito ao resto das edificações existentes.



O trabalho inicial de qualquer filme, curto ou de longa metragem, começa no segundo andar do Edifício de Animação. Ali trabalham os escritores de argumentos e os humoristas que sugerem os incidentes cômicos. Há duas salas de projeção com capacidade para cinquenta pessoas cada uma, onde são passadas as provas dos trabalhos diários para estudo e exame do pessoal ligado a um determinado filme. É ali também que se reúnem os diretores, humoristas, desenhistas e animadores que discutem o trabalho e decidem sobre a sua qualidade e perfeição.

O filme é passado na tela e seus méritos são discutidos, assim como se trocam sugestões e novas idéias. Fica o escritório de Walt Disney nesse mesmo andar uma vez que ele fiscaliza e orienta toda a produção do estúdio. Walt, como é chamado "em família", aprova, discute, sugere, aceita idéias novas ou critica o trabalho terminado.

Mas a visita por nós feita amplamente requere todos os estúdios de Walt Disney requer maiores tempo e espaço para uma descrição pormenorizada que desejamos oferecer aos leitores. Vamos deixar para o próximo número a conclusão dessa tarefa, quando também desvendaremos os pequenos segredos da concepção e execução de um desenho animado, dentro da técnica atual, largamente desenvolvida.

NOS BASTIDORES FEMININOS

grounds" para
Na gravura
procuram da
plata.

e que o re
ismo quan
na públic
li, calcular
s desejados

uido de tal
novo edi
rá de mod
xistentes.

filme, cur
no segundo
Ali traba
e os humo
ômicos. H
cidade para
de são pas
rios para es
a um deter
e se reunem
istas e an
o e decidem

seus mérito
ocam sugere
ório de Wa
vez que el
ção do est
em família
idéias nova

mplamente
ney requ
na uma de
mos oferec
a o próximo
quando tam
segredos de
desenho at
largamente



ANDREA KING (Warner)

NÃO basta ser bonita para ser atraente... Há um mundo de pequeninas cousas que contribuem para tornar a mulher verdadeiramente atraente e, nesse mundo de pequeninas cousas vamos encontrar a simplicidade, a graciosidade dos movimentos e gestos, a expressão serena do olhar, a confiança em si própria, a elegância do porte, etc.

Reconhecemos que não é sem esforço que a mulher atinge esse tão almejado ponto; é preciso lutar, é preciso antes de mais nada que ela possua um elevado es-

pírito de auto-crítica que lhe permita ver seus defeitos e corrigi-los. É preciso fazer um estudo minucioso do seu "eu"; um estudo sincero e honesto e então, procurar afastar tudo aquilo que possa prejudicar a sua personalidade.

Porque ser atraente, minha amiga, é ter personalidade; é algo mais do que andar sempre bem penteada, bem "maquillada" e vestida pelos últimos figurinos; é algo mais do que esse olhar irrequieto de quem sempre está a espera de alguma coisa; é mais do que essa conversa viva sobre todos os assuntos sem se aprofundar em nenhum; é enfim, qualquer coisa que vem de dentro, bem do íntimo, e que dá à mulher esse "que" que ninguém sabe bem explicar.

KITTY

SUGESTÕES DE ELEANOR PARKER

Eleanor Parker, a graciosa "estrela" da Warner Bros, apresenta às nossas leitoras alguns dos seus modelos para meia-estação. 1 — Modelo para manhãs frescas, em lã branca. Blusa franzida ao redor do pescoço, saia ligeiramente franzida. Bolero bastante alegre com bordados vivos em ponto de cruz. 2 — Vestido de lã havaiana, de corte simples, usado com um casaco de listras havaiana e brige. O casaco é ajustado



ao cor-
feltro m-
jandar
de sed-
do blus-



ao corpo, na frente, fechando com duas pontas da mesma fazenda. Chapéusinho de feltro marron com enfeite de penas e véo. 3 — Para uma reunião à tarde ou para andar num Cassino, a encantadora "estrela" da Warner Bros. Sugere este modelo de seda preta, composto de saia e blusão. Os franzidos dos lados formam o "drapé" do blusão. Gola alta, mangas japonesas e aqui o mesmo franzido com laço na cin-

tura. Originalíssimo chapéu com margaridas brancas. 4 — Outro modelo para a tarde também em seda preta. Profundas "pences" nos ombros dão maior movimento ao busto. Decote em "V" abotoado na frente. Sobre os quadris uma larga faixa pespontada terminando em pontas na frente. Chapéu de veludo negro com copa bordada em cores. Notem a originalidade da bolsa de Miss Parker.



Naquela noite eu realizara um ato de que nunca me hei de esquecer. Limite-me a classificá-lo de humano. Sei bem que outros o chamariam bondoso ou desprendido. Outros ainda, comteanamente o intitulariam de altruísta. Porém, como o que vale são as ações e não o serem muito ou pouco adjetivadas, cuido que ando bem, dizendo que foi apenas aquilo que faria qualquer homem de sentimento.

Desistir de um ideal há muito sonhado, penosamente atingido, para, com grande dor, não magoar um quase estranho, será para a grande maioria ter bancado o trouxa. Eu, porém, não poderia nunca agir de outra maneira. Não iria causar, consciente e desneceessariamente, ao meu próximo, dissabores pelos quais eu não gostaria de passar. Mais ainda que eu já estivera em situação semelhante àquela que eu provocaria, se não dehlante, e tinha portanto pleno conhecimento

do quanto eu iria ferir aqueles que eu amava. Não importava sofrer calado, que, por minha causa, sofressem. Nem mesmo importava que aqueles que eu amava me sacrificassem, até mesmo a angústia eu tinha mais essa coisa, a minha renúncia era desconhecida, até mesmo daqueles a quem eu amava, com ela. Ninguém sabia que eu sofria, nem eles que eram os causadores disso.

Que imenso prazer (que talvez!) eu encontrava naquela noite! Era como se eu devorasse as pratinhas. Que satisfação íntima havia, desistência, imperceptível para a maioria, para mim! Como era bom, assim, em segredo, sem que ninguém soubesse!

Quando se lutou longa e ferozmente, não

poupando esforços nem sacrifícios, para conseguir algo, como é bom desistir no momento em que vamos ter realizado o nosso anseio, que tanto nos custou, que tanto almejamos, porque a sua efetivação iria prejudicar a outros, mesmo tratando-se de quase estranhos!

E afinal de contas, pensando bem, era uma coisa tão insignificante! Sim, era nada o que eu queria, e portanto, bem pouco custaria desistir. Uma coisa à-toa, para os outros, acreditado. Para mim, entretanto, era tudo. Era tudo pelo muito que significava, pelo quanto me custara consegui-lo. Quantas horas de ansia, de expectativa amargurada! Quantos pequeninos dilemas, insignificantes, mas imensos diante da dificuldade que eu tinha em resolvê-los! E quando estava tudo vencido, e eu senhor da situação, no momento de receber o fruto de tanta angústia, eis que desisto, para não amargar a outrem; eu que me amargurara tanto, para obter aquilo que já agora tinha conseguido!

★

No hotel da estância que eu escolhera para passar as férias daquele ano, havia um grupo regular de rapazes e moças. Entretanto, porque eu não estivesse muito disposto, e também porque o meu estado de saúde não me permitisse (eu convalescia de uma longa moléstia) participar de todas as suas atividades, e mais por timidez que por qualquer outra razão, o fato é que não aderi ao grupo.

Fiquei-me a contemplá-lo de longe e não poucas vezes, desejosos de aproximar-me deles, lamentei a minha atitude inicial, arisca e de retraimento, que os afastara de mim, quando logo após a minha chegada, procuraram falar-me. Depois, procurei realizar eu mesmo, essa aproximação de que fugira antes. Faltava-me porém coragem. Temia não ser bem recebido. Desagradar-lhes. (Tudo isto pode parecer uma bobagem. Coisa trivial.

Mas só quem esteve em idêntica situação pode compreendê-lo). E os dias se iam sucedendo e o tempo era como uma barreira que sempre maior se interpunha entre mim e eles.

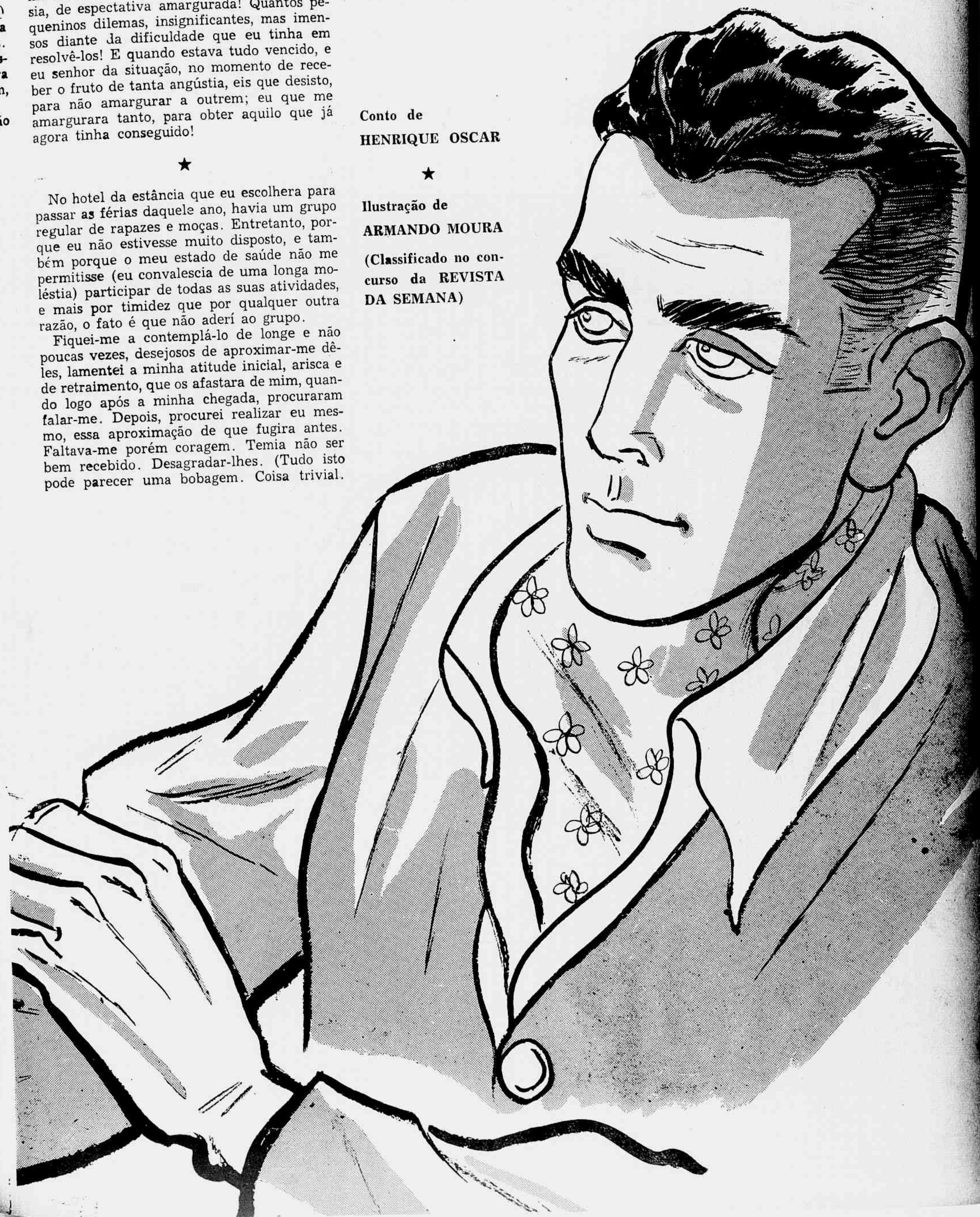
A' contemplação e ao exame à distância, daquele núcleo alegre e divertido, do qual eu gostaria de pertencer, não me escapou uma das suas componentes, que desde o primeiro dia, me impressionara fortemente. Era (como sempre se diz em tais casos), uma menina encantadora. E eu, tal como nos romances, que são cópias da vida, embora às vezes pareça que é esta que se põe a imitá-los, cai ro-

mânticamente de amores pela tal beldade que eu só conhecia de vista, e a quem nunca dirigira sequer a palavra. O mais detestável desmembrado romance 1830. Uma legítima paixão, com toda a sua ridícula e paixonite. Aliás, eu creio que todos, em nossa mocidade, temos uma evolução semelhante da literatura. Enquanto estamos no colégio, nesse período em que abominamos os filmes de longos idílios e beijos pegajosos, e só filmes de "cow-boy" nos interessam, quando

(Continuação da pág. 54)

Conto de
HENRIQUE OSCAR

Ilustração de
ARMANDO MOURA
(Classificado no concurso da REVISTA DA SEMANA)



A REVISTA EM HOLLYWOOD

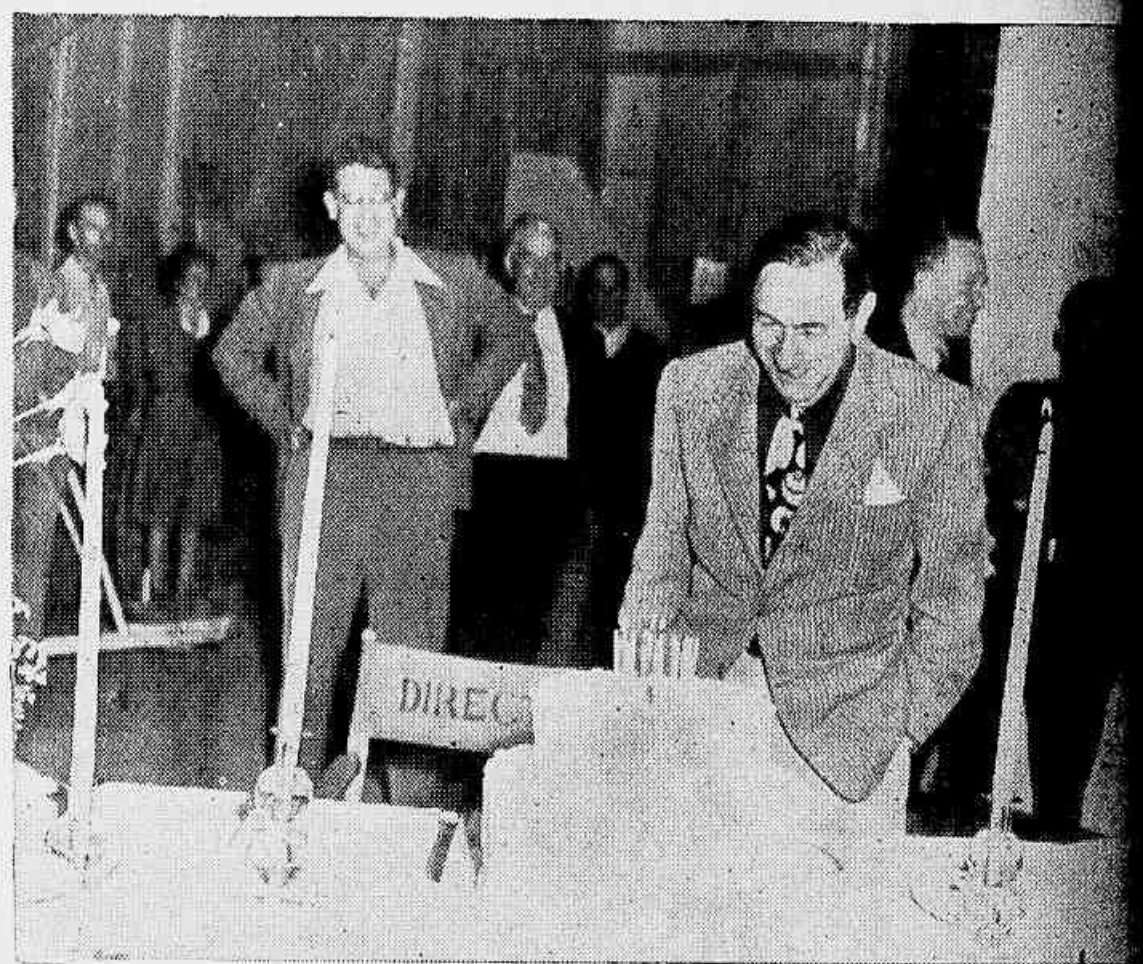
PARA COMEMORAR O NATALICIO DO PRESIDENTE TRUMAN — A exemplo do que se fazia por ocasião da data natalícia do grande presidente Roosevelt, tradição ainda mantida mesmo depois de morto o saudoso estadista norte-americano, também o aniversário do presidente Truman é motivo para realizarem-se festividades em caráter beneficente, as quais dão o seu concurso proeminentes figuras cinematográficas. Este flagrante foi tomado quando embarcavam em Los Angeles, alguns artistas muito nossos conhecidos. Nos degraus do trem, Zachary Scott, Alexis Smith e Eddie Bracken. Em baixo, da esquerda para a direita, vêem-se mrs. Lansbury, Angela Lansbury, Margaret O'Brien, Van Johnson, Diana Lynn, Reginald Gardiner e Paul Henreid. Como se vê, Margaret O'Brien e Van Johnson estão em lugares destacados, ao centro, talvez por serem os dois vitoriosos "caçulas", hoje em evidência invejável.



H O
las" co
monstr
memor
ses ele
sembar
suas at
Faram
nosso
grid B
Dorian
"Farra
endido
panhei
Charle
Charle
Lubits
rio mé

HOLLYWOOD continua sendo a grande atração mundial, não apenas norte-americana. Sempre que se deseja contribuir com uma atração de relêvo para brilhantismo maior de qualquer solenidade, a presença dos "astros" e "estrelas" constitui um elemento cem por cento eficiente. Agora mesmo isso ficou demonstrado com a cooperação de eminentes habitantes da cidade do cinema, nas comemorações natalícias do Presidente Truman. Na gravura inferior, estão três desses elementos: Alexis Smith ladeada por Zachary Scott e Paul Henreid. Eles desembarcavam, nesse momento, do "Chief" — trem de Santa Fé — que os devolveu às suas atividades profissionais. — A' direita, em cima, aspecto batido nos estúdios da Paramount, quando os premiados pela Academia foram apresentados, à esquerda, o nosso representante em Hollywood, sr. Louis Serrano. Lá estão Ray Milland, Ingrid Bergman, J. Carroll Naish, Angela Lansbury (cujo trabalho em "O Retrato de Dorian Grey" lhe valeu o título de "a melhor supporting-role de 45", e o diretor de "Farrapo Humano". — Na gravura ao centro, e na imediata, Ernst Lubitsch surpreendido nos estúdios da Fox, com o bôlo de aniversário que lhe ofereceram seus companheiros durante a filmagem de "Cluny Brown", estrelado por Jennifer Jones e Charles Boyer. — E na última ilustração, novamente Lubitsch em palestra com Charles Boyer, num intervalo daquelas filmagens. Depois de longo intervalo, mr. Lubitsch volta a dirigir, e o faz tendo sob seu controle dois artistas de extraordinário mérito como Jones e Boyer. (Correspondência de Louis Serrano — Hollywood.)

PEXA SAGO DO AMERICANO



De Teresa para Jeronimo :

Évreux, 7 de Outubro de 1932.

Li o seu livro... Sim, eu também, como todos os outros... Parece-me que, se eu fosse você, perguntaria a mim mesma: Ela o achou justo? Sofreu, lendo a nossa história? Mas você nem mesmo faz essas perguntas. Não é verdade que está certo de que foi mais do que justo, de que foi magnânimo? Que tom você adota para falar do nosso casamento!

"Na minha ansia de encontrar a mulher imaginária, companheira de trabalho e amorosa ao mesmo tempo, eu deixei de ver em Teresa a mulher verdadeira. Os primeiros dias de vida em comum ia revelar-me um ser ao mesmo tempo bastante simples e complexo, se me permitem o paradoxo. Eu era um homem do povo e um artista: encontrava em Tereza uma moça da alta sociedade. Ela tinha as qualidades e os defeitos da sua própria classe. Minha mulher era fiel, modesta, inteligente, mesmo, à sua maneira. Mas não se poderia imaginar pessoa menos apropriada para compartilhar uma vida de luta e apostolado espiritual..."

Você tem certeza, Jeronimo? E foi a uma vida de apostolado espiritual que você me associou quando, cedendo aos seus pedidos, consenti em casar-se com você, contrariando os desejos de meus pais? De qualquer forma, Jeronimo, o que eu fizera então fora bastante corajoso. Você era um desconhecido para o público. Suas idéias políticas assustavam e exasperavam os meus. Eu abandonava um lar rico, uma família unida para levar, com você, uma vida difícil. Protestei quando um ano mais tarde você me disse que não podia trabalhar em Paris e me levou para o interior, um lugar deserto e horrível? Suportei tudo. Tudo aceitei. Por muito tempo mesmo fingi ser feliz.

Mas que mulher poderia ser feliz com você? Eu rio às vezes quando vejo os jornais aludirem à sua força, sua coragem moral. Nunca encontrei um ser mais fraco do que você Jeronimo. Nunca. Escrevo tudo isso sem rancor. Como você bem pode notar já recuperei a calma. Mas é bom que você o saiba. Essa perpetua ansiedade, esse medo nervoso do mundo, essa mórbida necessidade de elogios, esse terror ingênuo da doença e da morte, não, não há força nisso tudo, se bem que as reações que essas perturbações provocam doem essa ilusão aos seus discípulos.

Forte? Como seria você, o mais vulnerável dos homens, a que o fracasso de um livro põe doente e que o menor elogio de um tolo provoca logo uma reação favorável, no sentido de esquecer a tolice do bajulador? É verdade que duas ou três vezes na sua vida, você lutou por idéias, ferosamente. Mas isso foi depois de calculos pacientes quando você não duvidava mais de sua vitória.

Você não vive senão para si mesmo, para a fama, para essa estranha emoção suscitada nas leitoras por um personagem que é menos você do que uma projeção heróica dos seus desejos...

Lembra-se quando começou a ganhar dinheiro e como imediatamente você se irritava ao ver que as suas idéias contrariavam a prosperidade?

— Você vai ficar rico Jerônimo.

— Eu detesto esse mundo. Mas enquanto ele existe é preciso adaptar-se...

— Você me queria mais como um adorno do que como a mulher a companheira. Ouço louvar a ousadia de suas opiniões, sua bondade, sua generosidade em relação a mim. Não respondo nada. As vezes aprovo, silenciosamente. Por que? Devo permitir que os outros o aceitem como um verdadeiro mestre quando você não é o que eles pensam? As vezes eu faço essa pergunta a mim mesma. Mas não faço nada. Por que escrever sobre você? Você me inspirou nojo das palavras. Adeus Jerônimo.

De Jerônimo a Teresa.

Paris, 15 de Outubro de 1932.

Como no tempo em que nós vivíamos juntos marido e mulher, você quis me ferir. Você não me conhece. Teresa. Você se acredita uma espécie de mártir. Mas a mim também custou muito compreender sua personalidade. Eu aceitei implicitamente a imagem que você desenhava de si mesma: uma mulher doce e sempre sacrificada. Aos poucos porem descobri a sua crueldade. Porque, na mocidade pais mal orientados a maltrataram, você vingava-se nos outros. Quando eu encontrei você acreditava em mim mesmo e lutava com coragem. Você tentou roubar-me a força da convicção. Hoje, afastado de você eu me admiro como me deixava ferir pela sua crueldade.

Você me olhava implacável. "Você é pequeno" estava contentemente a me repetir. É verdade. Eu tinha meus defeitos. E o amor que exige abandono, confiança, você me deu. Como poderia eu dar a você tudo o que havia de melhor em mim mesmo?

Você achou-se muito corajosa por ter casado comigo. Mas não era evidente que eu ia triunfar e você mesmo não tinha previsto isso? Pois aquilo, em mim, que triunfou, foi a despeito das suas tentativas para matar o homem que havia dentro de mim — um homem forte, que você tentava amesquinhar, com a sua eterna vigilância, a sua

RETROSPECTO

A EXTRAORDINÁRIA PENETRAÇÃO DE MAUBOIS
REVELA A VIDA INTERIOR DE UM HOMEM...

(Conto de ANDRÉ MAUROIS)

(Continua na pág. 51)

Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

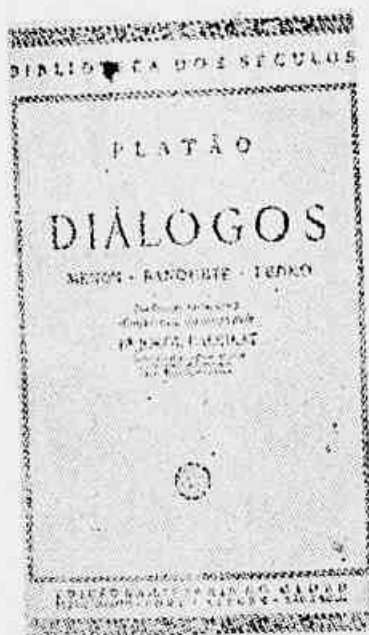
CONTOS MÁGICOS, de Max Yantok — Editora Vecchi — Rio de Janeiro, 1946.



O caricaturista Yantok, que tinha já trocado essa arte pela de aquarelista, realiza agora mais profunda e mais surpreendente transformação: faz-se escritor. Não deixa, porém, de ser grande amigo das crianças. Consagrava-lhes frequentemente os seus desenhos; oferece-lhes hoje outros bonecos: os personagens das presentes histórias. E é próprio, de algum modo, continua criança.

O Sr. Yantok escreveu estes trabalhos como se brincasse com os assuntos e o estilo. Deu-lhes o feitio e o espírito que, noutro tempo, imprimia às suas invenções pitorescas. Eram aparelhos complicadíssimos, em que alavancas e rodagens obedeciam a um lápis de fácil e descuidada fantasia. Tudo aquilo fora traçado evidentemente à pressa e sem esforço. Reinava ali a mais ditosa espontaneidade. A mesma impressão se tem na leitura dos *Contos mágicos*. Projectado o entrecho, mais ou menos jovial mais ou menos sensacional, de cada narrativa, tomou o Sr. Yantok da sua pena ou se sentou diante da sua máquina e como que deixou os dedos arcanjarem-se por si mesmos, para levar aquilo ao fim. A prosa corre ligeira como se, em vez de um homem de letras, a dirigisse um capista ou um dactilógrafo. De vez em quando, um engano natural da pressa: as linhas descritivas misturadas, pela ausência do si al gráfico, com as frases do diálogo, ou algum período em que a sintaxe foi mais ou menos sacrificada. Pouco importa isso ao público previsto e cujas boas graças se pretendem. De certo os *Contos mágicos* não foram feitos para ensinar gramática aos guris, mas sim para lhes servir de recreio, mantendo-os divertidos... e socegados. Neste sentido se tornam deveras apreciáveis as aventuras: dum Robertinho, que socorre um velhote caído à beira da estrada e é por ele presenteado com uma pedra azul; um Ramiro, que nasce já falando, fumando charutos e devorando feijoadas; uma linda Maritza, raptada pelos ciganos, outros heróis que mais ou menos conciliam o fabuloso com o humorístico e chegam, em certas páginas, a confundir Robinson Crusoe com os contos da Carochinha. Mas, em verdade, pouco vale, acerca deste gênero de literatura, a opinião ou o gosto das pessoas grandes. É a pequenada quem verdadeiramente vai julgar.

DIÁLOGOS DE PLATÃO, tradução directamente do grego por Jorge Paleikat — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1946.



Constitue esta tradução um trabalho deveras notável. Todos os requisitos que poderia exigir a "palavra alada", a "palavra divina" do filósofo, o Sr. Jorge Paleikat os patenteia vitoriosamente.

Procurou ele, e assim no-lo declara, obter uma versão que, afastando-se do sistema "à letra" não viesse, nem de leve, a falsear aquele pensamento genial. Não estamos habilitados — e ninguém o faria em resenha semanal de vários livros — a assegurar que o seu trabalho atingiu a extrema perfeição. A verdade, porém, é que a limpidez, e a eloquência destas páginas correspondem a uma cultura e um gosto de rara qualidade. Bem poucos escritores de certo se mostrariam tão sapientes e tão artistas em tarefa de tal natureza. O estilo é sempre corrente e de singular prestígio cativante. Quem quer que tenha praticado o ofício das letras irá sentindo constantemente as dificuldades vencidas as finuras sutis, transições, cambiantes, os recursos de destreza literária tão necessários em empreendimentos de tal gênero e de que os atuais tradutores profissionais, na sua quase totalidade, não fazem o menor caso nem certamente chegam a fazer idéia.

As traduções que por aí andam, que por esse mercado de livraria polulam não chegam, por via de regra a representar obra de prosador ou poeta e sim serviço de mero datilógrafo. Com o que se aprende nas escolas de escrever à máquina e nos seus cursos de francês e inglês, qualquer jovem recém-diplomado se considera apto para se colocar diante dum romance, poema, livro de história ou de filosofia e "atê-lo" em português. Além do mais, os mancebos e s donzelas, por via de regra também, se esqueceram de aprender o português... Como, porém, se contentam com remuneração muito inferior à que modestamente reclamaria qualquer literato de verdade, as empresas editoras os aproveitam na mais larga escala possível, certas, de mais a mais, da indiferença do grosso público pela questão da boa ou má linguagem, pois lê apenas para se distrair. E assim, estando tudo errado, tudo, dalgum modo, dá certo.

O Sr. Paleikat não se limita a trazer para o nosso idioma as concepções do criador imortal do platonismo. Ensina o leitor a melhor compreender e mais altamente admirar Platão. Explica-o e exemplifica-o, em anotações frequentes, denotadoras do conhecimento profundo, metódico, impecavelmente convicto, destas lições que, de geração em geração, de século em século, se tem imposto cada vez mais ao acatamento, à duração intelectual do mundo. E com bem louvável escrupulo autoral, assinala o Sr. Jorge Paleikat a preciosa colaboração que recebeu de outros helenistas e professores ilustres: os Srs. Leonel Vallandro, Carlos Gálvez, Paulo Tollens, Eurúpedes Minoggio e João Cruz Costa, este último da faculdade de Filosofia de São Paulo.

POESIAS, de Arturo, Torres Riosco, com prefácio de Gabriela Mistral e traduzidas por diversos poetas brasileiros — Edição da Livraria Globo — Porto Alegre, 1946.

Arturo Torres Riosco é um dos mais belos e prestigiosos nomes das modernas letras chilenas. Tem assinado, além de trabalhos de jornal e revista, novelas, ensaios críticos, reconstituições históricas e com principal destaque versos dos mais ou menos justificados qualificados de futuristas. E foi esta notoriedade na poesia que induziu a Livraria do Globo a incluir a obra presente na sua Coleção Tucano, em grande parte constituída por traduções.

Prestaram assim homenagem à inspiração e à arte de Arturo Torres Riosco os poetas brasileiros, Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Oswald de Andrade e Vinícius de Moraes. Não poderia de certo haver, para tal fim, melhor escolha. Em todas estas páginas se sente o desvelo, o empenho de propriedade e clareza com que os intérpretes do engenho alheio se entregaram à sua tarefa. É possível que, num ou noutro ponto, alguma sutileza ou particularidade de linguagem não obtivesse perfeita correspondência no nosso idioma. Em todas as traduções mais ou menos isso acontece. Mas, em verdade, no conjunto das versões em apreço se nota uma harmonia, uma correspon-

dência que só poderia resultar da possível fidelidade ao espírito e à letra do original. Eis a página *Debaixo do sabugueiro*, tradução de Mário de Andrade:

*Debaixo do sabugueiro
eu pus a dália.
Passou teu nome cantando
pela água.*

*Pela água se ia o teu nome,
cresceram lírios debaixo;
a borboleta morria
entre o sol e os álamos.*

*Na espiga e na árvore
se desnudava o pássaro:
teu nome ia pelos ares
cantando.*

*Já te tenho prêso
entre o sabugueiro e a dália:
no caminho o pássaro
canta que te canta.*

A' SOMBRA DO MEU CORAÇÃO, páginas amorosas de Célia de Cássia — Livraria Editora Zélio Valverde S. A. — Rio de Janeiro, 1946.

Se o cavalheiro a quem as presentes páginas dizem respeito realmente existe, quer dizer: se vive em carne e o osso, como qualquer de nós e não apenas na imaginação da autora — com bem razão esse cavalheiro se pode gabar de ser amado. O livro inteiro proclama o seu prestígio naquele coração totalmente rendido e entregue. Sem excepção duma só folha, do princípio ao fim do volume se patenteiam os estócos e arrebatamentos da paixão absoluta. Não há para tal sentimento restrição ou condição de espécie alguma. Não o altera a ingratidão nem o desprezo nem a indiferença. Ao que de algumas passagens se pode desprender, foi abandonado e continuou o mesmo. Mantida a hipótese de ser verdade tudo o que se conta nestes poemas em prosa fracionada a fingir que são versos, a Sra. Célia de Cássia atingiu a sublimidade sentimental dos que amam sem serem amados e, quanto mais desamados, mais possuídos de amor. No infortúnio que a outros seres maltrata a ponto de se tornar insuportável ou fatiga até à resignação e à própria insensibilidade, encontra ela um motivo de ufanía e uma espécie de ventura. Realiza plenamente o conceito do poeta, segundo o qual "amor sem esperança, é o verdadeiro amor". E daquilo que poderiam ser as suas ansiedades, as suas máguas, as suas revoltas, os seus desesperos, tira concepções, definições, imagens, frases que não raro assumem elevações e beleza. Onde se vê que nem em todos os casos tem razão o outro poeta, para quem a desgraça mais negra está no afecto não correspondido... Com este livro a Sra. de Cássia nos demonstra que, às vezes, vale a pena "amar alguém que não nos tenha amor".

Eis a página intitulada *Amo-te sempre*:

*Tu moras em meus olhos,
Meus lábios e meu coração.
Desde... sim, desde que vivo,
Pois viver não é só ter vida:
É senti-la!
E antes de tu chegares,
Eu, acordada, dormia...
Despertaste-me para o amor,
Para todas as coisas belas,
Para a Vida!
Depois... O Destino teve inveja
De tanta felicidade
E roubou-te a mim.
Mas a lembrança conservou-te em meus olhos,
A saudade em meus lábios,
A dor em meu coração.
E é em vão que o sono chega
Para, fechando-me as pálpebras, apagar-te:
— Sonho contigo!
E' em vão que conheço o desejo
Em beijos que esmagam minha boca:
— Pronúncio teu nome!
E' em vão que o tempo passa,
Matando ilusões e esperanças:
— Amo-te sempre!*

ROSA DOS VENTOS versos de Soares da Cunha — Belo Horizonte, 1946.

O Sr. Soares da Cunha, autor de *Estrela cadente* e de *Maria*, livros de juventude e de amor, continua moço e sentimental, pelo que duplamente se lhe devem dar parabéns. Como nas poesias anteriores ao presente volume, a inspiração o conduz, de vez em quando, a outros temas, que não o força da vida e os enlevos da paixão. Sucede-lhe ficar um tanto irônico ou mais ou menos pessimista. Em outros dias, ei-lo se volta para os temas históricos, ou os motivos de mitologia, ou os aspectos da natureza — neste último caso estão as delicadas, enternecedoras sextilhas da *Vísula ao luar da infância*. E', porém, o amor que o leva mais frequentemente, e também mais ditosamente a ver-sejar. Aqui temos, por exemplo, o soneto *M'atempicose*:

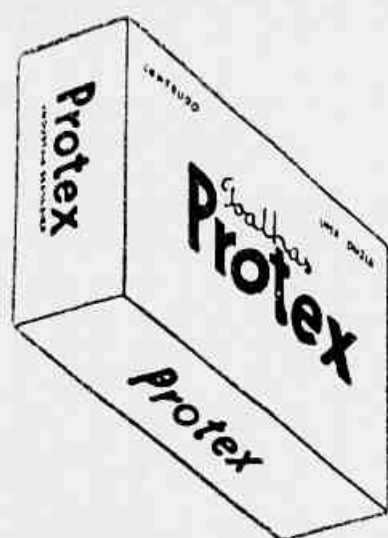
*Talvez, em outros dias, outra Idade,
numa vida passada que tivemos,
e da qual, muitas vezes, a saudade,
em horas de abandono, padecemos;*

*talvez (Quem é que sabe da verdade?)
habitando outro corpo, que perdemos,
nalgum belo país da antiguidade,
foi que, primeiro, nós nos conhecemos.*

*Assim, porisso é que, depois, querida,
nas aventuras da presente vida,
ao te encontrar pelo primeiro dia,*

*tá dentro, qualquer coisa me falava
que, não sei de onde, já te conhecia,
e, desde não sei quando, já te amava...*





A mais perfeita
e moderna
toalha higiênica



Feita para a mais
exigente e delicada
sensibilidade feminina



Lembre-se das vantagens que lhe
proporciona a toalha "PROTEX"

Suave, macia, invisível, face externa
impermeável, absorvente poderoso,
garante proteção, conforto e bem estar

A toalha "PROTEX" protege
"PROTEX" a toalha protetora



Fábrica

Av. N. S. de Copacabana, 98 — Terreo — Tel. 27-8757



À venda nas farmácias e lojas de artigos femininos



como estou outra agora...



Foi só aplicar Brylcreem e meus cabelos ganharam outra vida! Agora sim, estão brilhantes, sedosos, sãos e juvenis. Experimente você também! Brylcreem é usado no mundo inteiro pelas pessoas de bom gosto. Fixa sem emplastar, evita a caspa e a queda do cabelo. Depois de permanente quando o cabelo fica ressecado, Brylcreem completa porque dá cor e brilho natural. Nos cabeleireiros de 1.º ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos!

Mais de 27 milhões de unidades
vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

o mais perfeito TÔNICO FIXADOR DO CABELO



Uma viagem noturna em um confortável Pullman... Que sensação deliciosa! Há sempre a possibilidade de alguma garota bonita ficar ali perto, e nada mais agradável que a companhia de um bonito palminho de noite... tudo pode acontecer numa viagem de Pullman!

"HELLO!"

Esperem, esperem... Ela aí vem! Tal como esperava, é o tipo da bôa companheira para uma longa viagem de Pullman. Onde ficará a sua cabine? Será perto daqui? Mesmo admitindo que não venhâmos a trocar palavras, no fim de contas vamos dormir sob o mesmo teto — o teto do trem...



Otimo! Me
de algum
mais agrad

A expect
Fotos pos
Reser vati

Eh! Mas q
para outro
velho incr



Ótimo! Melhorou muito! A garota vai ser minha vizinha e si durante a noite precisar de algum auxílio, é claro que aqui estou às suas ordens... Decididamente é esta a mais agradável viagem que já fiz em toda a minha vida. Ah, si ela estivesse também disposta a conversar...

À expectativa de uma deliciosa aventura que se transforma em uma dolorosa realidade... Fotos pesadas por DonDeFore, da RKO, protagonista do filme de Mervyn LeRoy "Without Reservations".

Eh! Mas que é isso agora? Por esta eu não esperava... A garota passou adiante, seguiu para outro carro... E em lugar de uma pequena bonita, vou ter como vizinho esse velho incrível, fumando esse cachimbo detestável! Bonito... Lá se foi todo o encanto da minha viagem de Pullman!



ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Roberto e Huda, filhos do sr. Capitão Tenente Thoribio Lopes (ora na cidade de Belém, Pará) e de sua legítima esposa D. Elvira Sarmento de Figueiredo Lopes, residente com seus filhinhos no Rio de Janeiro.

TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍSSIMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e receba o tratamento "Fleury" a preço de Penteir (cabelos), que distingue a Fleury.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua J. de Barros, 40-316. Nome Rua Cidade Estado

SETE DE ABRIL, gravadíssima data das fastos brasileiros. A 7 de Abril de 1846, em Campos, nasce quem teria nome em paginas de história patria: Luís Felipe de Saldanha da Gama.

Quantos o biografam, quantos o evocam, quasi exclusivamente o consideram como figura militar. Nela existio sobretudo um gentil-homem, de dotes pessoais ajuntados aos de raça fina, um homem tão bem tratado pela natureza quão maltratado pela sorte ao se lhe fecharem os dias.

Escolhendo para officio de vida o da marinha de guerra, quem se assinou sempre — Luiz Philippe de Saldanha da Gama — elevou-se na carreira que elegera para servir patria; sem jamais perder as características de personalidade, as de mandar e seduzir.

Mandava Saldanha roborando o mando com exemplos da intelligencia e de bravura, seduziu pelos exemplos da elegancia de sua existencia. Uma vez morto, a justiça, sobrepujando o odio de adversarios, obrigou-os a escrever e a imprimir estas palavras: "Foi sempre um bravo, um inimigo com qualidades nobres de coração e virtudes notaveis de guerreiro." Tal declaravam adversarios logo após haverem atirado a Saldanha insultos e calunias, mas declararam à pressão da justiça.

Ao realce do melhor da carreira militar de Saldanha contraponhamos lados de sua vida menos ou talvez não lembrados. Forma os de homem de sociedade, de dous completados por viagens, a illustrarem sem livros quantos sabem observar, aproveitar e comparar.

Viagem houve para levar Saldanha à China formigante de população e às paragens de Punta Arenas no seu quasi deserto de gente arredada do mundo.

As *Notas de Viagem à Patagonia*, da autoria de Saldanha, mostram nele um escritor ao qual as circums-

CENTENARIO SALDANHA DA GAMA ESCRAGNOLLE DORIA

tancias da vida não consentiram aperfeiçoamento progressivo, literario, Saldanha na confinidade de escritos relativos à sua vida de homem do mar.

Bem escolhido para membro de comissões nossas de representação no estrangeiro, Saldanha delas participou com relevo, assim em exposições ou congressos internacionais.

Para brilhar naquelas e nestes tinha estampa, garbo militar, poliglotismo, variedade de instrução.

Da sua passagem pelo Imperial Collegio de Pedro Segundo, aluno do Externato deste, Saldanha da Gama levára para a Escola Naval os primeiros principios de conhecimentos o trora julgados de complemento à educação secundaria.

No seu tempo do *Pedro Segundo*, que lhe deu primeira farda, a colegial, Saldanha aprendeu musica com o professor Goyano, desenho com o professor Faria Pardal, dança com o professor Rocha, esgrima com o alferes do exercito Pedro Meyer.

Disse-nos pessoa chegada a Saldanha que este sempre se referia com carinho a seus mestres de artes do *Pedro Segundo*, professores de reputação, sabido quando o Imperador, no seu Collegio, queria mestres que honrassem estabelecimento.

Muita cousa começada a aprender no *Pedro Segundo* servio Saldanha no decurso de vida intima, ou social.

Gostava Saldanha de desenhar, a *globe-trotter* naval como ele util o desenho para fixar lembranças de paizes ou sitios visitados.

A quem corre globo, em carater official, não faltam festas, jantares, excursões, bailes. Tudo isto conheceu Saldanha no estrangeiro quando não na sua terra. Foi femininamente atestado ser Saldanha excelente par de valsa em tempos nos quais a dança, de varios tempos, requeria graça na agilidade.

Estimando musica tinha Saldanha onde apreciava no Rio de Janeiro, sobretudo no fim do Imperio. Otimamente ou bôa nunca faltou ao Rio do tempo, na cidade multiplicados concertos, de associações particulares ou de empreitada, até mesmo de Clubes, do Clube Beethoven, do Congresso Brasileiro, dos Concertos Populares Carlos de Mesquita, do Clube do Engenho Velho. Nem seja esquecida a Sociedade de Quarteto, de audições no Conservatorio de Musica, honradas com a presença de toda a Família Imperial, contando executantes como Cerichiano, Alberto Nepomuceno, Jeronimo Queiroz, Saldanha frequentador das concertos da Sociedade.

Vida de Saldanha! Brilho e sombral Reapparece, de vez, Saldanha ora alteiado em estatua, de aonde ainda se volta para o mar...

SALDANHA DA GAMA CONTRA ALMIRANTE
(1846—1895)



Almirante Saldanha da Gama

SALDANHA DA GAMA CAPITÃO TENENTE
Fotografia tirada em Pernambuco.



sem.
es do
quanto
assem
ro So.
ma, ou
naval
paizes
faltam
onheceu
ra. Foi
par de
tempos,
precial-a
r. Otim
le multi
s ou de
ethoven,
res Car
Nem seja
no Con
a de toda
omo Cer
iroz, Sal
dade.
Reaparece
statua, de



ASSIM E' VISTO DA PLATEA — O momento culminante da peça de Eduardo Garrido, que duas gerações tem assistido com os olhos rasos de lagrimas, nos três dias da Semana Santa, é o da crucificação do Senhor. Vista da plateia, a cena aparece tal como nos mostra a gravura, com o ator Armando Rosas semi-despedido e ensanguentado, de olhos suplices, repetindo as palavras do Evangelho: — "Perdoai-lhes, Senhor! Eles não sabem o que fazem!"

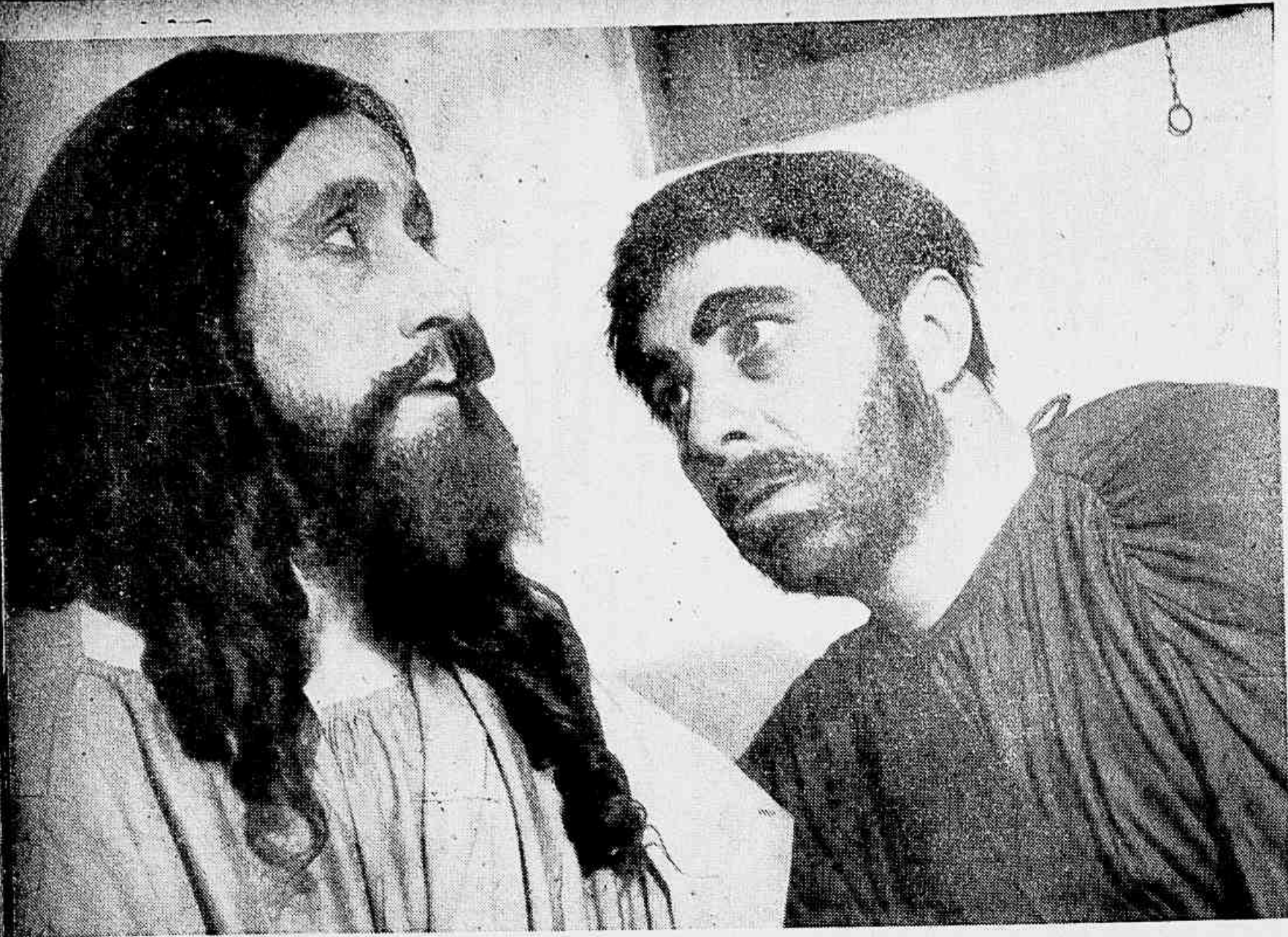
NOS BASTIDORES DO "MARTIR DO CALVARIO"

NO CAMARIM DO INTERPRETE DE SÃO PEDRO — Este ano, foi o ator Pedro Dias a interpretar o grande apóstolo. Nos intervalos do espetáculo, ele se distraía acompanhando a transmissão de uma partida de futebol ou deliciando-se com um programa de boa música. Mas pela expressão fisionômica e pelos gestos, o interprete de São Pedro parece nada satisfeito com o que lhe oferece o rádio. Qual seria o programa? Algum sambinha irreverente? Um desses quartos-de-horas que de humorísticos só tem mesmo o nome? E' o que parece. São Pedro não está gostando!

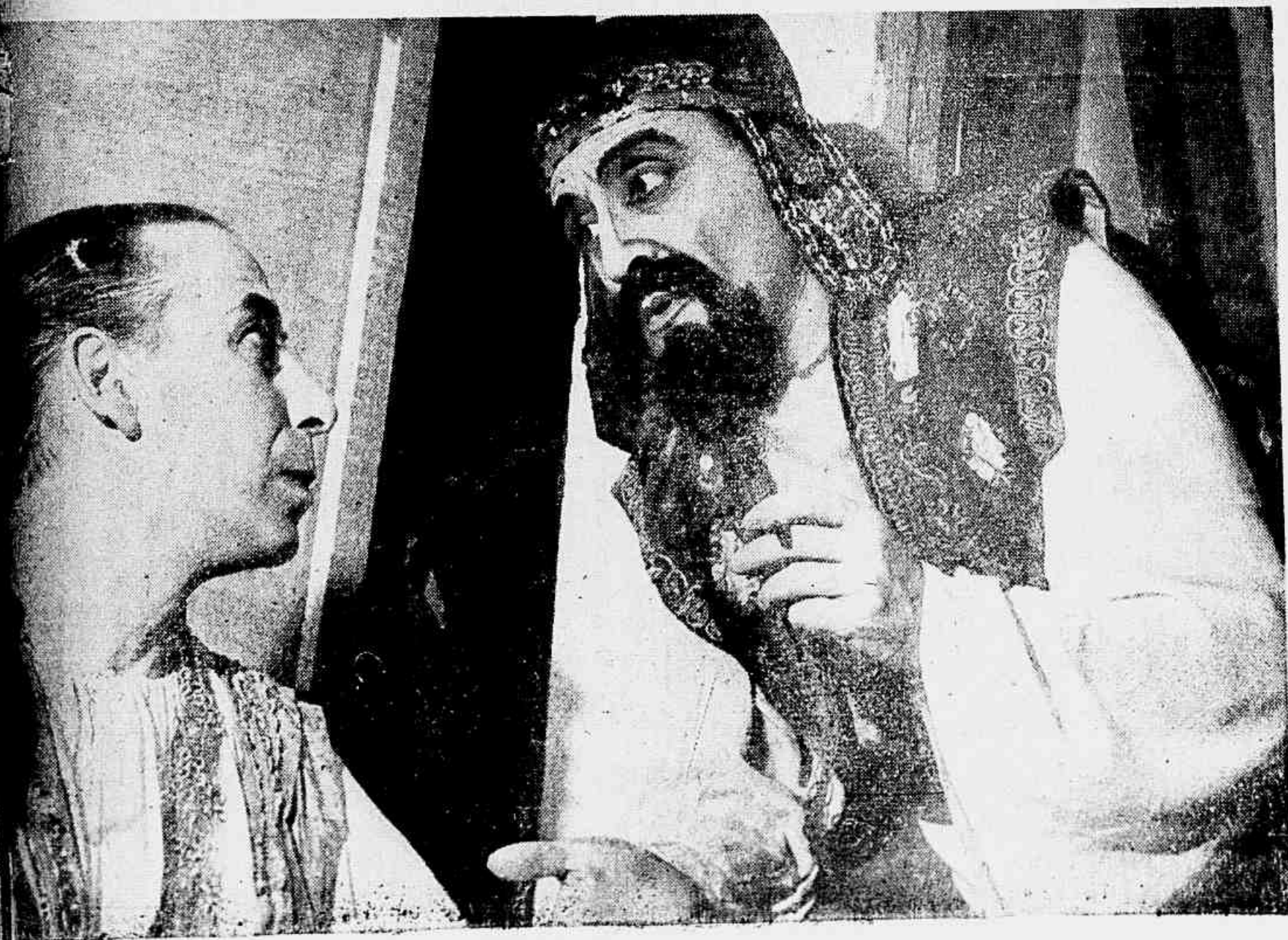
A MESMA CENA VISTA DOS BASTIDORES — Três cruces são levantadas no palco do Recreio, teatro onde a famosa Companhia Dramatica Dias Braga representou pela primeira vez a tradicional "peça em verso". Em cena, Jesus cruxificado entre o Bom e o Mau Ladrão. Na "caixa", figurantes — soldados romanos — preparam-se para entrar no palco. Formando contraste, em primeiro plano, um soldado do Corpo de Bombeiros, sempre de sobreaviso.

Ainda são inumeras as companhias que representam a famosa peça em versos do escritor português Eduardo Garrido aqui no Rio e nos Estados, permitindo uma arrecadação de direitos autorais, em média, de quatro mil cruzeiros anualmente. Esses direitos são divididos entre a Casa dos Artistas, herdeira do autor do poema, e a Empresa Paschoal Segreto, que adquiriu a parte dos direitos atinentes à partitura musical de autoria do falecido maestro e compositor José Nunes. Damos nestas páginas, uma interessante reportagem feita nos bastidores do Teatro Recreio, na ultimo Semana Santa.





OUTROS FLAGRANTES DOS BASTIDORES DO "MARTIR". — A' esquerda, um detalhe em "primeiro plano" de Jesus Cristo e Judas Iskariote, respectivamente desempenhados pelos atores Armando Rosas e Manuel Vieira. Como se vê, nossos artistas capricham na composição da figura do Nazareno, imprimindo-lhe um suave tóque de bondade e ternura, sempre recordando o primeiro grande intérprete desse papel, o saudoso Olímpio Nogueira, por sinal também o seu criador. Na grvura horizontal, ao centro, um "centurião" parece afetado pelos vapores do alcool, depois de ingerir mais uma taça de capitoso vinho da Ceia. Na realidade, o figurante está ferrado no sono, aguardando a chamada do "contrarégra". Em baixo, Pilatos e Caifaz, ou melhor, Jesus Ruas e Armando Nascimento, respectivamente. Eles conversam assuntos banais enquanto não é dado o momento do primeiro lavar as mãos de todo o revoltante "caso" do julgamento divino. Quanto a Caifaz, saboreando o seu cigarro contemporâneo, está talvez aludindo à falta de carne ou da manteiga, lá em casa... Que os interpretes das figuras seculares do "Martir do Calvario", têm também que enfrentar esses e outros problemas banais destes nossos dolorosos dias de "acionamentos, filas e mais filas, tristes heranças dos dias de guerra que já vão longe...



Italia Fausta, a grande atriz dramática brasileira, só de quando em quando aparece. A interprete de "Ré Misteriosa", que é ainda um "prato de resistencia" para o nosso público, e que um dia teve o arrôjo de representar tragédias grégas no historico Teatro da Natureza, em pleno Campo de Santana, volta quasi sempre, entretanto, quando é hora de "re-primir" o "Martir" e ainda este ano ela foi a interprete do papel de Virgem Maria. Quando o fotografo a visitou em seu camarim, Italia Fausta era apenas a leitora atenta de uma revista ilustrada, e qualquer coisa de muito interessante devia despertar-lhe tão grande curiosidade. A seu lado, Madalena Arrependida — ou melhor, a atriz Alice Archambeau — de cabelos louros e compridos, vistosas roupagens e de sorriso alegre, nem parece aquela que, instante mais tarde, submissa aos pés do Nazareno, implora perdão para os seus pecados, que não deviam ter sido poucos. Na intimidade dos bastidores, como se vê no "clichê", as duas personagens inteiramente distintas diante do público, são apenas duas boas amigas e companheiras de arte. Milhares de vezes o "Martir" tem sido representado em todos os teatros do Brasil, e muitos milhões de cruzeiros o original de Eduardo Garrido já proporcionou de lucros seus empresários. É essa uma das peças mais representadas.



Samaritana enche o cantarona fonte de Jerusalem. Aqui está a atriz Dalva Costa repetindo o delicado momento do "Martir", vendo-se o trainel do pôco, e, na parte de traz, o "carpinteiro" incumbido de facilitar-lhe a tarefa em cena aberta. — Na gravura maior, ainda com o pano descido, o ator Armando Rosas (Jesus Cristo) ensaia a Ascensão do Senhor, realizada com o auxílio de complicada arte maquinária e alguns fios de arame. Em baixo, Diva Sonia — São João Batista — toma conhecimento das últimas novidades esportivas, antes de entrar em cena. E' assim, vista por dentro, a tarefa engenhosa de representação de uma peça que ha quasi quarenta anos emociona as platéias católicas brasileiras.

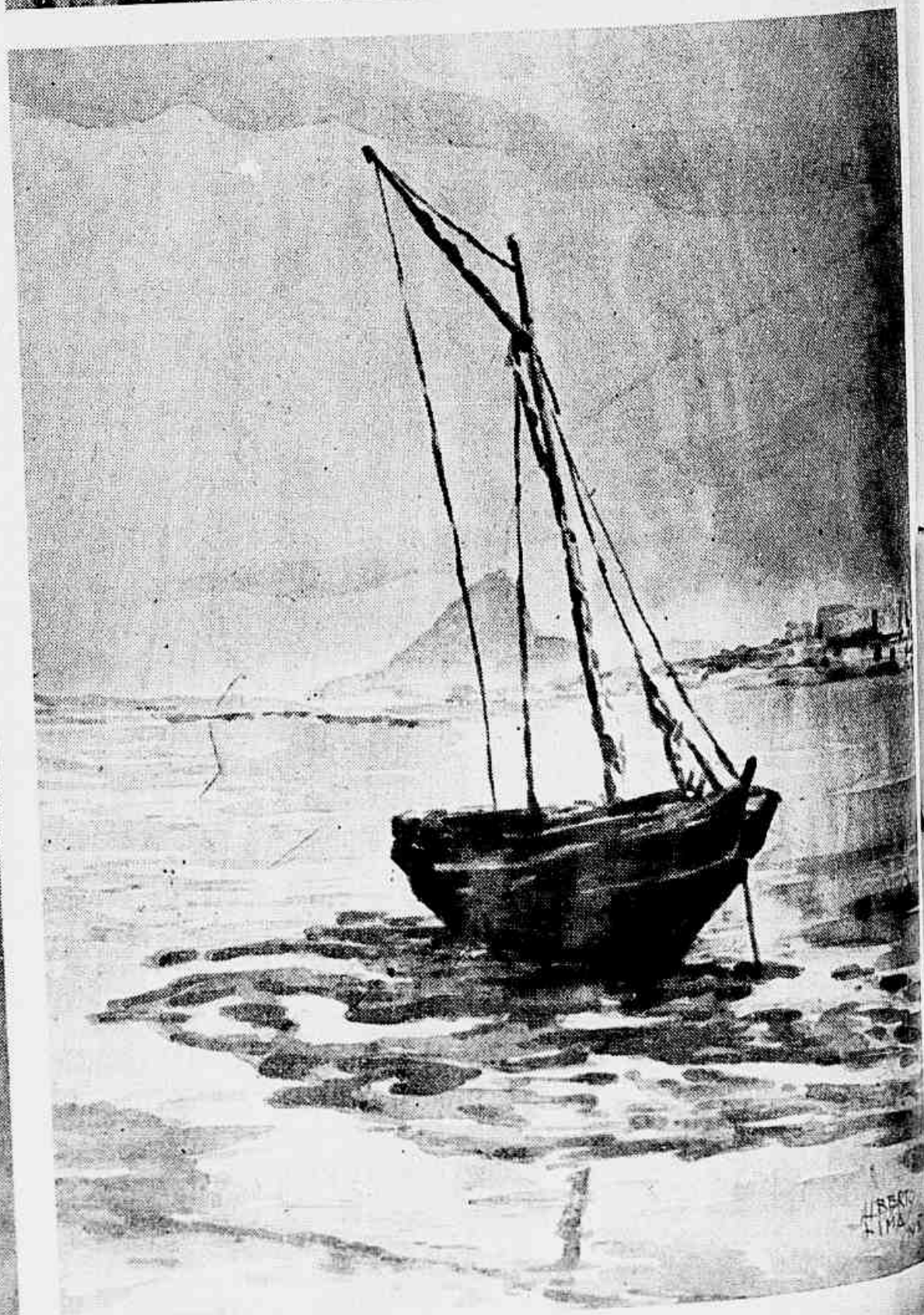


quan-
que
co, e
rêgas
San-
"re-
te do
u em
ta de
ssante
Ma-
mbeau
e de
tarde,
s seus
nidade
rsona-
apena-
de vê-
teatros
Edu-
sários.

ARTES PLASTICAS



Vem de inaugurar-se em São Paulo, na Galeria de Livros e Arte Itapetininga, uma exposição de aquarelas do pintor Alberto Lima, nosso antigo companheiro e, sem favor, nome de prestígio incontestável mérito na sua arte. Depois de realizar aqui no Rio uma série vitoriosa de mostras recebidas com entusiasmo e muito apreço pela crítica, Alberto Lima quiz levar agora as suas telas para a terra paulistana, submetendo-as à sensibilidade e ao apurado bom gosto do seu povo, cujas tradições de arte são por demais conhecidas. Três desses excelentes trabalhos são reproduzidos nesta página, onde se vê, ao alto, "Ponte do Suspiro — Ouro Preto, em 1945"; á direita, em cima, "Açude — Sítio Bethania, Conservatória", e em baixo, "Barco — na Ilha do Governador". São em número de quarenta e seis as telas expostas, reproduzindo aspectos cariocas, mineiros e fluminenses. Aproveitando sua permanência em São Paulo, Alberto Lima vai também fixar em novas telas, panoramas e flagrantes colhidos ao vivo, no seu contacto, embora rápido, com a terra da garôa. O encerramento da exposição de Alberto Lima dar-se-á dia 15 vindouro.





ENLACE STA. LISE BADIA URELL -- DR. ANTONIO GALDINO CAMPOS

Constituiu a nota social elegante da semana passada, em Copacabana, o casamento dasenhoriça Lise Badia Urell, com o dr. Antonio Galdino Campos. Os noivos, residentes há vários anos no aristocrático bairro, desfrutam de um vasto círculo de amizades e daí a numerosa assistência que ocorreu ao palacete dos pais da noiva para o ato do casamento civil, e à cerimônia religiosa realizada na Matriz de N. S. Copacabana.

O tenor mexicano que ora nos visita, dr. Alfonso Ortiz Tirado, atendendo gentilmente a um convite de Mme. Delis de Borges, da alta sociedade do país amigo, compareceu com sua exma esposa e emprestou com a sua arte maior brilho à solenidade religiosa.

A noiva, srta. Lisette, elemento destacado da sociedade carioca, é filha do casal Georgette Badia Urell e Francisco Badia Urell, antigo e conceituado comerciante em Copacabana, fundadores da Casa Vicente e Georgette.

O noivo, dr. Galdino Campos, pertence a uma distinta família mineira e é clínico de nomeada nesta Capital. Chefe da Clínica Geral na Policlínica de Copacabana, da qual foi um dos fundadores, faz parte do corpo de médicos do Ministério da Justiça em serviço no Instituto 15 de Novembro.

Foram padrinhos dos noivos: sr. Marinho de Almeida e Marguerite Anquetin, Embaixador José Bonifácio de Andrada e Silva e sra. Clemente Tabanou, Major Mendes Pereira e sra. Maria Antonia Mendes Pereira, Francisco Badia Urell e a Embaixatriz Corina Bonifácio de Andrada e Silva.

Após a cerimônia religiosa, os pais da noiva abriram os salões de sua residência à Av. Copacabana e ofereceram uma encantadora festa a quantos foram apresentar cumprimentos aos jovens noivos.

As fotos que estampamos nesta página foram colhidas pela objetiva da REVISTA DA SEMANA por ocasião da cerimônia religiosa.

CREAÇÕES BRITANICAS



1 — "Tailleur" de Molineux, em lã negra, franjas do mesmo tecido. 2 — "Duas-pegas" para a tarde em lã negra. Aba do casaco pespontada e bastante armada. Modelo Digby Morton. 3 — Casaco de lã negra com babados na saia e nas mangas. Criação de Molineux. 4 — Traje de noite em setim azul. Grande gola em forma de chale. Modelo Angèle Delanghe. 5 — "Duas-pegas" em lã preta. Botões decorativos. Blusa azul. Angèle Delanghe.

MANHÃS FRIAS

Da esquerda para a direita: — 1 — Modelinho de lã azul, imitando "duas-
peças", com gola de "piqué" branco; 2 — Simples e gracioso este modelo de
lã cinza, com originais recortes na blusa e na saia, arrematados com grandes
pespontos. Iniciais bordadas em azul forte; 3 — Prático modelinho em lã
beige, aconselhado às pessoas fortes. Gola "moking", botões decorativos.
Saia com três machos; 4 — Modelo também apropriado às pessoas fortes, feito
em lã verde. Decote quadrado, alto. Bolsos embutidos nos machos da blusa;
5 — Modelo juvenil, em lã cinza, com pala dupla nos ombros. Saia prequeada.
Mangas três-quartos; 6 — Modelinho bastante gracioso, estilo "chemisier", feito
em lã azul claro. Pences formam o franzido da blusa. Saia franzida dos lados.



O misterio de Hilda

(Continuação da página 17)

Ciumes daquela velha desengonçada? Não. Não propriamente ciumes. Mas simplesmente a idéia de que estava sendo roubada, de que Hilda estava lhe tirando alguma coisa que era dela, só dela e naquela sua maneira silenciosa, mesmo sem falar muito, estava se intrometendo na vida deles, do casal, mais perigosamente do que se se mostrasse expansiva, comunicativa, menos impenetrável. Anne decidiu descobrir o mistério da empregada.



Foi no dia seguinte que Anne a surpreendeu contemplando as joias.

— Que é que você está fazendo aí?

— Estava espanando os móveis.

As joias, que estavam sobre a penteadeira, brilhavam no fundo dos estojos.

— Pode deixar para depois. Eu agora quero guardar as joias.

Hilda saiu sem dizer mais uma palavra. Entretanto ficara bem clara a insinuação.

Anne sentou-se defronte do espelho e abriu o cofre embutido na parede. Mas, antes de colocar as joias no lugar, ainda levou o colar ao pescoço.

— A senhora quer alguma coisa do armazem?

A voz de Hilda veio interromper a divagação. Anne estava recordando Robert, o noivado, os primeiros presentes. Voltou-se surpreendida. A criada estava de pé atrás dela. No espelho refletia-se seu corpo feio.

— Não. Não quero nada.

Hilda saiu novamente. Só então Anne lembrou-se que, quasi inconscientemente, notara o olhar lançado sobre as joias por Hilda. O cofre aberto revelava riquezas que a criada até então desconhecia. Outras joias, mais caras, mais preciosas...



Anne telefonou para o detetive particular. Era um homenzinho baixo e calvo, de maneiras simples e despretenciosas.

— Eu queria que o senhor descobrisse de onde ela veio, quem é a família...

O detetive assentia com um movimento da cabeça. Depois ela contou-lhe o caso das joias. Ele, imediatamente, pediu para

NOVOS CONTOS DA MONTANHA

De Miguel Torga. 2.^a edição. Pedidos a J. O. Antunes & Cia, nesta capital, ou á Coimbra Editora Ltda., Rua Ferreira Borges, 79. COIMBRA — PORTUGAL.

vê-las. Anne abriu o cofre e fê-lo examiná-las.

— Que há?

O detetive tivera uma exclamação abafada.

— Essas joias...

— Sim...?

— Essas joias são falsas!

— Mas...

— São falsas, posso assegurar-lhe.

Surpresa. Anne voutou-se para ele.

— Nesse caso... principiou. Mas não concluiu a frase. Saiu, de repente, chamando:

— Hilda! Hilda!

Hilda apareceu, enxugando as mãos no avental.

— Senhora?

Furiosa, desencadeando a antipatia que vinha alimentando, Anne exclamou:

— Minhas joias! Minhas joias foram roubadas. Substituíram-nas por imitações! Só pôde ter sido você.

Naquele momento, Anne sentiu na fisionomia de Hilda uma mudança brusca: aquela rigidez, aquela impassibilidade desarmou-se e ela contemplou um rosto cansado, uma expressão de profundo sofrimento e imensa tristeza.

— Vamos, responda! Foi você, não foi?

Ela nunca poderia esperar o que então aconteceu. Lentamente, começaram a brotar nos olhos de Hilda, lágrimas que escorriam lentamente...

— Sim, fui eu. Fui eu.

Mas naquela confissão em voz tremula, onde pela primeira vez Anne distinguia uma emoção humana, não havia convicção. E Anne sentiu que não era verdade.



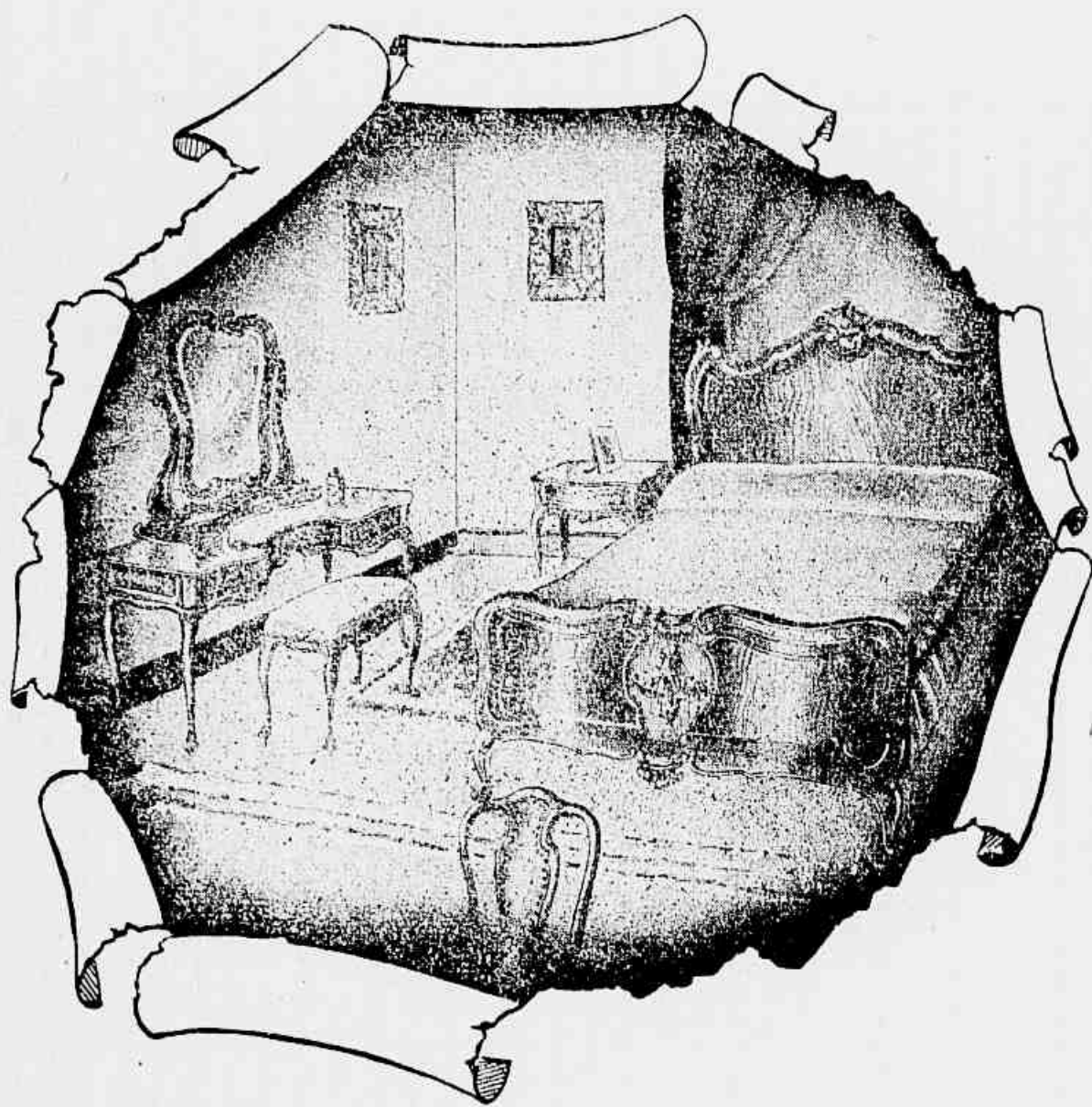
— Conte tudo. Sinta-me sua amiga...

Hilda não ponde mais conter-se. Soluçava desesperadamente.

— Foi ele, foi meu filho. Eu disse a ele que não fizesse isso.



SR. JORGE DE BITTENCOURT dinâmico e operoso industrial brasileiro cujo aniversário natalício transcorreu no dia 23 de abril p.p.



Na realização do seu maior sonho...

Neste dia feliz de maio, não esqueça um detalhe que muito ha de contribuir para sua felicidade: u'a mobilia em estilo representa mais um elo de aproximação na vida de um casal.



RUA DO CATETÉ, 105

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



Já mais de uma vez eu fui forçada a abandonar as casas onde trabalhava por causa dele, pelas desordens que ele provocava, mas nunca ainda ele tinha roubado. Entretanto, sem que eu o soubesse, nesses últimos anos, ele estava se iniciando no crime. Veio aqui uma noite e descobriu o cofre. Voltou outras vezes. Eu não sabia de nada. Não vou pedir à senhora que o perdoe. Mande-o prender. Talvez seja a maior caridade, o maior favor. Quem sabe se, afastado do grupo com o qual ele anda, ele não mudará e, com a graça de Deus, não se tornará um homem honesto novamente?

Menos do que a história de

uma tortura constante estava comovendo a Anne a emoção que transparecia depois de ser represada tanto tempo.

De repente, irrompera aquela

confissão, entrecortada, que revelava tudo o que se passara na alma de Hilda. A frieza, a compostura eram, não expressão de uma natureza pouco cordial, mas

máscara de um profundo sofrimento.

— Não. Hilda. Eu não vou mandar prendê-lo. Robert há de

(Continua na página 53)

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia não é só quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutícula.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutícula ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e sadia volta a impregnar com o uso do "Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

ROUGE LIQUIDO RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

DÁ AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL

A VENDA EM TODA A PARTE

Desprende, joga

ou cai a sua

DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polvilhar as dentaduras postizas, conserva-as com maior firmeza na boca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não caem. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiza". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA SIDA,
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

Um presente para o seu bebê!

As crianças são os sorrisos de Deus na terra!...

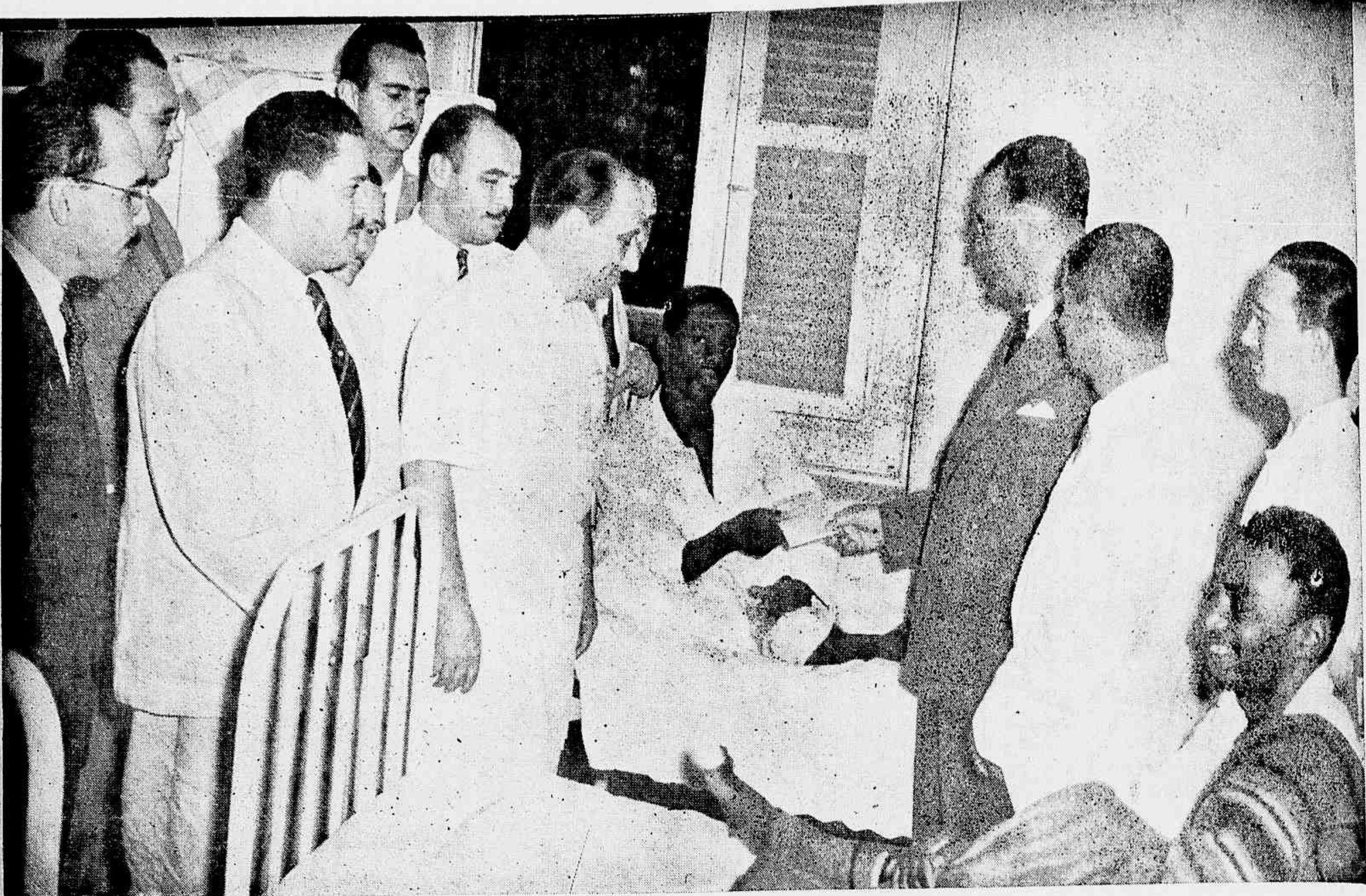
Mas uma criança só é feliz quando bem cuidada, e só é bem cuidada com o talco Lady, — um produto de pureza absoluta. Façam a alegria de vossos filhos com o talco que perfuma e refresca.

TALCO

Lady

* À VENDA EM TODO O BRASIL *

P. FERRAZ



O ministro Negrão de Lima entrega a um hospitalizado, o auxílio-doença, a mais recente conquista da nossa legislação trabalhista. Na mesma fotografia, vêem-se ainda os srs. Milton Soares de Santana, Presidente do I.A.P.M., Silva Teles, diretor do Hospital, Nelson Marcelino, Presidente do Conselho Fiscal do I.A.P.M., José Evangelista, diretor do S.A.P.S., Moacir Vellos, diretor de Departamento Nacional de Previdência Social e os deputados da Constituinte, os trabalhistas Gurgel do Amaral e Benjamin Farah.

NOVAS INTALAÇÕES PARA O HOSPITAL DOS MARITIMOS

O titular do Trabalho em visita ao estabelecimento clínico dos homens do mar -- A construção de novos pavilhões

Atendendo às solicitações e aos anseios da laboriosa classe dos homens do mar no sentido de serem ampliados os seus serviços, o ministro do Trabalho visitou, na última semana, o Hospital dos Marítimos.

Em companhia do presidente do I.A.P.M., sr. Milton Soares de Santana, o titular Negrão de Lima percorreu demoradamente as instalações daquele estabelecimento hospitalar, que desde junho do ano passado, tem procurado, dentro de suas possibilidades, atender às necessidades dos filiados àquela autarquia.

Com capacidade para 100 leitos, em caso de emergência e contando em tratamento com cerca de 90 enfermos, o Hospital dos Marítimos está apto a prestar qualquer tratamento aos pacientes, estendendo-se a sua utilidade a todos os marítimos residentes ou em trânsito pelo Distrito Federal.

OS DIRIGENTES DO HOSPITAL

Dirigido pelo conhecido ginecologista Francisco Silva Teles e assistido pelo clínico Valdemar Severo, o Hospital dos Marítimos conta com o seguinte quadro médico:

Odilon Batista, Cirurgia geral — Cirurgião Chefe; Armando Amaral, cirurgia e traumatologia; Wilson Chaves, cirurgia e anestesia; Emilio Niemeyr, obstetrícia; Condeixa Filho, cirurgia e urologia; Moura Brasil, oftalmologia; Soares Brandão, oto-rino-laringologia; Carlos Bruno, Publio Baimha, Acidentes do trabalho; E. O. Lohmann, Acidentes do trabalho; Fernando Lessa, Ginecologia; Fernando Monteiro de Barros, obstetrícia; Severino Mozart, plantonista; José Generoso, plantonista; Silvio Cortes, radiologista; Fioreto Caselli, fisioterapeuta.

Dermatologia e sifigrafia, Jaime Abella; pediatria, Areolino Maciel; odontologia, Messias Graça da Silva e Honório Telles; Neurologia, Odecio Sena de Figueiredo; fisiologista, Murilo de Paula Fonseca; gazoterapia, Rubens Mayall; metabologia, José Bica; eletrodiagnóstico, Olavo Neri; transfusão e imuno-transfusão de sangue, Cruvinel Ratto; roentgenoterapia, Costa Junior.

Os serviços especializados de laboratório e análises clínicas estão a cargo de A. S. Levy e Humberto Ferreira.

Assistido por moderna organização, os seus serviços administrativos estão assim confiados.



O titular da pasta do Trabalho, durante a visita, percorre todas as suas dependências. A fotografia acima, foi obtida quando o sr. Negrão de Lima se encontrava na sala de operações.

Administrador, Luiz Nobs; auxiliar de administrador, José Pereira Sampaio; chefe da secretaria, Oscar Rega; chefe do pessoal, srta. Nair Ferreira de Sá; almoxarife, Osvaldo Joaquim Moreira.

ENTREGA DE AUXILIO-DOENÇA

Durante a visita, o ministro Negrão de Lima teve a oportunidade de entregar a dois internados o auxílio-doença, nova conquista trabalhista da legislação brasileira, que assiste com pagamento integral do salário ao proletariado durante toda a sua enfermidade.

Realçando o alcance da medida, o titular do Trabalho, reafirmou mais uma vez o interesse e o carinho com que o governo do general Eurico Dutra encara a solução dos problemas de Previdência Social, que visa, antes de tudo, resguardar o futuro dos que mourejam nas diferentes atividades humanas.

O DESDOBRAMENTO DAS INSTALAÇÕES

Atendendo ao pedido de desdobramento de suas instalações, que, por intermédio de sua Federação, os marítimos dirigiram ao general Eurico Dutra, o ministro Negrão de Lima se fez acompanhar, por ocasião de sua visita, de técnicos do Ministério do Trabalho, a fim de constatarem "in loco", as necessidades expostas no memorial dos homens do mar.

Solicitação que se enquadra no programa que o sr. Milton Santana pretende imprimir ao I.A.P.M., as providências reclamadas visam corresponder ao desenvolvimento sempre crescente de um serviço de assistência capaz de acompanhar o nosso progresso no campo das reivindicações trabalhistas.

Depois de percorridas todas as suas instalações, o ministro do Trabalho, acompanhado pelos srs. Moacir de Oliveira, diretor do Departamento Nac. de Previdência Social; José Azevedo Pio, consultor médico da Previdência Social e Frederico de Barros, diretor da Divisão Imobiliária e Amancio Palmeiro, diretor do Departamento de Inversão de Fundos, deteve-se a estudar o projeto da construção de novos pavilhões, capazes de preencherem todos os requisitos de um hospital modelo.

Durante a visita do ministro Negrão de Lima, que se fez acompanhar também de dois deputados à Assembleia Constituinte, os trabalhistas Gurgel do Amaral e Benjamin Farah, os marítimos tiveram a oportunidade de ouvir do referido titular as mais simpáticas expressões, favorável à construção dos novos pavilhões. Disse inclusive, s.s.:

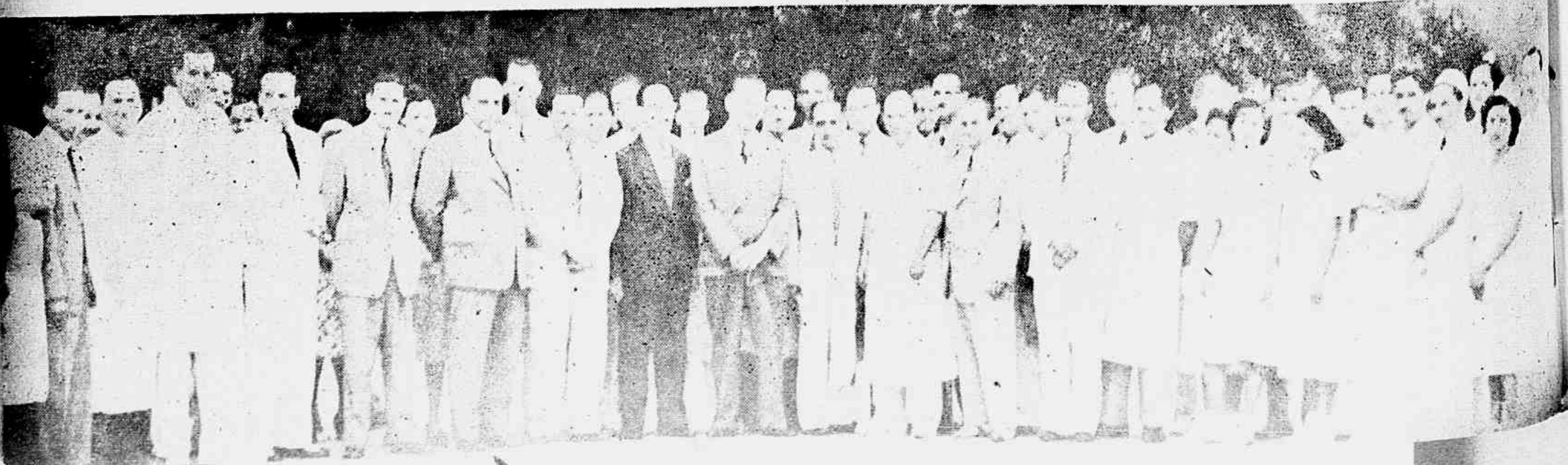
— De posse dos pareceres técnicos, espero obter ainda este mês do presidente Dutra, a autorização necessária para a concretização desta medida que se impõe.

O ALMOÇO NO HOSPITAL

Examinando as medidas solicitadas no memorial dos marítimos, o sr. Negrão de Lima manifestou ainda o desejo de almoçar no hospital.

Dessa forma sentando-se à mesa entre o corpo médico e a equipe de enfermeiros, o ministro do Trabalho pôde apreciar de perto a qualidade e o valor nutritivo dos alimentos que a administração do Hospital dos Marítimos, serve aos que procuram naquele estabelecimento a assistência necessária à suavização dos seus males.

Findo o almoço e rodeado pelo corpo médico e auxiliares, o ministro Negrão de Lima posa para a nossa objetiva, precisamente no local onde serão erigidos os novos pavilhões.



ALGUNS MOMENTOS COM O DEPUTADO ALUIZIO ALVES

Fomos encontrar o Deputado Aluizio Alves, ao qual havíamos telefonado pedindo uma entrevista, em seu apartamento do Hotel Natal, onde nos recebeu com a maior cordialidade, respondendo delicadamente às perguntas que lhe fizemos sobre a sua carreira política, as quais os leitores encontrarão em seguida aos dados biográficos do jovem político brasileiro:

Aluizio Alves, nasceu na cidade de Angicos, Rio Grande do Norte, a 11 de agosto de 1921, tendo, portanto, 24 anos de idade. É filho de Manoel Alves Filho, proprietário e agricultor ali, e d. Maria Fernandes Alves. Fez os estudos primários na cidade natal, concluindo o curso secundário no Ateneu Norteriograndense em 1940; fez, depois, o curso de Direito, no qual é, agora, quartanista. No Rio Grande do Norte dedicou-se, desde moço, ao jornalismo, começando na "A Razão", órgão do Partido Popular, que, na oposição, venceu as eleições de 1934, elegendo o Governador. Foi posteriormente, redator do jornal oficial, Oficial de gabinete do Secretário Geral do Estado e 1.º Diretor do Serviço Estadual de Reeducação e Assistência Social, criado no governo Rafael Fernandes, e Secretário e Superintendente da Legião Brasileira de Assistência.

Iniciada a campanha presidencial de 1945, tomou parte na organização da União Democrática Nacional, sendo escolhido Secretário Geral do Diretório Estadual. Candidato a deputado federal, foi eleito juntamente com o sr. José Augusto Bezerra de Medeiros, chefe do Partido, estreando na Assembléia Constituinte, no dia 11 de abril, onde proferiu um discurso sobre "Política Social no Brasil", e continuando no dia 25 do mesmo mês, desceu ao problema de assistência à maternidade e à infância. As suas preferências são para estudo dos problemas sociais, estudos econômicos, etc.

Aluizio Alves é católico, filiado à corrente social-política orientada por Jacques Maritain, na França, e Tristão de Ataíde, no Brasil, sendo parlamentarista, é um dos subscritores do recente Manifesto ao País, divulgado sob a orientação dos srs. Raul Pila e José Augusto. No Rio, é atualmente Secretário Geral do Movimento Operário e Social Cristão (MOSC), entidade tipicamente popular, em organização, para agremiar e orientar a massa operária dentro da doutrina social cristã, sendo na UDN Secretário da Comissão de Ação Social, que trabalha sob a presidência do senador Hamilton Nogueira.

Recebendo-nos com delicadezas e simplicidade, conforme acima declaramos, o jovem deputado patricio, respondeu às diversas perguntas que fizemos, seguinte maneira:

— Acredito que é esta a grande oportunidade de organizarmos no Brasil uma verdadeira democracia. Conquanto sustente que é difícil, num País como o nosso, sem a necessária educação política, organizar partidos nacionais dentro do regime presidencial, creio que se o povo souber organizar-se, através de partidos com programas à altura dos tempos modernos e técnica de ação capaz de esclarecer e arregimentar as massas populares, o governo saberá respeitar esta força.

— Fala-se, por exemplo, que é desejo do governo federal nomear prefeitos municipais indicados pelos partidos vitoriosos no pleito de 2 de dezembro. Nada mais justo e lógico, se realmente estamos num regime democrático. Resta que seja tal medida de caráter nacional, porque, do contrário, perde aquele caráter de justiça e respeito à vontade popular, para ser, apenas, um expediente divisionista indigno para um governo constitucional, e que um partido, alimentando-se em princípios de sã moral política, saberia repelir.

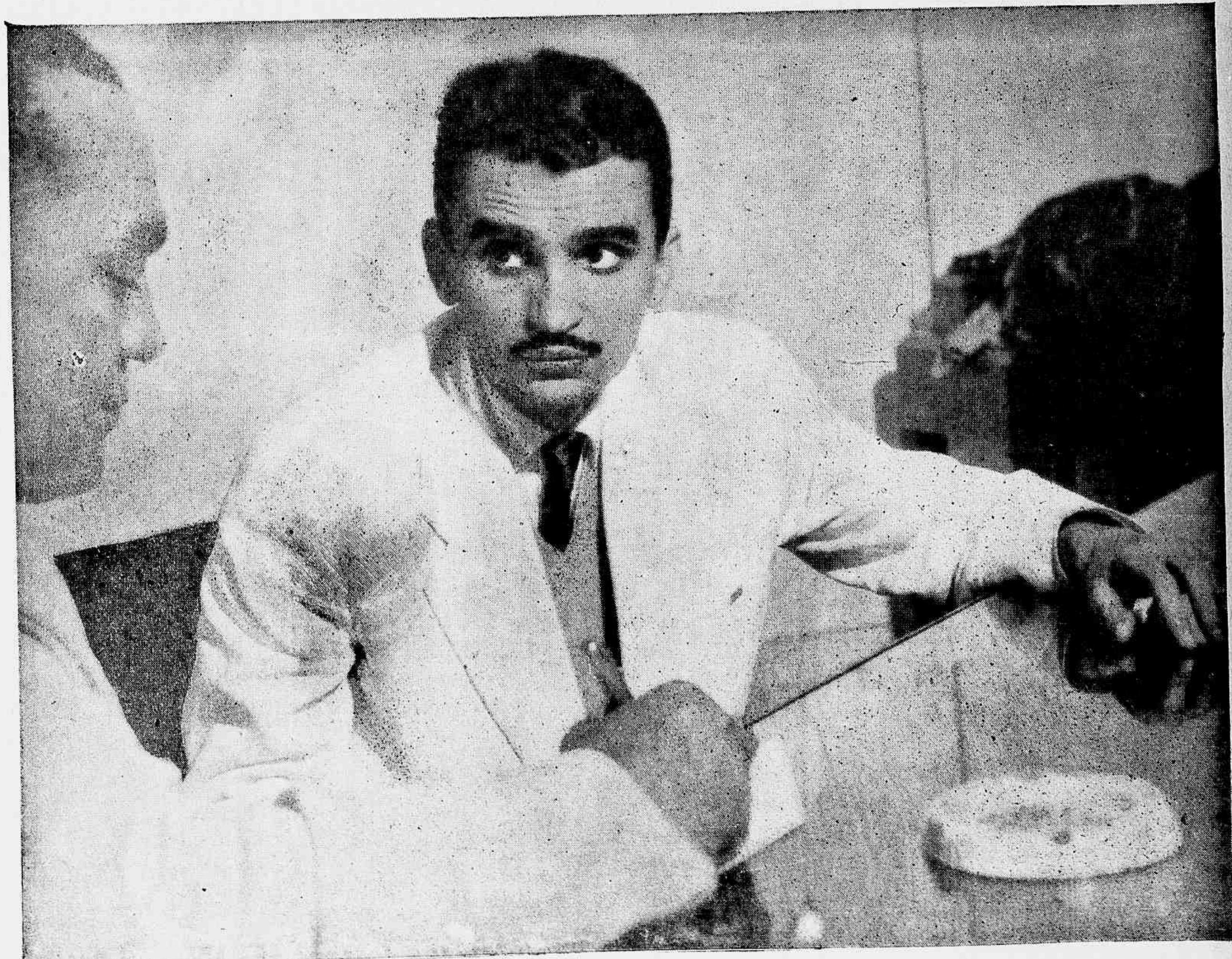
— Na ação política nacional, apoiamos e louvamos a linha de conduta traçada pelo nosso líder, sr. Otávio Mangabeira. Nem oposição sistemática, nem tolerância prejudicial aos interesses da Nação. Diante do governo, uma nítida posição de vigilância e fiscalização, para combate na hora oportuna e colaboração no imperativo dos interesses nacionais.

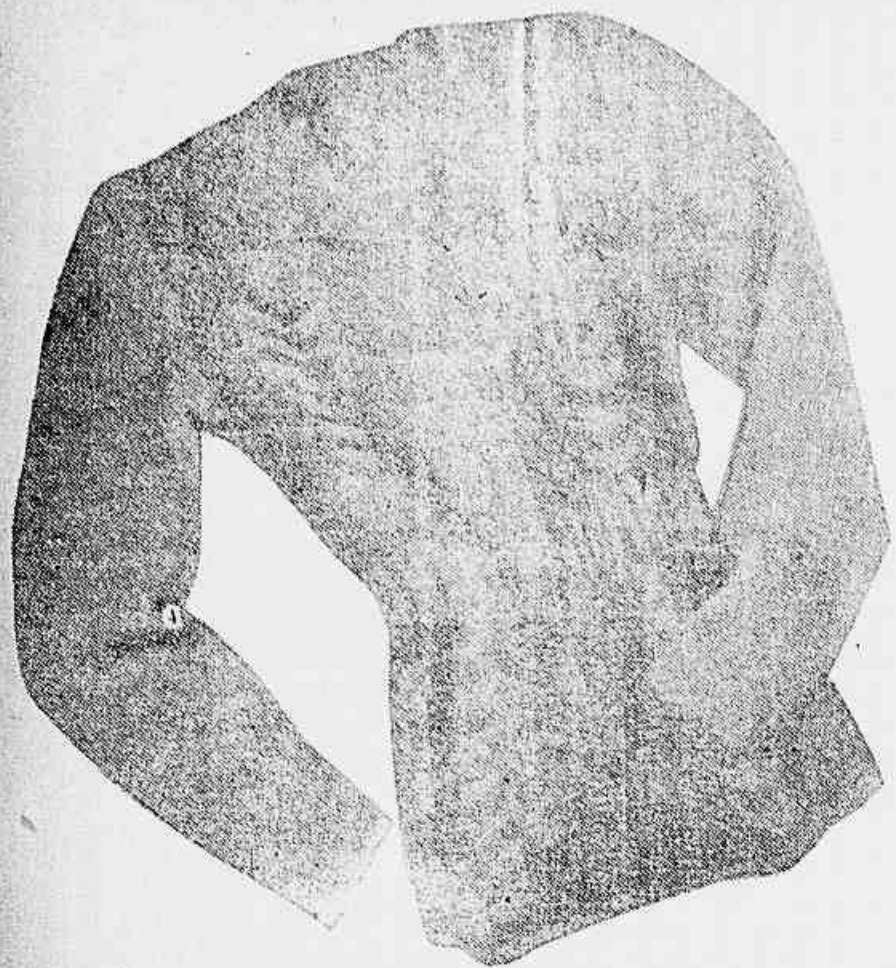
— O Parlamento de 1946, malgrado o regime de mistificações que dominou, oito anos, no Brasil, e apesar de, sob alguns aspectos, refletir ainda flagrante tentativa de sobrevivência desse espírito, merece a confiança do povo. A UDN, felizmente, tudo tem feito para elevá-lo, e uma prova de nossa disposição no bom combate, está no seguinte fato: em dois meses apenas, a oposição democrática registou grandes vitórias na atuação que teve na discussão da limitação dos poderes do Executivo, o caso Borghi, o caso do Partido Comunista, e já agora, na Comissão Constitucional, batendo-se contra a prorrogação do mandato presidencial, de acordo com as tradições e peculiaridades da política brasileira.

Despedimo-nos do Deputado Aluizio Alves, sinceramente gratos ao distinto acolhimento que nos deu o ilustre político potiguar.

O sr. Aluizio Alves, falando à nossa reportagem.

★ ★ ★





SEU TRICOT

★ CASACO ★

Materiais necessários. — 240 gr. de lã verde; 150 gr. de mesma lã bege queimado; 1 jogo de agulhas de 2 mm., outro de 3 1/2 mm.; 4 botões.

Este trabalho é feito em ponto de arroz duplo. 1.^a carr.: tecido alternado 2 p. do dir. e 2 p. avess.

2.^a carr.: tecido 2 p. do dir. sobre os 2 p. da dir. da carreira anterior e 2 p. do avess. sobre os 2 p. da dir.

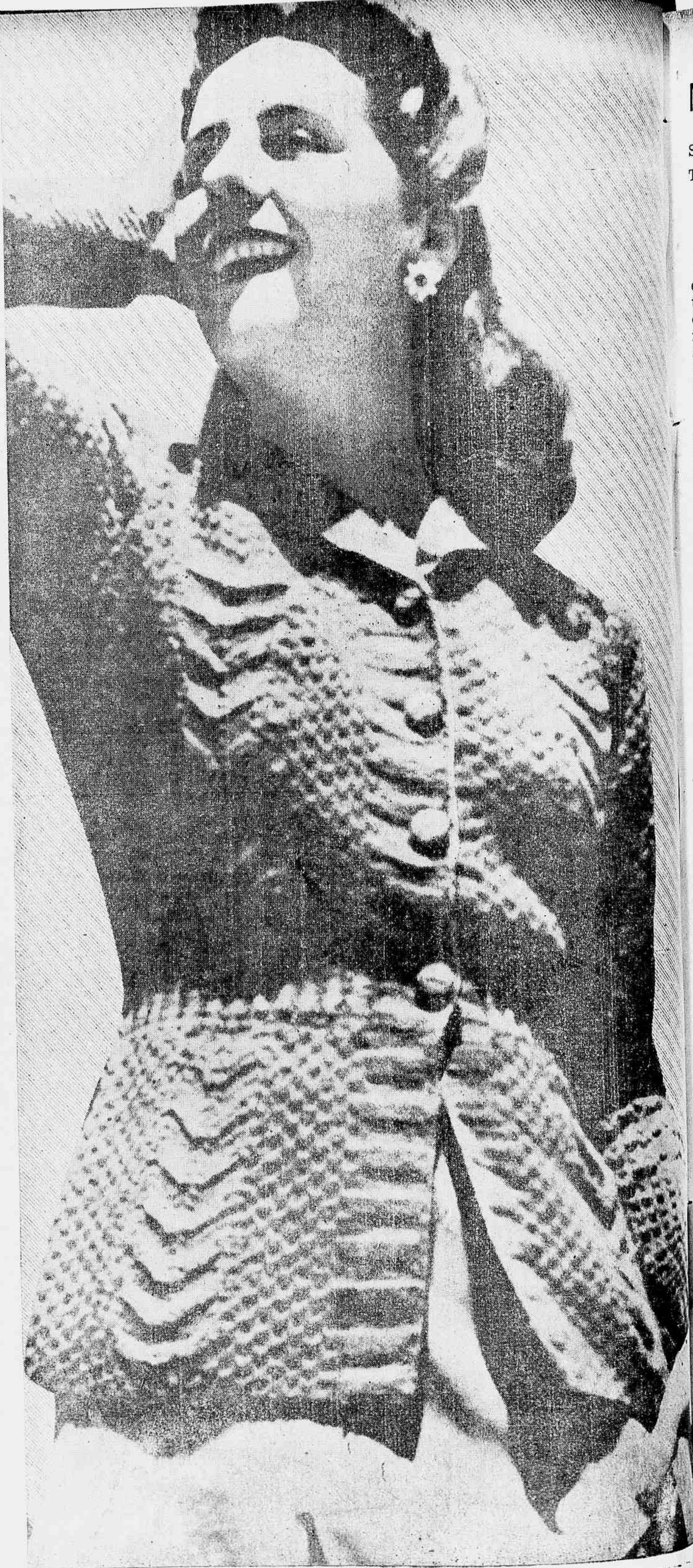
3.^a carr.: tecido alternando. Ponto de Jersey: Tecido alternando 1 carr. do dir. e 1 carr. do avess. formando listas em "V" realizadas com 3 carr. do dir. sobre a dir. e 3 carr. do avess. sobre o avess.

Montar com lã verde sobre as agulhas de 3 1/2 mm., 100 p. e tec.: 18 cent. em p. de arroz duplo. Trocar as agulhas e tec. com as 2 mm. 5 cent. para formar a cintura em p. sanfona grosso em 2 côres, isto é, tec. nas carr. impares, os p. do direito com lã bege, e os p. do avesso com verde; nas carr. pares se tece os p. do avess. com lã bege e os p. da dir. com verde.

Continuar o trabalho com as agulhas de 3 1/2 mm. com lã verde em p. de arroz duplo, aumentando em cada lado 5 vezes 1 p. cada 3 cm. (112 p.). Aos 41 cm. de altura medidas do começo, formar a cava diminuindo em cada lado 3 p. e 6 vezes 1 p. em cada 2 carr. Continuar tec. reto e formar aos 58 cm. o ombro fechando em cada lado 4 vezes 8 p., retos os p. do centro para formar o decote. (Este é o lado direito da frente; o esquerdo faz-se do mesmo modo invertendo).

Para as costas duplica os pontos de 1 lado tec. junto. O melhor é cortar em papel-moldê os tamanhos das partes, para ponto de referência das medidas.

Manga — Montar com lã bege 48 p. sobre as agulhas de 2 mm. e tec. em ponto de arroz duplo 8 cm., continuar o trabalho com as de 3 1/2 mm. aumentando em cada lado 18 vezes 1 p. cada 2 cm. aos 44 cm. formar a parte superior da manga diminuindo em cada lado 3 p. e depois 1 p. em todas as 2 carr. Quando a manga meça 59 cm. fechar os p. restantes. Para unir, passa-se com ferro regular sobre um pano úmido e do avesso, começase a unir pelos lados. As cascas são feitas com crochê e os botões também.



Menu

SALAD
TRIPAS
DE A

Sa

Corte
em rod
três ve
em águ
mão. C
as seme
des e u
em rod

Arrun
las, por
bre est
vilhe c
regue c

Lave
de trip
sal, cal
vez es
corte-a
arrume
no, da
Prim
das tri
las fri

C



pinh
bele
esta
ven
fic
Rup
sas
da
bel
em
pes
bas
im
por
gor
na
Ru
cia
do
e s
de

V
A

Menu da semana

SALADA DE EMERGENCIA
TRIPAS À CAIPIRA — DOCE
DE ABOBORA COM COCO

Salada de emergência

Corte duas cebolas grandes, em rodela e escalde-as duas ou três vezes; na terceira, passe em água fria com caldo de limão. Corte em rodela e tire as sementes de 4 tomates grandes e um pouco duros. Corte em rodela 4 ovos cozidos.

Arrume na travessa, as cebolas, por cima os tomates e sobre estes os ovos cozidos. Polvilhe com salsa bem picada e regue com azeite, vinagre e sal.

Tripas à caipira

Lave muito bem meio quilo de tripas e cozinhe-as em água, sal, caldo de limão e salsa. Uma vez estando as tripas macias, corte-as em pequenos pedaços e arrume em prato que vá ao forno, da seguinte maneira: —

Primeiro ponha uma camada das tripas picadas, depois cebolas fritas em manteiga, tomates

em rodela e farinha de rosca (uma camada bem fina). Novamente tripas, cebolas, etc.

Cubra com molho branco, polvilhe com queijo ralado, cubra com farinha de rosca e leve ao forno quente.

Doce de abobora com coco

Cozinhe em água e sal um quilo de abóbora, escorra e passe por peneira; junte um côco pequeno ralado, cravo em pó e um pouco de canela em pó. Faça uma calda em ponto de pasta com 300 grs. de açúcar, junte a abóbora com o côco e leve ao fogo brando, mexendo sempre até tomar ponto. Deite às colheradas em pedra marmore e deixe secar.

RETROSPECTO

(Continuação da página 34)

preocupação de descobrir fraquezas. Encontrei em você a pior inimiga — a inimiga que nos surpreende de costas, a inimiga doméstica, do lar, do momento em que o homem quer abandonar a armadura que usa na vida pública, para descansar — não tive, de você, o amor de esposa — um pouco de amante de amiga, de companheira, e talvez mesmo, além de certa proporção de afeição fraternal, seja indispensável ao amor verdadeiro uma dose de carinho maternal...

Você era o juiz implacável, que exigia que eu estivesse constantemente em posição de sentido quando eu precisava estender-me para repousar entre duas batalhas: em vez de aconchego, você me dava outra batalha, insidiosa, cruel. Você só sabe ver lama em todas as virtudes. E' um dom maldito, Teresa, essa sua inteligência, essa sua ginástica analítica no sentido de descobrir alguma coisa de ruim em cada um.

Mas você fracassou, porque não conseguiu dissolver o meu ímpeto com a frieza da sua análise, focalizando impurezas. A força era mais forte. Adeus, Teresa.

CUTIS CANSADA

e sem viço



As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

**CREME
RUGOL**

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

RÉGULA!



Faça Bolos!!!

...e seus filhos pularão de alegria!

BÔLO MÁRMORE

6 colhs. (sopa) manteiga (ou outra gordura)	1 1/2 chics. farinha
1 1/4 chics. açúcar	1/2 chic. araruta
1 colh. (chá) essência	1 colh. (sopa) Royal
3 ovos	1 colh. (chá) sal
	1/2 chic. leite

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os, aos poucos, à massa, alternados com leite, batendo sempre. Coloque 2/3 da massa na fôrma untada. Misture ao restante uma pasta feita com 2 colhs. (sopa) cacau com água. Ponha a mistura às colheradas sobre a massa na fôrma, mexendo só um pouco para obter um efeito de veios de mármore. Use forno regular cerca de 50 minutos.

J.W.T.



Grátis!



Pega hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva agora para: Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro.

As crianças adoram bolos... E dê esse modo, dando-lhes alegria, a senhora ainda enriquece a alimentação de seus filhos! É claro! Vale a pena fazer bolos! E a senhora ficaria esperando esta ou aquela data se desde já soubesse que, com bolos, seus filhinhos viveriam numa alegria permanente? Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

VINHO RECONSTITUINTE "GRANADO"



TÔNICO NUTRITIVO ESTIMULANTE FORTIFICANTE

GRANADO & C.
RIO DE JANEIRO

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo
CATALOGO de OCULOS MODERNOS
tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ, FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fosse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ, FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiên-
cia na confecção de óculos, exa-
tamente calibrados de acordo
com a receita do oculista.
Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATALOGO GRATIS A

LUTZ, FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

UMA DOSE DE ALEGRIA



Não passe pela vida sem
viver! Use as "Pímulas de Reuter"
para o fígado e tudo lhe parecerá mais
agradável. Compostas de ingredientes
vegetais puríssimos, são inofensivas e
normalizam as funções do aparelho
digestivo.

PÍMULAS de Reuter
PARA O FÍGADO

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

Perspectivas



*Perspetiva ilusória:
O grande campeão e a sua "pequena."*



-Meu "homem" sofre do miolo.
-Quem é você?
-A mulher do padeiro.



-Você está nervoso.
-Pudéra! - Não sei
onde tenho a cabeça...



-O seu fedelho é de boa família?
-Sim, Snr, muito distinta e antiga; os
pentavós são do tempo dos cruzados...

(ESSA NÃO ENTENDEI, SENHOR RAUL...)

HEMORRHOIDAS? tome

EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

Pilulas de Herva de Bicho
compostas inoscard

LIC. 3.518
M-3-925-D.N.S.A.

AURIS-SEDINA

DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E DOR NO OUVIDO?

O misterio de Hilda

Continuação da página 47

procurá-lo, pregar-lhe um susto e ele devolverá as joias.

★

Não sabia como comunicarlhe a notícia. Robert voltara, impressionado. Contara-lhe tudo e incumbira-a de transmitir a novidade a Hilda. Mas, na verdade, como dizer, friamente, à mãe que o filho morrera, subitamente, atropelado por um automóvel ao tentar fugir da polícia, depois de um assalto?

Hilda tinha aprontado o jantar e esperava, paciente na cozi-

nha, com o coração apreensivo. Anne proximou-se:

— Hilda...

Ela nem perguntou mais nada. Limitou-se a interrompê-la:

— Já sei. Já imagino. Ele está preso.

— Não, Hilda, ele finalmente descançou...

Dizendo isso, Anne tocou ca-

rinhosamente no ombro de Hilda e afastou-se.

★

— Uma coisa me preocupa ainda...

Robert largou o jornal, impaciente:

— Você é impossível! Que há?

— Por que ela tratava você especialmente bem?

— Será possível! Eu já lhe disse que é ilusão sua.

— Não é Robert. É verdade. Agora, então, ela está pior. Fica olhando para você com ar de cão para o amo.

— Meu bem você não quer dizer que ela se apaixonou por mim?

CABELO BRANCO?
LOCÃO
Brilhante

— Não. Você sabe de uma coisa? Eu acho que você se deve parecer com o filho dela. É isso. É por isso que ela gosta tanto de você.

Mas, este último mistério de Hilda nunca foi claramente resolvido. Porque Anne nunca criou coragem suficiente para formular uma pergunta direta. E Hilda voltara, depois da crise ao seu mutismo habitual. Outra, entretanto, era a dor que escondia: o filho morto.

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. São seguras e eficazes. Preço Cr\$ 8,00.

PARA DEFENDER SUA SAÚDE
exija um refrigerador

NEVE

QUE PROPORCIONA FIM CONSTATO DO FIM DA HUMIDADE DO AR E ECONOMIA

Exposição Permanente

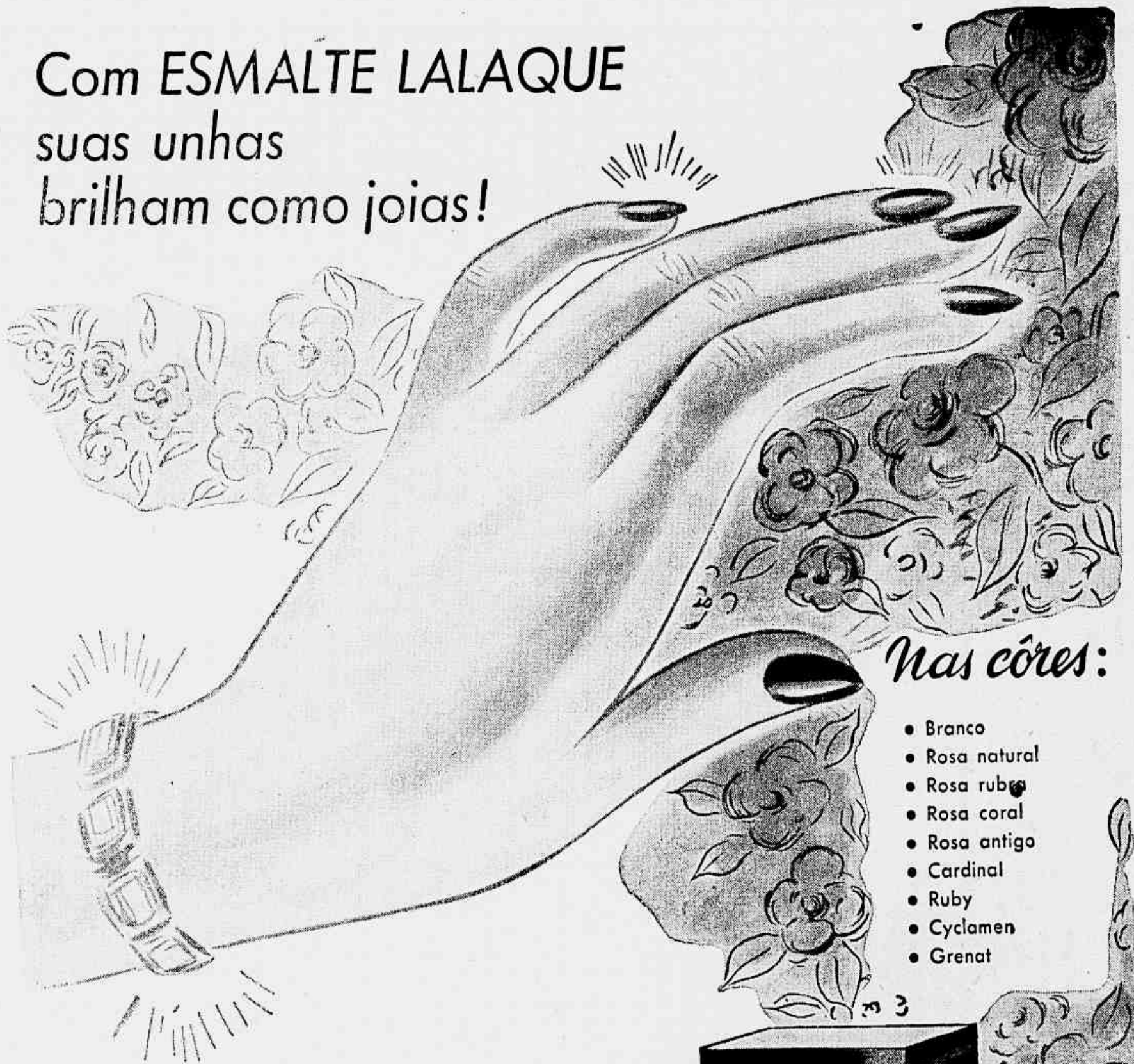
Indústrias NEVE Ltda

Rua Rosa e Silva, 74

Box. Praça Marechal Deodoro, 100

Tele. 5-1311 e 5-1322

Com **ESMALTE LALAQUE**
suas unhas
brilham como joias!



- Nas cores:**
- Branco
 - Rosa natural
 - Rosa rubra
 - Rosa coral
 - Rosa antigo
 - Cardinal
 - Ruby
 - Cyclamen
 - Grenat

ESMALTE
Lalaque

Protege e embeleza as unhas!
É econômico, de fácil aplicação e muito duradouro.



A VENDA
EM TODO O BRASIL

J. Ferraz

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARANTENA

Desprendimento

o nosso mundo maravilhoso é o "distante oeste", quando o nosso ideal é ser vaqueiro ou xerife (alguns excepcionalmente preferem ser bandidos), então estamos em pleno classicismo. E' a apologia da força, da vitória do bem sobre o mal.

E' ainda no colégio, quando dirigimos primeiro o olhar lânguido para a colega de nossas preferências, sejamos ou não correspondidos, que estamos em pleno romantismo. E' quando versemos. E durante algum tempo permanecemos embalados por doces ilusões, em quiméricos devaneios, a ver tudo azul e rosa.

Pouco depois, na luta de cada dia, ao primeiro embate com a vida, em toda sua plenitude, quando temos dela a primeira noção verdadeira, esboroam-se os sonhos românticos e, diante da realidade, tornamo-nos realistas. Aceitam-na uns, tal como é, passam a considerá-la friamente, sem ilusões: são os naturalistas. Outros não se conformam com o quadro que se lhes deparou e procuram mascarar-lo, saudosos do romantismo fragorosamente despedaçado ao contato com a vida. Procuram suavizá-la a seu modo: são os simbolistas. Constroem biombos e óculos de lentes mágicas com que procuram ver a existência tal como desejariam que fôsse. E das raras vezes que o conseguem, acreditam que cheguem a ser felizes. E há ainda a escala infinita das variedades intermediárias e das outras tendências. Podem-se assumir tantas e tão diferentes atitudes diante da vida!

★

O fato, porém, é que eu estava seriamente interessado em Maria Luisa. Ouvi chamá-la assim, um dia em que, por detrás de um par de óculos escuros e tendo diante de mim um jornal aberto que não lia, eu a olhava, bastante de perto.

Já então daria tudo para entrar no grupo. Mas era impossível. Irritados, talvez, pela minha atitude nos primeiros dias, eu os via quase agressivos, a mostrarem claramente, que eu já não lhes interessava. Já tinham formado opinião a meu respeito. Agora, eu que ficasse pelos cantos, como fizera quando eles tentaram atrair-me para junto de si. De jeito nenhum eu conseguiria aproximar-me agora. Haveria resistência do outro lado. Seria preciso esperar que surgisse uma oportunidade. Dependeria do acaso, a possibilidade de eu chegar até Maria Luisa. Era angustiosa a espera. Eu comecei a forçar esse acaso que tardava. Conseguia estar sempre próximo do grupo, embora não entrasse em contato com o mesmo nem demonstrasse, visivelmente desejo, de aproximar-me.

Numa estância grande como aquela, o movimento de entrada e saída de hóspedes é intenso. Estão a mudar sempre. E as chegadas de uns e as partidas de outros não poderiam deixar de afetar a constituição do grupo moço. Dia a dia iam partindo alguns de seus componentes e eu não sei por que razão os outros jovens que chegavam não aderiam a ele. Formaram outro, que foi crescendo. Assim, as contínuas partidas foram desbastando o núcleo primitivo. E nesse pé estavam as coisas quando lá apareceu uma jovem minha conhecida. Seria a ponte de que eu necessitava, pensei. E de fato. Logo depois estava ela em contato com o grupo de meu interesse, no qual, tinha, também ela, uma amiga.

Com rapidez e facilidade verdadeiramente estranhas, pouco mais tarde, lá estava eu, no meio do grupo. Num instante, eu conseguira aquilo que tanto desejara, que me parecera

GABRIEL RANGEL FONE 23.4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
SUA SENHOR DOS PASSOS 66 — 1.º L.º

tão difícil, e que custou tanto a procurar atingir.

★

Eu suspeitava já antes do meu ingresso no grupo, que não era de todo antipático a Maria Luisa. Ela olhava-me demorada e insistentemente e às vezes ficava a dar voltas por perto de mim. Não que houvesse na minha pessoa algo capaz de atraí-la ou a quem quer que fôsse. Mas porque o eu andar arredio talvez lhe chamasse a atenção. Despertara-lhe a curiosidade aquele jovem que, ao invés de estar com os outros de sua idade, preferia a palestra de adultos, quando não de velhos! E talvez, um pouco (quem sabe?), esse misto de vaidade e despeito que faz com toda mulher bonita, ou que pelo menos assim se julgue, procure insistentemente impressionar aqueles homens que lhe permanecem indiferentes aos encantos. Por qualquer destas razões, ou por outras, quem do grupo mais cuidou de minha pessoa, melhor recebeu a minha adesão e mais me falou, olhando-me sempre fixamente, e com um sorriso constante a aflorar-lhe aos lábios — foi ela. E quando nossos olhares se encontravam havia no seu rosto uma expressão luminosa, um que de encanto, que não compreendí, e não sei descrever nem explicar, mas que me dava o direito de supor que não lhe era antipático, que talvez houvesse até mesmo reciprocidade.

★

Naquela noite, então, parecia que nos íamos incendiar. Fixámo-nos constantemente o olhar um no outro, e dissesse eu o que dissesse, ela ouvia-me sempre a sorrir, como que inebriada...

Quando tirei para dançar aquela minha conhecida, que servira de ponte, vi no rosto de Maria Luisa, do qual desapareceram o

Meio Século

DE PREFERÊNCIA

Das damas do século passado à mulher elegante e dinâmica de hoje, perdura a tradição

do uso do Sabonete de Reuter. Isento de substâncias nocivas e agradavelmente perfumado, o sabonete de Reuter satisfaz às epidermes mais delicadas.

Prefira o sabonete de Reuter, considerado, há meio século, um verdadeiro tratamento de beleza.

A venda em todas as farmácias e perfumarias.



Sabonete
de Reuter



A vida é dos
FORTES!

Seja forte, combatendo a FALTA DE APETITE, a NEURASTENIA, a INSÔNIA, a FALTA DE MEMÓRIA, o ESGOTAMENTO, a ANEMIA, com DYNAMOGENOL, que é a VIDA DO CÉREBRO, A VIDA DOS MÚSCULOS, A VIDA DO CORPO!

DYNAMOGENOL
Produzido no Laboratório Sier

sorriso e a luminosidade, uma expressão de desapontamento, de ciúme, talvez...

Pouco depois, uma das moças do grupo, referiu-se a um dos rapazes como sendo "o namorado de Maria Luisa". E durante a conversa, eu fui percebendo que realmente deveria haver alguma coisa entre ela e o tal rapaz. Fui-me convencendo cada vez mais disso, e quando tive certeza, desisti de dançar com Maria Luisa, não mais a olhei nem lhe sorri.

★

Alguns anos antes, quando eu ainda não dançava — e note-se, esqueci de dizê-lo antes, o tal namorado de Maria Luisa também não sabia dançar — tive uma namorada que gostava muito de fazê-lo. E era um verdadeiro suplício para mim, vê-la contente nos braços de outros, proporcionando-lhe um prazer de que eu não era capaz.

Entretanto, os olhos de Maria Luisa, continuaram a procurar-me. Havia nêles uma expressão humilde de quem pede alguma coisa, e também de meiga censura. Eu tinha a impressão de que ela me pedia que me aproximasse, que dançasse com ela, que não me afastasse como eu estava fazendo, que continuasse pelo menos a olhá-la e a sorrir-lhe.

Eu, porém, fiquei irredutível na minha decisão. Afastei-me completamente de Maria Luisa.

Dois dias depois, ela se foi embora. Logo após a sua partida, a minha conhecida perguntou-me:

— Como é, muito triste?

— Ora essa, porque haveria eu estar triste? Perguntei-lhe. Vá fazer essa pergunta ao namorado dela!

— Que namorado? Maria Luisa não tinha nenhum namorado aqui. E explicou: O pessoal verificava que você estava caidinho por ela. Então, para se divertirem inventaram essa história do namôro. Tinham-me pedido

A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha de seu sapato, de sua meta, de seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquiagem, enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistosos que sejam todos os seus objetos de adorno e por mais eficazes que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2. O Regulador Xavier N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o N.º 1 ou N.º 2 conforme o seu caso — e esteja certa de que fez uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde e que equivale a dizer a conservação de sua alegria, de seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça pois: escolha bem os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados a realçarem a sua beleza; mas escolha melhor o remédio capaz de garantir a de perpetua-la, exigindo o REGULADOR XAVIER.



para não lhe dizer nada. Eu não podia estragar a brincadeira, não é?

PERFUME

Continuação de pag. 21

Enfim, a história dos perfumes desenrola-se constantemente associada à história das religiões. Todos os cultos os usaram. Assim, era o corpo mantido em estado que o impedia de se opor às invasões da alma. O mecanismo da ação do incenso é semelhante ao da atitude de um crente: o corpo ajoelhado distendido e recurvo liberta os seus órgãos e assim se desvanece tudo o que há de violento no caráter; a leve letargia que resulta da emanção de certos vapores, desfaz, o efeito do desespero, da impaciência e do furor.

No mundo profano, não é interdito pensar que os perfumes atuam igualmente sobre o aparelho nervoso que comanda nossos reflexos. Isola-se melhor o espírito de todo o ruído que o cerco e de todo o movimento do grande universo, restabelecendo-se das convulsões da Sibila e do estado de pânico das almas ansiosas, graças a essa passividade atenta sem a qual toda a especulação é impossível.

Na França, os perfumes surgiram precisamente na época em que se produziu a revolução das "Cortes do Amor".

Os Cruzados tinham trazido, ao regressar, o gosto do ornamento bizantino e dos perfumes estranhos. Desde então editais, contratos, privilégios e portarias permitem-nos seguir o progresso da fabricação dos perfumes até 1268, quando os fabricantes de luvas obtiveram autorização para vender a essência do almiscar e do âmbar cinzento.

Philip, o Bom, sobre a mesa dos seus banquetes, mandava colocar uma estátua de criança que vertia água de rosas. Na Renascença as grandes personagens e, em particular,

Catarina de Médicis, encorajaram o uso de perfumes que atingiu sua maior voga durante a segunda metade do Século XVI.

A bela Gabriela para quem era insuportável o cheiro a alho do Bearnez não hesitou em afrontar seus gastos para se perfumar com iris e flôr de laranjeiras.

Diana de Poitiers aprendeu com Paracelsus a arte de ungir-se, e Michel de Nostradamus, em 1555, publicou um "Excelent e modeste opusculum dos différents facons de se parfumer", que adquiriu fama mundial.

Entretanto, o apogeu das combinações de perfumes só foi alcançado no Grande Século a tal ponto que, no fim do seu reinado, Luís XV foi obrigado a proibir o uso de perfumes violentos, o que, aliás, não obstou a que alguns anos mais tarde, Madame de Pompadour se inundasse de "patchouli", rosa e jasmim.

Desde então, o gosto orientou-se num sentido mais delicado para os aromas mais leves, menos açucarados, e menos gordurosos, perfumes mais "solúveis no ar", como o diria Voltaire, do que aqueles que deleitavam os olhos dos nossos avós.

A medida que a França se desenvolvia, cultivava e civilizava, requintavam seus perfumes, buscando, na química, as sutis metamorfoses dos aldeídos.

Irmão silencioso da Música, discreto nas suas mensagens emotivas, o perfume seguiu o passo, a evolução da espiritualização do instinto, pedra de toque do estilo de Paris.

Como se poderia admirar hoje que a França deixasse morrer essa indústria, nascida em Provença ao mesmo tempo que a nossa civilização, naquela dia em que as mulheres beram fazer compreender aos poetas e cavaleiros que eram alguma coisa mais do que simples instrumentos do seu prazer?

Fique sedutor! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO

VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO.

FARMACIA — Francisco Patricio, 26 — Sala 4 — São Paulo — Remessa pelo reembolso postal

S. S. Publicidade

ESTREIA, DIA 7 DE MAIO

RECORDAÇÕES em DESFILE



Um programa de Lourival Mar-
ques, apresentando Joel e Gaucho,
Leda Barbosa, Graziela Ramalho,
Alcides Gherardi, Dili Melo, Na-
varro de Andrade, Ericsson Mar-
tha, Antonio Nobre, Jorge Amaral,
Grande Otelo, Diva Helena e
orquestra sob a regência de Gab.

Radio GLOBO
PRE 3 1.180 KCS.

TERÇAS-FEIRAS A'S 21.00

OFERTA DE PHYMATOSAN

A VIDENTE — Amaral Gurgel

A VIDENTE — Amaral Gurgel

REVISTA DA SEMANA — 9

12 — REVISTA DA SEMANA

que perdeu a vontade de fazer a reportagem. Ele iri

ROBERTO — Alé amanhã, querida...

ROBERTO (FURIOSO) Cuidado, Jac. Cuidado...
Não me faça nada de calma. Eu poderei...

SONIA — Esses cumprimentos devem ser dirigidos ao Tag. E' ele o creador desse sistema...

TAG — Muito obrigado. Acredito que si o senhor der publicidade a estes pequenos trabalhos eu arranfarei com facilidade um lugar de electricista...

JUVENAL — Na Penitenciaria. Bem, isso me basta. Não preciso saber mais nada. Estou satisfeito...

SONIA — E agora vae fazer a sua reportagem: Uma entrevista com Madame Sonia, a Vidente.

JUVENAL — Exatamente.

SONIA — Não deseja ser fotografado ao meu lado? Uma reportagem illustrada sempre ganha em atractivos...

JUVENAL — Não trouxe o photographo.

SONIA — Tag, vá buscar a camêra e bata um instante do Professor ao meu lado.

TAG — E' um instante. Com licença... (PASSOS CORTINA)

JUVENAL — Estou admirado com a sua franqueza, senhora. Não esperava.

SONIA — Eu não seria tola de lutar contra o senhor. O senhor conhece a minha profissão muitissimo melhor que eu. Talvez mesmo possa me ensinar uns **trucs** novos.

JUVENAL — Quando a senhora estiver presa já não precisará de **trucs**.

SONIA — Então como despedida, desejo fazer um último trabalho com o senhor. E' o último **trucs** de uma charlatã. Sente-se, por obsequio...

JUVENAL — Aqui estou, ás suas ordens...

SONIA — Dê-me sua mão, por obsequio... Assim... Agora não fale... Pense apenas. Pense numa pessoa querida... Isso... Uma mulher bonita. E' bem mais moça que o senhor. Finge ser feliz...

JUVENAL — Tolices... Eu não quero saber...

SONIA — Finge, porque na verdade ela sofre a angustia de se ver sosinha, abandonada pelo marido. O marido que deixa o seu lar, levado pela sua ciencia e pelo seu desejo de desmascarar os mentirosos.

JUVENAL — Basta, senhora. Isso é grosseiro.

SONIA — E' a verdade, somente a verdade. A verdade pela qual o senhor tanto se bate.

JUVENAL — Está bem... Continue.

SONIA — Essa mulher, Lidia, esposa do homem que anda em busca da verdade, acabou por se tornar mentirosa.

JUVENAL — Eu não admito!

SONIA — Sim, ela mente. Mente ha muito tempo. E essa mentira a revolta bastante... Quer saber o nome dessa mentira?

JUVENAL — Basta, senhora, basta!

SONIA — Um professor de danças... Fernando...

JUVENAL — Chega. A senhora é uma impostora. Uma vil caluniadora.

SONIA — Calma, professor. (CORTINA)

TAG — Com licença. Está pronta a máquina. O professor quer ter a bondade de sentar-se para batermos a chapa?

JUVENAL — Ora, cavalheiro, eu não sou palhaço de ninguém.

SONIA — Não leve a mal, Tag. O professor parece

que precisa a vontade de fazer a reportagem. Ele vai contar as mentiras de Madame Sonia. Mas, por espirito de justiça, seria obrigado a contar também as verdades de Madame Sonia... E o professor, neste momento, é um homem que odeia a verdade...

JUVENAL — A senhora é a responsavel pela desgraça que succede...

SONIA — Professor, eu sou também responsavel por muita coisa boa que tem acontecido. E antes que se vá, um conselho. Não vá directamente para casa. Fique numa praça publica. Reflita demoradamente na sua vida passada e veja a parte de culpa que lhe cabe em tudo isto. Depois, sim... Depois vá para casa. Boa tarde... (PASSOS PORTA) Pobre homem...

TAG — Você foi de uma ironia tremenda. Como o fez sofrer.

SONIA — Eu me habituei a me defender ferindo. Táó... (PONTA)

JULIA — Dona Sonia... A dona Nadir outra vez...

SONIA — Não... Hoje não a recebo.

NADIR — (SEGUNDO PLANO) Tem que me receber!

SONIA — Está bem, Nadir. Termine de entrar...

NADIR — Eu quero lhe falar a sós...

SONIA — Tag... Julia... Deixe-nos...

TAG — Venha, Julia... (PASSOS CORTINA)

SONIA — Pronto. Agora estamos sós. O que deseja?

Nadir — O que lêz a senhora?

SONIA — Nada. Desde ontem que não saí de casa. Até agora só atendi clientes.

NADIR — A senhora desgraçou com a minha vida. Roberto...

CONTROLE — ENCERRAMENTO MUSICAL

SPEAKER — Que terá feito Roberto? Essa é uma surpresa que lhe estará reservada com outros motivos de grande interesse. Aguardem. E diga, senhorita: com quem deverá Roberto ficar? Com Nadir? Com Sonia? Ou deve ser abandonado pelas duas? Entim, os personagens têm o direito de defeza. Portanto, aqui está Roberto, que vae lhes falar...

ROBERTO — Senhores ouvintes, até agora, tudo vem provar que eu sou um canalha. Eu não vou defender a minha vida passada. Apenas apêlo para um direito, um direito sagrado: o de regeneração. Eu encontrei Sonia e nossas vidas se ligaram. Mas não nos devemos nada. E agora surgiu Nadir em minha vida. Eu a amo. Um miseravel, como eu, também tem direito ao amor. Por êsse amor, eu posso me tornar um homem de bem um cidadão util. Quem dirá que vou fazer essa menina sofrer? Quem poderá provar isso?

TAG — Eu...

ROBERTO — Perdão. Esta é a minha defeza. E é só, senhores ouvintes.

SPEAKER — E agora escrevam dizendo qual das duas mulheres deverá ficar com Roberto: Nadir ou Sonia? Ou ambas devem abandoná-lo?

ROBERTO — Até amanhã, querida.

SONIA — Não... Não me deixe. Hoje ainda vejo as suas belas. Vá... Até amanhã.

ROBERTO — Amanhã voltarei à noite. A hora de sempre... (PASSOS PORTA) Oh! você está sempre atrás das portas, Tag.

TAG — Para lhe entregar seu chapéu, sua bengala, suas luvas...

ROBERTO — O chapéu que esteve cobrindo a calvice daquela caveira.

TAG — Sim, esteve sobre uma cabeça melhor. Vá, vá e portanto, inofensiva. Boa noite, senhor.

ROBERTO — Boa noite, Tag. (PORTA)

TAG — E então, Sonia?

SONIA — Horrível, Tag. Horrível. Quasi que me trai...

TAG — Onde está aquela calma, aquela segurança de nervos que sempre encontrei?

SONIA — Pode-se lá perder calma a uma mulher que ama, Tag? É's mau psicólogo.

TAG — Nem tanto... Basta dizer que sei qual o seu desejo neste momento...

SONIA — Tag...

TAG — Quer que Roberto seja seguido, não é assim?

SONIA — Sim... Eu não devia. Mas quero, preciso saber para onde vai, o que faz. Mande alguém segui-lo...

TAG — Este não é serviço para nenhum de nossos auxiliares... Eu mesmo irei.

SONIA — Você, Tec? Eu não lhe pediria tal coisa. Finalmente você é muito mais que um simples espião.

TAG — Mas forei.

SONIA — Como você é bom, Teo!

TAG — Sonia, bem sabe que dez anos estou a seu lado sem uma palavra que possa ser mal interpretada. Ha dez anos que sou argila em suas mãos. Você fará de mim o que quiser... Um santo ou um criminoso.

SONIA — Té... Que pena eu só poder lhe dizer: obrigada!

TAG — Boa noite, Sonia. Voltarei de madrugada.

SONIA — Eu ficarei á sua espera.

TAG — Não. Eu talvez demore. Durma. E amanhã logo cedo eu lhe direi tudo o que se passou... Até amanhã.

CONTROLE — PASSAGEM MUSICAL

ROBERTO — Finalmente o agarrei, Tag. Ha quanto tempo está você me seguindo?

TAG — Eu? Absolutamente, seu Roberto. Eu não o estou seguindo.

ROBERTO — Percebi muito bem, Tag. É' inútil negar. O que pretende?

TAG — Nada.

ROBERTO — Não minta. Foi Sonia quem o mandou?

TAG — Não. Ela não perderia tempo em mandar segui-lo. Sabe muito o que faz o senhor...

ROBERTO — Advinha, não é?

TAG — Não é preciso ser vidente para conhecer os passos de um comalho.

ROBERTO — (FURIOSO) Cuidado, Tag. Cuidado... Não me faça perder a calma. Eu poderei...

TAG — O senhor não pode nada. O senhor está em minhas mãos... Veja o que trago comigo...

ROBERTO — (CAINDO) Tag!... Onde conseguiu isso? Que pretende fazer?...

CONTROLE — ENCERRAMENTO MUSICAL

SPEAKER — Que terá Tag encontrado? Bem, senhores ouvintes, isso lhes será dito no proximo capitulo. Agora, aqui está Sonia que vai lhes dirigir a palavra. Madame Sonia...

SONIA — Senhores ouvintes, meus amigos, o meu dilema é terrível. Amo Roberto. E ele é amado por minha filha. Ela tem nele o seu primeiro amor. Eu tenho nele tudo o que me resta de uma vida atribulada e de sofrimentos. Qual de nós duas deverá ficar com ele? Eu? Ela? Ou devemos renunciar as duas? Aguardo a sua opinião, ouvinte sensato. Espero uma carta sua querida ouvinte.

CONTROLE ENCERRAMENTO MUSICAL

TERCEIRO CAPITULO

CONTROLE: — ABERTURA MUSICAL

SPEAKER — Sonia mantém um consultório, apresentando-se como vidente capaz de dizer passado, presente e futuro. Com Sonia trabalha Té, um brasileiro que se faz passar por indú, com o nome de Tag. Certa tarde, Sonia recebe a visita de Nadir, sua própria filha e que não sabe disso. Nadir vem pedir a Sonia que abandone Roberto, o homem que é amado pelas duas. Mais tarde chega Roberto e Sonia discute com ele. Quando Roberto sai, Tag deixa a casa logo depois para segui-lo. E altas horas da noite, numa rua de pouco movimento, Roberto consegue agarrar Tag. Indaga porque este o persegue. Tag, responde-lhe com ironia e Roberto, segurando-o pela gola do casaco, ameaça-o...

CONTROLE SOBE A MUSICA E DESAPARECE

ROBERTO — (FURIOSO) Cuidado, Tag. Cuidado... Não me faça perder a calma. Eu poderei...

TAG — O senhor não pode nada. O senhor está em minhas mãos. Veja o que trago comigo...

ROBERTO — (CAINDO) Tag!... Onde conseguiu isso? Que pretende fazer?...

TAG — Ah! eu sabia que isto iria acontecer. Você — sim, agora eu o posso tratar de você — iria tremer vendo isto.

ROBERTO — Onde encontrou essa carta?

TAG — Eu estive em seu quarto, enquanto você estava no Casino...

ROBERTO — Miserável! Um ladrão...

TAG — Vá á policia me acusar. Va lhe dizer que eu roubei esta carta. Uma carta que é a prova do seu passado de chantage, de crimes, de misérias morais...

ROBERTO — Você venceu, Tag. E agora diga, quanto é qual?

TAG — Eu não estou lhe pedindo dinheiro. Tag possui o suficiente para viver.

ROBERTO — Que deseja então?

TAG — Tê-lo em minhas mãos.

ROBERTO — E quando me devolverá essa carta?

TAG — No dia em que o seu namoro com Nadir terminar...

ROBERTO — Ah! Eu sabia que Sonia estava envolvida nisso tudo.

TAG — É mentira. Sonia não sabe de nada. E nem você irá lhe contar. Se lhe dissesse uma palavra do que está se passando entre nós, esta carta...

ROBERTO — Não. Você não fará nada. Prometo que não direi nada. Mas não compreendo o seu interesse em que eu abandone Nadir.

TAG — E nem precisa compreender. Basta saber que eu quero. Nadir é uma menina para o bôa. Não deve se tornar infeliz por culpa de um miserável como você.

ROBERTO — Acaso ela...

TAG — Conclua.

ROBERTO — E'... é sua parenta, alguma coisa assim?

TAG — Basta que você saiba que sou um homem que ama. E um homem quando está agindo por amor, é capaz de tudo. Até mesmo de cometer um assassinato.

ROBERTO — Ah!... É um impulso amoroso... E seria indiscreção se eu perguntasse... qual das duas?

TAG — É um sentimento meu. Exclusivamente meu. Nem ela mesmo sabe. Ou se sabe, finge ignorar. E se ela não sabe, não será você quem irá conhecer o meu segredo.

ROBERTO — Está bem. Vou pensar na minha situação e no que devo fazer. Naturalmente terá alguns dias de prazo para resolver... Não acha isso razoável?

TAG — Está bem. Dou-lhe 15 dias de prazo. Apenas 15 dias.

ROBERTO — E agora? Não aceita tomar um drink comigo? Estamos perto do meu apartamento...

TAG — Não, "senhor" Roberto. Eu não bebo... Preciso ter sempre os nervos muito bem controlados. E vou para casa, dormir...

ROBERTO — E apresentar o seu relatório a Sonia...

TAG — Sonia deve estar dormindo há muito tempo. Eu só falarei com Sonia amanhã cedo, à hora do café...

CONTROLE: — PASSAGEM MUSICAL

C/REGRA — RUÍDO DE LOUÇAS

JULIA — Mais café, Sonia?

SONIA — Obrigada, Julia. Tag ainda não se levantou?

JULIA — Ainda não. É muito cedo ainda, menina. E Tag ontem se recolheu muito tarde. Algum serviço importante?

SONIA — Sim... Importantíssimo. (OT) Ah! Julia, você deve imaginar como eu me sinto. Você que tem

me acompanhando quase sempre. Você que me viu me

JULIA — Depois a vi pontualmente. Estive tanto tempo longe e quando você se lembrou voltei para servir...

SONIA — Para me servir, não, Julia. Você tem a arte de falar como uma criada. Mas sabe muito bem que é a minha única, a verdadeira amiga. Minha confidente...

JULIA — Aquela menina que veio ontem?...

SONIA — Sim, Julia. Era Nadir, a minha filha.

JULIA — Eu a conheci pelo "tê" nervoso de girar o anel no dedo. O mesmo hábito do que quando estava agitado, quando alguma coisa o preocupava...

SONIA — O pai... (COM DESPREZO) O pai que nem sequer sabe de sua existência. Onde estará ele, Julia?

JULIA — A última notícia que ali a seu respeito dava-o em Nova Iorque, atuando numa estação de rádio.

SONIA — Deve estar velho...

JULIA — Mas não parece. A revista que li traz uma fotografia dele. Ainda, bem conservado. E ficou mais simpático com a cabaleira quasi toda branca. Quer ver o retrato?

SONIA — Não. Não quero. Você sabe que iria me fazer mal. Envenenamos o dia. E hoje tenho muito que fazer. Quantas consultas foram marcadas para hoje?

JULIA — Dez... Inclusive uma bem difícil. Aquela dentista que escreveu a série de artigos criticando os advinhos e misticistas. O que está fazendo uma grande campanha contra você...

SONIA — Um homem inteligente. Entende bem do assunto...

JULIA — E ele se veio consultá-la, com toda certeza é para escrever nova série de artigos. Considero essa entrevista perigosa...

SONIA — (RI) E quando foi que eu fugi do perigo, Julia? Os homens são uns idiotas. Chegaram até mesmo a consultar animais, como o caso daquele burro que esteve tanto tempo no cartaz... Porque não virão consultar uma mulher bonita?

JULIA — Bem, Sonia. — Mas isso é um cientista e você mesma está dizendo que ele entende do assunto.

SONIA — Entende, Julia. Entende do que leu nos livros. Ele não sabe que vai se defrontar com uma mulher inteligente e que possui milhares de recursos à sua disposição... (OT) Mandou seguir Nadir?

JULIA — Sim... Mandei. Ontem, ao sair daqui ela foi para casa...

SONIA — Diretamente?

JULIA — Não. Passou primeiro por uma igreja onde esteve rezando durante quase meia hora.

SONIA — Boa menina... Que bom ela ter lá! Terá consolo... Que a continuem vigiando. Principalmente quando Roberto estiver perto... (PORTA)

TAG — Bom dia, Sonia...

SONIA — Bom dia, Tag. Então, como passou a noite?

TAG — Bem... Dormi um pouco demais.

SONIA — Que tem para me contar de ontem?

TAG — Quasi nada. O meu Roberto saiu daqui, tomou um aperitivo na cidade, deu um telefonema e foi

reuniram a noite com Carlos. A's toas da manhã, foi para casa.

SONIA — Humm... E' esperto... (OT) Bem, Tag, Bora fazer um trabalho difícil.

TAG — Já sei... O tal cientista que tem escrito nos jornais.

SONIA — Justamente. E julgo achar que não deve atendê-lo.

JULIA — Sim, é perigoso...

SONIA — Nada disso. Olhe, Julia, mande a copeira servir o café para o Tag, sim?...

JULIA — Está bem... Eu vou... (PASSOS PORTA)

SONIA — Digamos Tag, o que temos sobre esse professor... professor. Como é mesmo o nome dele?

TAG — Juvencio de Siquiera... E' o nome que ele usava. Mas fui a um cartório e sei que costuma assinar em alguns documentos o nome todo: Juvencio Antonio de Siquiera...

SONIA — Ótimo. E que mais?

TAG — Consegui também alguns manuscritos dele. E estive estudando-os grafologicamente.

SONIA — Que tal o tipo? Violento?

TAG — Não, ao contrário. Um diplomata com por cento. Esperto, lógico e muito pouco intuitivo. Não assimila rapidamente, mas sabe deduzir tirando a verdade de tudo. Franco, excessivamente franco, mas com uma vontade forte, controla essa tendência...

SONIA — Ah!... Um cliente difícil.

TAG — Casado. Vive exclusivamente para os estudos. A mulher sente-se infeliz. Não tem filhos...

SONIA — A mulher, como se chama?

TAG — Lida...

SONIA — E o outro?

TAG — Quem lhe disse que existe outro?

SONIA — Deduzi de suas informações, Teo. Ora, francamente, eu aliada continuo a ser Madame Sonia... O nome do outro?

TAG — Fernando... E' um professor de dança, Juvencio tratado com superioridade e ignora o romance.

SONIA — Está bem, Tag. Vencemos a partida. Ele pode vir...

CONTROLE — INTERLUDIO

SONIA — Tag... Ligue a vitrola, acenda o queimador de incenso...

TAG — Como sempre?

SONIA — Agora não... Não quero luzes veladas. Deixe a sala bem iluminada. Quero atacar meu inimigo podendo ver bem as suas reações fisiológicas...

CONTROLE — ENTRA MUSICA COMO FUNDO

TAG — Pronto... Posso mandar o homem entrar?

SONIA — Mande... (PASSOS LEVES-PORTA)

TAG — Professor Juvencio, é a sua vez...

JUVENCIO — (APROXIMANDO-SE) Com licença... O senhor de que região da Índia é?

TAG — Eu não sou indiano, senhor. Nasci no norte

do Brasil. Fui ao norte, como pedira meu amigo chinês. Apontou habilidade de caracterização...

JUVENCIO — Interessante... Desde a noite começo a encontrar inimigos graduados.

SONIA — Perfeitamente, Professor Juvencio "Antonio" de Siquiera... Podemos atribuir uma nacionalidade como também adotamos um nome...

JUVENCIO — Vêjo que madame está bem informada a meu respeito.

SONIA — Creio que sim... Tenha a bondade, senhor.

JUVENCIO — Julgo que já encontrou um ambiente sério, em boa luz...

SONIA — A boa luz eu uso para os clientes comuns. Para um adversário como o senhor, muita claridade... Clareza até nas palavras, no modo de trabalhar. Sim, porque o senhor gosta da verdade, amante da verdade...

JUVENCIO — E no entanto, na sua classe, gostam de mistério, muito mistério. Desde os tempos de Hermes, escrevendo sua ciência em hieróglifos até...

SONIA — Até Madame Sonia usando rádio, telefone, companhia oculta e outras trucas moderníssimas... (OT) Começamos: que deseja saber: passado, presente, ou futuro?

JUVENCIO — O meu passado a senhora já deve ter indagado...

SONIA — Perfeitamente. Sei mesmo que o senhor deve ter uma cicatriz na perna esquerda...

JUVENCIO — Porque naturalmente soube que eu sofri uma queda durante um ataque...

SONIA — Logo, é inútil falarmos do passado. Do presente? Ou do futuro?

JUVENCIO — Do futuro eu seria obrigado a ouvir sem contestar. Só futuramente poderia dizer se acertei ou não...

SONIA — Nesse caso eu não compreendo o que deseja o senhor...

JUVENCIO — Não compreendo mesmo?

SONIA — Espere... Tag, tenha a bondade de nos trazer aqui ao professor os trucas que usamos...

TAG — Perfeitamente, senhora. Por obsequio, professor. Tenha a bondade de vir comigo. (PASSOS) Aqui está a vitrola, oculta, afinada de encher o ambiente de música, dando um tom de mistério a tudo... Vamos desligá-la...

CONTROLE CESSA A MUSICA

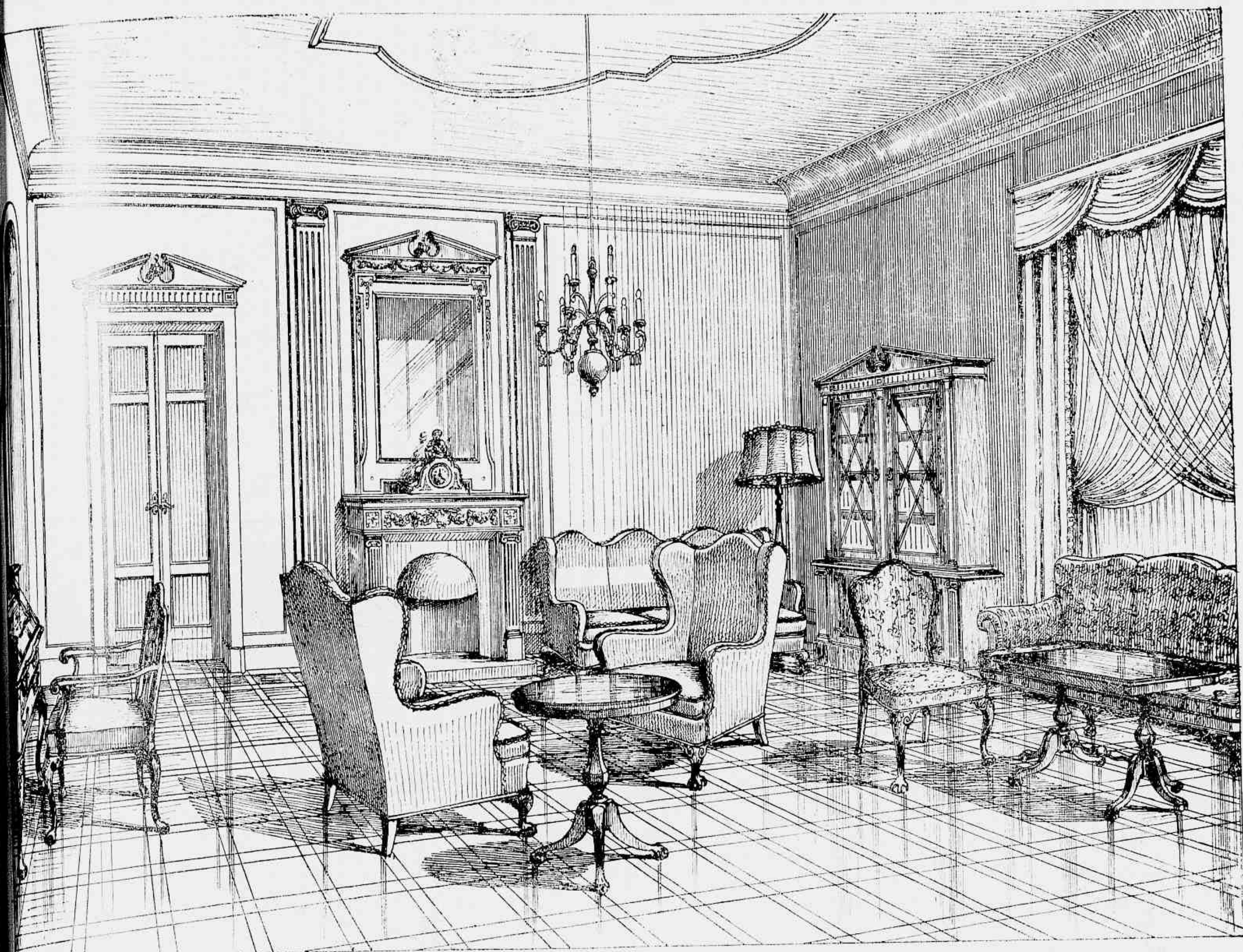
TAG — Lá na sala de espera, temos microfones ligados que nos permitem ouvir a conversação dos que estão aguardando a sua vez. Ainda há pouco ouvimos uma senhora dizer: "Eu não acredito nisso. Só quero ver se ela descobre que sou casada. Tirei a aliança"...

SONIA — O senhor compreende que o prazer que todo mundo experimenta em conversar, contar os seus segredos, nos facilita muito o trabalho.

JUVENCIO — E' justamente o que esperava. Eu já estive examinando a sala. Creio que os microfones estão instalados nos quadros da parede.

TAG — Um no quadro da parede. Outro naquele vaso com flores...

JUVENCIO — E' habilidosa a senhora, não nego.



Aqui está um modelo de "living-room", ótimo para ser aproveitado numa casa residencial de família grande. A peça deve ser espaçosa e clara. Os móveis são todos pintados em cores claras, as poltronas forradas de cetim branco. Ao fundo, ocupando um vão, uma lareira estreita, trabalhada em mármore branco, produz um ótimo efeito ornamental. Ao lado um armário de portas envidraçadas. O número de cadeiras pode variar de acordo com o tamanho da sala. Ao centro deve estar colocada uma mesinha redonda de pés em garra.

LIVING-ROOM

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Para Bolso ou Bolsa... a TRIUMPH "TUCKAWAY"!



A nova TRIUMPH "Tuckaway" da SHEAFFER está sempre "à vontade" onde quer que seja transportada - em bolsos de casacos ou em bolsas de senhoras - e em segurança, qualquer que seja a posição. Para transportes especiais, o novo "clip" FAST-ON ajusta-se automaticamente aos mais grossos tecidos ou às mais finas camisas. Pequena quando fechada, mas de ótimo tamanho para escrever quando aberta. Pelas suas dimensões, capacidade, depósito transparente, pelo seu fácil reabastecimento e pela suavidade de sua pena "Lifetime" * - pela sua beleza de jóia finamente trabalhada - a caneta TRIUMPH "Tuckaway" da SHEAFFER é, reconhecidamente, a melhor! Nela se combinam novas facilidades de escrever, com extrema durabilidade e finos materiais, trabalhados segundo os mais altos padrões de perfeição.

SHEAFFER'S

Representantes exclusivos no Brasil:

M. AGOSTINI & CIA. LTDA.

Novas canetas
"TRIUMPH"

*

Novas lapiseiras
"FINELINE"

RIO DE JANEIRO: AV. RIO BRANCO, 47 - 1.º AND. • SÃO PAULO: R. DINO BUENO, 212 - CAIXA POSTAL 344 • PORTO ALEGRE: RUA DOS ANDRADAS, 894